

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**  
**MESTRADO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

**lêda de Oliveira Caminha Silva**

**A ÁRVORE NA TORÁ: uma análise simbólica e mítica**

**JOÃO PESSOA/PB**

**2011**

**lêda de Oliveira Caminha Silva**

**A ÁRVORE NA TORÁ: uma análise simbólica e mítica**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eunice Simões Lins Gomes.

Co-Orientador :Prof<sup>o</sup>Dr<sup>o</sup> Marcos Ferreira Santos

**JOÃO PESSOA/PB**

**2011**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

**A ÁRVORE NA TORÁ: uma análise simbólica e mítica**

lêda de Oliveira Caminha Silva

Dissertação apresentada à banca examinadora constituída pelos seguintes  
professores:

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eunice Simões Lins Gomes  
(Orientadora – PPGCR/UFPB)

Prof. Dr. Marcos Ferreira Santos  
(Membro-Externo – USP)

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Fernanda Lemos  
(Membro-Interno – PPGCR/UFPB)

Prof. Dr. Fabrício Possebon  
(Suplente – PPGCR/UFPB)

Dedico:

Aos Meus pais, minhas raízes.  
Aos Meus irmãos, árvores do meu jardim, crescemos juntos.  
A Jefferson, galho da minha primavera.  
A Guilherme, galho do meu outono.

## Agradecimentos

Agradeço a Deus minha seiva e respiração, razão da minha existência.

A Jailson, meu esposo, parte na minha árvore, que me completa e viveu comigo todos os momentos até esse fruto.

À Minha Orientadora, Professora, Dr<sup>a</sup> Eunice Simões Lins Gomes. Sei que a relação orientadora-orientanda é relação de confiança. Pois na pesquisa está o verde de seu nome que implica seu ser. Sem esse verde minha árvore não teria cor. Agradeço pelas orientações, confiança e estímulos que alimentaram minha autoconfiança, determinação e coragem.

Ao meu Co-orientador Professor, Dr<sup>o</sup> Marcos Ferreira Santos, carvalho experiente, que como professor de criança de sua verticalidade se dobrou para ensinar a uma árvore tão pequena.

Às Cunhadas e aos sobrinhos, chuva e sol que alegam meus dias.

Aos amigos, folhas da minha árvore quanta alegria por vocês fazerem parte da minha vida. Sem vocês eu sou como uma árvore no outono; sem folhas.

Aos que fazem o PPGCR Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Que através do conhecimento alimentou a semente que fez essa árvore nascer.

Agradeço a CAPES-CNPQ órgãos financiadores que me concederam enquanto aluna bolsista a realização dessa pesquisa.

Ao PROCAD que manteve o mestrado sanduíche entre UFPB-UMESP (2012) em que tive a oportunidade de com tranquilidade terminar minha pesquisa com um ano e três meses.

## RESUMO

“A ÁRVORE NA TORÁ: uma análise simbólica e mítica” é o nosso desejo/objeto, cujo objetivo é analisar o símbolo da árvore nos livros de Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, através da hermenêutica simbólica de Gilbert Durand, que possibilita desvelar os mitos decorrentes das imagens catalogadas. Na investigação, contemplamos a árvore viva e a trabalhada pelo homem em suas intervenções criativas. Procuramos através de pesquisa bibliográfica desenvolver os objetivos: descrever, analisar e interpretar as imagens da árvore além de analisar simbólica e miticamente a influência do símbolo na cultura judaico-cristã. Consideramos que o símbolo da árvore percorre os regimes do imaginário, se revela arquétipo feminino, de verticalidade cósmica, e, também, traz à tona mitos como o do regresso ao útero, da criação, do paraíso, do novo nascimento, e outros mais que na cultura judaico-cristã respondem aos questionamentos e apazigua a existência.

Palavras-chave: Árvore. Torá. Símbolo. Mito.

## ABSTRACT

“The tree on the Torah: A symbolical and mythological analysis”, is our desire/object, that has as objective to analyze the symbol of the tree on the books of Genesis, Exodus, Leviticus, Numbers and Deuteronomy, through Gilbert Durand's symbolic hermeneutics, that makes possible to unveil the myths decurring of the cataloged images. On the investigation, we contemplated the live tree and the human worked tree in its creative interventions. We tried, through bibliographic research, to develop the objectives: to describe, to analyze and to interpret the images of the tree and also to analyze symbolically and mythologically the influence of the symbol on the judaic-christian culture. We consider that the symbol of the tree runs through the realm of the imaginary and reveals itself as female archetype, of cosmic verticality, and, also, brings the myths as the regress to the womb, the creation, the paradise, the new rebirth, and others that in the judaic-christian culture answers to the questioning and appeases the existence.

Key-Words: Tree, Torah, Symbol, Myth.

## SUMÁRIO

|                                                |           |
|------------------------------------------------|-----------|
| <b>1INTRODUÇÃO</b>                             | <b>09</b> |
| <b>2.AS RAÍZES</b>                             | <b>17</b> |
| 2.1 As raízes do símbolo da árvore             | 17        |
| 2.2 As Ciências das Religiões                  | 19        |
| 2.3 Gilbert Durand raiz de referência          | 22        |
| 2.4 A alma se enraíza no mito                  | 27        |
| 2.5 As raízes do jardim                        | 29        |
| 2.6 Constituintes femininas da árvore          | 34        |
| 2.7 As imagens femininas da árvore na Torá     | 37        |
| <b>3.O TRONCO DA ÁRVORE</b>                    | <b>40</b> |
| 3.1 A origem pastoral da Torá                  | 41        |
| 3.2. Do cajado ao cetro                        | 42        |
| 3.3 A <i>axis mundi</i>                        | 48        |
| 3.4 A <i>axis mundi</i> na Torá                | 51        |
| 3.5 Arquétipo de verticalidade cósmica         | 57        |
| 3.6 Simbolismo de ascensionalidade             | 59        |
| <b>4 DOS GALHOS E FOLHAS</b>                   | <b>65</b> |
| 4.1 Do desejo de voar                          | 66        |
| 4.2 A árvore aérea voa no ato criador do homem | 67        |
| 4.3 A árvore na Torá voando                    | 74        |

|                                                            |     |
|------------------------------------------------------------|-----|
| 4.4 Árvores que voam têm raízes seguras-----               | 79  |
| 4.5 Voando na experiência mítica -----                     | 80  |
| 4.6 A árvore que voa se adaptando-----                     | 81  |
| 4.7 O imaginário da cruz, um voo de árvore -----           | 83  |
| 4.8 As mulheres, árvores voadoras-----                     | 85  |
| 4.9 As árvores nas estações -----                          | 86  |
| 5 Considerações finais: dos frutos da árvore da Torá ----- | 91  |
| 5.1 O tempo da colheita -----                              | 92  |
| 5.2 O tempo e a transcendência-----                        | 94  |
| 5.3 Sementes e caroços, novas árvores-----                 | 97  |
| 5.4 Plantar resulta em festa, em transcendência-----       | 100 |
| REFERÊNCIAS-----                                           | 102 |



## 1 INTRODUÇÃO

Para responder ao nosso desejo de estudo, procuramos descrever o primeiro momento como surgiu nossa relação com a temática selecionada para desenvolver o mestrado em Ciências das Religiões na UFPB – o memorial. Prosseguindo, estruturamos a pesquisa em três capítulos: “as raízes”, “o tronco da árvore” e “dos galhos e folhas” e, finalmente, construímos nossas considerações, intituladas “dos frutos da árvore na Torá”.

Nosso trabalho desenvolveu-se a partir da pesquisa descritiva, bibliográfica e encontra-se inserido no programa de pós-graduação de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, na linha de pesquisa religião, cultura e produções simbólicas.

Seguindo uma fenomenologia compreensiva, fizemos uso da metodologia proposta por Gilbert Durand (2001) a hermenêutica simbólica, que foi construída por ele tendo como base a Teoria geral do imaginário. Descrevemos passagens que contêm os símbolos da árvore na Torá, buscando identificar qual a imaginação simbólica da árvore e os mitos decorrentes dessas imagens.

Ao analisar as imagens da árvore na Torá procuramos compreender seu sentido mítico simbólico, devido à trajetória simbólica, e em seguida analisamos como esses mitos influenciam a cultura judaico-cristã. Assim, pretendemos contribuir para um conhecimento mais amplo dessa simbologia.

Na verdade, não nos recordamos quando começamos a ter interesse pelo símbolo. Apenas nos lembramos de que, em 1979, ainda na pré-adolescência, já participávamos de grupos de estudos da Bíblia, ali na vizinhança junto a outros amigos. Em 1986, na juventude, foi quando desejamos estudar teologia com o intuito de saber das coisas concernentes a Deus; assim, fomos estudar em um seminário, pois queríamos encontrar respostas aos questionamentos que as escrituras suscitavam.

No seminário, éramos obrigados a ler várias vezes a Bíblia. Nas leituras, ficávamos encantadas com as passagens bíblicas que remetiam às árvores; as que chamavam a nossa atenção em especial eram às árvores que estão em Gênesis (2.9), as da vida e a do conhecimento do bem e do mal. É certo que outras imagens

também eram significativas, porém estas duas pareciam ter algo mais a nos falar, e nos davam o que pensar, entretanto, por mais que buscássemos entendimento, ficávamos com incógnitas, por exemplo, onde estavam estas árvores? E em que épocas foram colocadas ali, queríamos explicações históricas.

No seminário, comentava-se que a cruz de Cristo fora pregada no centro da terra. Tudo isso nos deixava pensativas e fascinadas, e tudo ficou guardado em minha memória. Após concluir o curso teológico, em 1989, passei dez anos ensinando a Bíblia. No meio desses anos, fiz o curso de Pedagogia na UFPB e o conclui em 1995. Daí por diante ensinei desde disciplinas teológicas em seminários às pedagógicas em faculdade.

Em 2006, fui dar aula de Ensino Religioso no município de João Pessoa. Recordo ainda que, quando ensinava às crianças, falava das árvores e o quanto a natureza era bela, e o fato de as árvores serem verdes e não de outra cor. Outra lembrança que trago à memória é a dos tempos do seminário quando, em um determinado momento, saí da capela e fui para perto das árvores e embaixo delas ofertei flores ao Senhor; queria ficar bem perto do meu transcendente, ficando perto da natureza.

Os professores da rede municipal recebiam orientação do Ensino Religioso com o olhar das Ciências das Religiões. Durante cinco anos, exerci o magistério. Como professora de Ensino Religioso, atuamos desde a Pré-escola ao Ensino Fundamental e EJA (Educação de Jovens e Adultos). Na caminhada, senti o desejo de continuar estudando, para tanto direcionamos nossa pesquisa à área de educação e fenômeno religioso. Começamos a procurar um grupo de pesquisa na UFPB. No GEPAL – Grupo de Estudo e Pesquisa em Antropologia do Imaginário, lembramo-nos do simbolismo da árvore. Os estudos e pesquisas nesse grupo nos permitiram estudar as Estruturas Antropológicas do Imaginário. Com base nessa teoria, passamos a nos interessar pelo seguinte problema: quais os símbolos e mitos presentes no simbolismo da árvore descrita na Torá, a partir da Teoria Geral do Imaginário de Gilbert Durand?

Desta maneira, brotaram-nos as raízes de uma árvore, exigindo-nos seu lugar em nosso mundo, pois a sua imagem e seus devidos questionamentos estavam guardados em nosso imaginário. Assim, surgiu o desejo de investigarmos a questão:

quais os sentidos das construções simbólicas das imagens das árvores na Torá e seus mitos referentes que influenciam a cultura judaico-cristã?

Procuramos os sentidos da globalidade do fenômeno religioso, bem como as discussões e ressonâncias em torno dele e o que ele produz, por meio da hermenêutica simbólica, que é a bússola que nos orienta e que também reivindica a autonomia do indivíduo e de suas produções com isso o pesquisador se coloca diante da natureza do homem.

As imagens de árvores são percorridas de forma notória, em Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, o que suscitou o desejo de investigar essas imagens. Por isso o nosso tema proposto é: *A árvore na Torá: uma análise simbólica e mítica.*

Eis logo adiante uma poesia que retrata bem do que diz respeito à pesquisa, e como o texto foi escrito. A árvore abordada trata-se de uma árvore junto a outras ainda que não geograficamente, mas no tempo e espaço míticos, pois este tempo não pode ser medido e o espaço é hierofânico. A sacralidade do símbolo desvenda o complexo mundo mítico.

VELHAS

ÁRVORES

Olha estas velhas árvores, mais belas  
Do que as árvores novas, mais amigas:  
Tanto mais belas quanto mais antigas  
Vencedoras da idade e das procelas...

O homem, a fera, e o inseto, à sombra delas  
Vivem livres de fomes e fadigas;  
E em seus galhos abrigam-se as cantigas  
E os amores das aves tagarelas...

Não choremos, amigo, a mocidade!

Envelheçamos rindo! Envelheçamos  
Como as árvores fortes envelhecem!

Na glória da alegria e da bondade,  
Agasalhando os pássaros nos ramos,  
Dando sombra e consolo aos que padecem.

OLAVO BILAC (1974)

A árvore, desejo/objeto de nosso estudo, encontra-se nos livros de Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio – livros da Torá. A Torá é uma palavra de etimologia incerta, traduzida correntemente segundo a tradição dos escritos de Moisés, que passou a ser termo também de uso técnico para indicar no judaísmo os cinco livros do Pentateuco, que, de acordo com a Enciclopédia bíblica (2009), significa estantes onde se colocavam os livros.

Nestes escritos, encontramos a árvore, foco da análise da pesquisa. Procuramos, então, saber onde estavam localizadas as da vida e a do conhecimento do bem e do mal no relato de Gênesis. Segundo Girard (1997), a imagem da árvore do conhecimento do bem e do mal pode ser vista como a do conhecimento da felicidade e da infelicidade ou do conhecimento total.

Contemplamos o artefato ativo e criativo numa compreensão bachelardiana não apenas na imagem da árvore, mas numa relação da árvore, objeto/desejo com o uso do fogo, água, ar e terra vistos como elementos primitivos ativos das mãos do que cria; uma forma filosófica poética e artística. É uma proposta que busca compreender tudo que o homem faz, e “a linguagem, o mito, a arte e a religião são partes desse universo. São vários fios que tecem a rede simbólica, o emaranhado da experiência humana.” (CASSIRER, 1994, p.2).

Seguiremos, portanto, as pegadas propostas por Bachelard, pois compreendemos a relação da árvore com os quatro elementos, porque além desta ser comparada ao ser humano como o próprio relato bíblico sugere: “Ele é como árvore plantada junto a correntes de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha; e tudo quanto ele faz será bem sucedido” (SALMOS 1. 3), a árvore também precisa dos mesmos elementos para viver.

Assim esta pesquisa contempla o poético, o sensível, o desejável, o que torna significado para a cultura judaico-cristã, bem como para o ser humano como um todo, pois nos apegamos à ontologia da árvore e à ontologia do ser humano numa homologia com o símbolo.

Não há empenho nem engajamento epistemológico ou cognitivo que dispense a relação amorosa com o pseudo-objeto da relação eu-outro-mundo muito antes de conhecer algo, se ama este algo, e por isso mesmo, a participação mística é ponto de partida da relação epistêmica e não seu ponto de chegada (FERREIRA-SANTOS, 2005, p.63)

Eis aqui o porquê do desejo/objeto de estudo: para haver um engajamento no estudo, faz-se necessário uma relação de afeto, de amor; uma relação que tem o seu começo antes de conhecer o que se deseja.

Em Girard (1997), são abordados os detalhes dos símbolos bíblicos, que são por ele considerados de “primeira classe”, ou seja, os oníricos responsáveis pela estruturação dos sonhos e dos símbolos míticos e religiosos. Os que buscam realidades divinas, porém complexas para o ser humano. Um exemplo são as asas dos pássaros que passam a ideia de voo, leveza, de libertação da escravidão da gravidade; a ideia de ascensão do homem; o que os onirólogos dizem é que isso é constatado nos sonhos com frequência, pois o desejo de voar está no inconsciente de cada pessoa.

Segundo Durand (1988), através da imaginação simbólica, o símbolo estabelece um equilíbrio antropológico através dos canais que as culturas oferecem. Ocorrendo, assim, uma integração entre elas e o diálogo de umas com as outras; desta forma as sociedades e culturas perpassam seus mitos diretivos pelos inúmeros meios de comunicação como a mídia, as artes, a literatura e outros. Isso instaura no homem uma visão trágica da vida e do universo. “No mito nada está isolado ou sem sentido, pelo contrário tudo pertence a uma rede de relações” (GOMES, 2009, p.74).

O símbolo surge para apaziguar o ser, que é equilibrado e, por sua vez, equilibra o universo. Existe um constante reequilíbrio social através da “pressão pedagógica” e as gerações passam umas para as outras o apreendido de outras maneiras, e transforma a mensagem para as gerações futuras o que possibilita o equilíbrio sócio-histórico, isso é uma ação permanente do símbolo.

O ser humano busca um significado e um sentido para a sua vida e isto pode ser encontrado por meio do símbolo, visto que este, enquanto linguagem, se expressa sem barreiras, limites, conceitos e preconceitos. Assim a humanidade tem necessidade dos símbolos para viver, pois estes expressam a linguagem da alma, cheia de sentidos, os quais muitas vezes são impossíveis de ser expressos pela fala. É essa linguagem simbólica que transcende o humano limitado; sendo portal para o ser humano satisfazer todas as áreas do seu viver, pois o homem é um '*animal symbolicum*' e "É inegável que o pensamento simbólico e o comportamento simbólico estão entre os traços mais característicos da vida humana" (CASSIRER, 1994, p.3).

Finalmente, sem invadir a área das revelações religiosas e da fé, a antropologia simbolista, seja a de Mircea Eliade, seja a da poética do devaneio, resulta nessa inevitável constatação: tanto o regime diurno como o noturno da imaginação organizam os símbolos em tarefas que sempre reconduzem a uma transcendência que se coloca como valor supremo (DURAND, 1988, p. 108).

Segundo Girard (1997), os símbolos bíblicos podem ser reduzidos a quatro experiências absolutamente fundamentais: primeira a consciência de um transcendente que se manifesta; segunda a necessidade de incubação do útero; terceira a consciência de ser atacado por forças obscuras e a quarta a necessidade de elevação e de autopercepção. São essas quatro experiências básicas que sustentam os quatro símbolos respectivamente: teofânicos, matriciais, ponerológicos e os de verticalidade cósmica.

O homem, por sua postura vertical, junto à experiência da consciência de um transcendente, manifesta-se nele o desejo de elevação e de autossuperação, por isso, o homem busca aproximar-se do transcendente e para tanto faz uso dos símbolos. Conforme Girard (1997), o símbolo da árvore é símbolo matricial e de verticalidade cósmica.

A religião enquanto uma ponte dirige sempre para um encontro de relação com o absoluto, o transcendente. Logo, a religião vive em primeiro lugar da busca que o ser humano procura vivenciar com o ser supremo. Uma experiência que só pode ser percebida de forma clara a partir de cada tradição religiosa. "É finalidade e aspiração dos símbolos religiosos darem sentido à vida humana" (JUNG, 2008, p.248). Assim os símbolos religiosos apontam, sinalizam, revelam, mostram, falam das necessidades do humano.

Quando ensinamos sobre as imagens das árvores da Torá, contemplamos a prática religiosa construída nos seus relatos sagrados. Nesta dissertação, pensamos na contribuição no que tange a área simbólica por ser esta um vasto campo dos conhecimentos culturais da humanidade.

A árvore se constitui num arquétipo, símbolo universal que na perspectiva ontológica é paradigma da divindade e do cosmos. Também como “a verticalização da árvore orienta, de uma maneira irreversível, o devir e humaniza-o de algum modo ao aproximá-lo da estação vertical significativa da espécie humana” (DURAND, 2001, p. 338). A árvore na Torá, desejo/objeto de nossa análise, está sendo desenvolvida numa perspectiva mítica.

Há mais de meio século, eruditos ocidentais passaram a estudar o mito não como fábula, invenção, ou ficção, mas como uma realidade cultural, segundo visão eliádica (1972). Segundo Durand (2001), o mito é mais do que contar como faz uma história, parece ter o papel de repetir, possui a mesma estrutura da música.

Essas repetições possuem um conteúdo semântico que quer dizer que no sincronismo tanto a qualidade dos símbolos quanto a relação das repetições do protagonista e dos dramas são importantes. Nestes dramas os homens experienciam no desvendar mítico o momento com o sagrado. “Ora a hierofania ocorreu em todo lugar, que será considerado um espaço sagrado [...] O *homo-religiosus* vai sentir a hierofania como uma comunicação [...]” (POSSEBON, 2008, pp. 18 e 19).

Conforme Durand (1988), a imagem fala por si mesma o que o artista quis revelar. Assim entramos no campo do simbólico. Existe uma confusão com relação aos termos que devem ser usados no imaginário e isso talvez tenha ocorrido na desvalorização sofrida pelo imaginário no Ocidente e na antiguidade clássica. A área predileta do simbolismo, segundo Durand (1988), é o sensível em todas as suas formas inconscientes, metafísica e sobrenatural. É representante de coisas ausentes ou impossíveis de se perceber. Em se tratando de representação, existem duas formas de representar o mundo: as formas diretas e indiretas. Na direta, o objeto parece estar presente na mente, assim como na percepção ou sensação. Já a indireta, sem nenhuma razão o objeto não pode se apresentar de forma sensível.

Aqui o objeto é apresentado em um sentido vasto. A amplitude da imagem da árvore na Torá está entrelaçada ao mito. “Nessa perspectiva, de juntar o imanente e

o transcendente numa única trama, o mito não permite que o homem se sinta um estranho no universo” (GOMES, 2009, p.74).

No primeiro capítulo, trazemos a temática da alma que se enraíza nas tradições e as raízes do jardim lugar das primeiras imagens. Expomos as constituintes femininas da árvore e observamos que a cultura judaico-cristã não se desvinculou dessa imagem mítica. Iniciamos as descrições das imagens da árvore na Torá e sua análise simbólica fazendo uso do método de convergência.

No segundo capítulo, apresentamos como a árvore percorre o caminho do cajado ao cetro e evidenciamos vários momentos deste símbolo nos livros selecionados. Bem como a *axis mundi* no Pentateuco e em outros mitos e seus aspectos de verticalidade e ascensionalidade, além de lançar as imagens e analisá-las através da hermenêutica simbólica. Buscamos desvelar as constelações de imagens que evidenciam mitos e assim compreender de forma panorâmica o mundo judaico-cristão.

No terceiro capítulo, contemplamos as árvores que voam. Analisamos o símbolo e, em forma de poesia, elucidamos os aspectos do voo, os da liberdade criadora e os da necessidade de raízes firmes da infância com seu imaginário; com isso, consideramos as releituras para o mundo judaico-cristão. Assim chegamos à árvore da cruz um voo do imaginário simbólico cristão. Analisamos, também, as mulheres-árvore que voam e descrevemos a árvore nas estações atrelada a poesias e mitos.

Nas considerações finais, descrevemos sobre a flora na Bíblia, o tempo, a necessidade de plantar e os resultados do plantio pela reflexão e análise textual e da imaginação poética.

Convidamos o leitor a apreciar essa árvore desejo/objeto de nossa pesquisa.

## **2 AS RAÍZES**

Introduzimos o nosso estudo buscando responder o nosso objetivo principal, que consistiu na análise simbólica de algumas imagens da árvore na Torá, na identificação dos mitos decorrentes e sua influência na cultura judaico-cristã.

Selecionamos, no primeiro momento, a raiz da árvore, situamos o símbolo em algumas culturas nas suas tradições e mitos; bem como o desenrolar histórico da construção da área Ciências das Religiões em que foi realizada a pesquisa. Tendo em vista nossa compreensão da importância desta área para nortear os caminhos científicos e metodológicos para a pesquisa de fenômenos religiosos. Ainda descrevemos a fundamentação teórica, a raiz do nosso trabalho, e em seguida apresentamos o método de convergência simbólica, o qual propõe analisar como os símbolos se organizam em uma cultura. Neste momento, propusemos que a alma se enraíza e toma a árvore-símbolo como inspiração, uma vez que a árvore comunica os mundos do imaginário humano conforme as tradições religiosas e culturais.

Em um segundo momento, iniciamos as descrições das imagens das árvores a partir de alguns relatos da Torá, momento em que delineamos o nosso estudo, e começamos a análise do símbolo por meio da metodologia escolhida para a pesquisa, e discorremos os espaços sagrados na raiz das culturas pelo mito, o momento de hierofania e da relação metafórica árvore-homem.

No terceiro momento, discorremos sobre as constituintes femininas da árvore observando sua universalidade arquetípica, símbolo feminino em diversas culturas antropomorficamente falando.

Em último momento deste capítulo, podemos contemplar a constituinte feminina da árvore na Torá, nos utensílios do tabernáculo em que as imagens expressam um sagrado que conduz a cultura judaico-cristã.

### **2.1 As raízes do símbolo da árvore**

A linguagem antropológica perpassa o geográfico, o cultural e o etnológico, mesmo assim ainda é possível perceber certa resistência sobre a leitura dos símbolos e mitos. “A decifração e a decodificação dos símbolos mais importantes constitui uma chave pedagógica ideal e insubstituível para a evolução rápida e sem choques da mentalidade do leitor contemporâneo” (GIRARD, 1997, p.8).

Considerando a árvore numa dimensão propedêutica, não sabíamos que ela tinha tanto a ensinar. Assim como na Grécia antiga “o pedagogo era o educador por cujas mãos a criança grega atravessava os anos a caminho da escola por caminhos da vida” (BRANDÃO, 1985, p. 43), as árvores também ensinam com sua constituição porque se enraízam ao solo, e dele tiram toda sua subsistência a despeito dos tempos difíceis e estações; vivenciando seus ciclos sazonais renovando-se com força o bastante para continuar sua existência assim como aquele pedagogo grego, que era um escravo velho e estrangeiro e cuja experiência desafiava a existência. Por tudo isso, devemos tomar as árvores como exemplo de vida em sua disposição para ascender, crescer, e viver.

As árvores se contextualizam. Espalhadas por todas as partes, em diversas culturas sabem como viver e crescer; independentemente do mundo ao redor, elas cumprem seu papel. Assim, percebemos que apontam caminhos essenciais para a vida, e sua simbologia de mestre, nos ensina. Quem deseja aprender com elas pela sua ontologia pode tirar lições, é só sentar à sombra de uma delas; buscar como cultivá-las, e conhecer todo seu potencial de vida, longevidade, resistência e firmeza diante das estações, dos tempos e dos maus tratos por parte da humanidade. É esse caminho de peregrinação que além dos livros poderemos percorrer. Para aprender com as árvores temos que nos tornar como elas:

Para entrar em estado de árvore é preciso partir de um torpor animal de lagarto às três horas da tarde, no mês de agosto. Em dois anos a inércia e o mato vão crescer em sua boca. Sofremos alguma decomposição lírica até o mato sair na voz. Hoje eu desenho o cheiro das árvores (BARROS, 2000, p.17).

Percebemos com o poeta que aprendemos com a árvore quando nos “relacionamos” com ela e dela recebemos silenciosamente seus ensinamentos. A função de todo pesquisador é transferir para a pesquisa seu desejo de estudo e ao mesmo tempo se transferir para o desejo/objeto. É o afetivo em ação, sem o qual não pode

ser a pesquisa. Assim o sujeito atinge uma realidade psicológica na tentativa de entender a realidade do objeto-desejo e suas relações estruturais compreensíveis.

Segundo Costa (2007), a árvore e seus significados religiosos já aparecem em 4000 a. C., na Mesopotâmia, e em 2000 a. C., já está difundida no Oriente próximo. Daí termos “árvores da vida”, no Egito, na Grécia, nas civilizações indianas, no Cristianismo, Judaísmo, Islamismo ou Budismo.

Na perspectiva de compreender o símbolo da árvore e ao perceber sua relação com diversas religiões, ou seja, integrante do fenômeno religioso, compreendemos a importância de um tópico destinado a Ciências das Religiões, área que orienta o estudo dos fenômenos religiosos.

## **2.2 As Ciências das Religiões**

A questão metodológica é amplamente discutida nas academias. Olhando para a polissemia do termo religião, a interpretação dada ao fenômeno religioso é fruto da diversidade epistemológica; seu enfoque deve ser a interdisciplinaridade e o pluralismo religioso o que parece ser de fato a situação da maioria dos programas de pós-graduação. No Brasil, o pluralismo metodológico nos programas de pós-graduação é a marca principal. Na UFPB, o termo para o curso é definido: Ciências das Religiões, bem como seu objeto de estudo o fenômeno religioso.

Segundo Usarski (2006), foi na metade do século XIX que a matéria Ciência da religião enquanto acadêmica foi institucionalizada nas universidades embora já se soubesse sobre religião entre a antiguidade grega. O termo com o decorrer do tempo tornou-se complexo e diferenciado. Foram mudanças ideológicas e sócio-históricas que construíram esse saber sistematizado sobre religião. A Ciência da Religião foi institucionalizada e teve avanços com a exploração geográfica e os pesquisadores que se dedicaram ao estudo de tradições.

O progresso teve início com a filologia. Começando pelo termo religião que é entendida de formas diferentes e muitas vezes confundida com teologia. Em muitas línguas europeias a palavra latina *religio* tem suas raízes na colonização.

Os vocabulários latinos atribuem, em geral, significados correntes entre os autores clássicos: “escrúpulo”, “consciência”, “exatidão”, “lealdade” e outros afins. Nenhum desses termos, como se pode observar corresponde à ideia veiculada na nossa cultura pela palavra “religião”: *religio*, no mundo latino

pré-cristão, essencialmente um estilo de comportamento marcado pela rigidez e pela precisão; no máximo, evocava as modalidades de execução de um rito, que pelo caráter da religião romana era regido por normas muito rígidas e escrupulosas (FILORAMO; PRANDI, 1999. p255).

O fato é que não existe consenso entre o termo, tendo em vista a sua trajetória. Segundo F. Schleiermacher (2000), o estudioso de religião não deveria abordar apenas uma religião, pois as avaliações impensadas ou imprecisas seriam um erro. Segundo o filósofo e teólogo alemão, a palavra religião possuía insuficiência semântica, tendo em vista as incontáveis religiões bem como seus conteúdos imensos.

Como já havia um vasto conhecimento de várias partes do mundo desde o século XVII se estendendo pelo Século XVIII como o Canadá, as civilizações andinas, a África, partes da China e Ásia, percebeu-se que as religiões deveriam ser abordadas sem deixar de observar o que cada uma tinha de precioso bem como no modo plural.

As religiões podem ser escolhidas, investigadas como grupos, sistemas de princípios ou como ‘experiências sedimentadas’. A experiência é o objeto central do estudioso em Ciências das Religiões. Seu objeto de estudo é reivindicado por outras ciências, mas apesar disso reclama sua autonomia. Conforme Camurça (2008), a Ciência da(s) Religião(s) nasce e se desenvolve confrontada entre duas linhas de força: Ciências Humanas e Teologia.

George Muller já dava curso de história das religiões em 1837 antes de sua institucionalização. Todavia Max Muller foi quem introduziu o termo Ciência da Religião como disciplina e, segundo ele, a disciplina deveria ser comparativa. As Ciências das Religiões é uma nova área acadêmica em que é colocada a necessidade de que o fenômeno religioso seja estudado com autonomia e interdisciplinaridade.

O problema de polissemia do fenômeno traduz pluralismo metodológico e, portanto, ainda não possui resolução definitiva. Camurça (2008) diz que a polissemia de interpretação dada ao fenômeno religioso é fruto da diversidade epistemológica como ele é encarado, pois é constituído por duas alternativas “explicar” ou “compreender” a religião; cujo enfoque deve ser a interdisciplinaridade.

A discussão acerca da metodologia seguiu uma longa caminhada, sendo amplamente discutida nas academias. Todavia convêm-nos falar um pouco dessa caminhada até chegarmos às escolas simbólicas e à hermenêutica simbólica, metodologia proposta por Gilbert Durand, com a qual estaremos trabalhando em nossa pesquisa.

A Sociologia da Religião e a Etnologia da Religião disputaram o objeto de estudo, a dificuldade consistia em estabelecer o limite de cada uma. A princípio, cabia aos etnólogos o estranho, as culturas estranhas, e aos sociólogos, as culturas mais conhecidas. Porém, dizer que uma cultura era estranha por não ser conhecida se tornou um questionamento. Foi ainda no século XX, em 1955, que o estranho foi dissolvido por Claude Lévi Strauss. Assim, descobrindo o objeto em suas formas de constante transformação, a Etnologia da religião se dedicava às culturas ágrafas.

Ao comparar-se Etnologia das Religiões com Antropologia Cultural, partindo da compreensão de cultura como uma totalidade, buscava-se estudar o contato, a comparação e a transformação das culturas. Mas, os etnólogos, em seus primeiros trabalhos, eram orientados pela pergunta sobre as origens da religião. Nos anos 60 e 70, a etnologia se volta à análise da religião por formas simbólicas e encaminha à chamada volta interpretativa. Já nos EUA, a dedicação dos etnólogos foi à descrição e a análise de religiões em contextos culturais concretos.

A partir de 1996, questionou-se a prática da pesquisa de campo e a etnologia, e a relação mútua entre pesquisador de campo e objeto de análise, e a apresentação dos objetos pesquisados.

No século XX, surge a mitodologia e junto com ela outras ciências investigam o mito. Claude Levi Strauss (1908-2009) desenvolveu o estruturalismo para analisá-lo e transferiu suas reflexões para a etnologia. Nessa forma de se estudar, não se observa a historicidade, nem verdades, e seu arcabouço é mítico nele estão às estruturas primordiais do pensamento humano.

As experiências religiosas passaram a ser estudadas numa perspectiva antropológica, a partir do mito que dirige as relações entre a religião e os outros aspectos da cultura humana; a Sociologia estuda o fenômeno religioso como fato

social e institucional; a antropologia religiosa tem o olhar no comportamento, sinais, linguagens e símbolos.

Seguindo a orientação antropológica as escolas simbólicas fazem uso de uma linguagem que expressa o sagrado. Um método fenomenológico em que se coloca no centro da experiência religiosa o problema da exigência de significado; além disso, analisam as morfologias simbólicas não de modo abstrato, mas relacionados ao contexto social que a produz.

Dessa forma, não seria possível outra abordagem para o nosso estudo a não ser a proposta por Durand, que toma Mircea Eliade como referência para as estruturas antropológicas do imaginário conforme descreveremos a seguir:

### **2.3 Gilbert Durand raiz de referência**

Tomar Gilbert Durand como referência para pensar o homem, exige um caminho metodológico que se define pela compreensão do humano com base nas narrativas mitológicas. Ele continua considerando o ser humano numa perspectiva universal sem adotar o percurso idealista fundado num discurso racional que se constrói por meio de figuras ideais descritas numa suposta história universal da humanidade.

Pelos caminhos do mito, Durand (2008) espera se libertar da “cama de ferro” criada pelo idealismo para definir o homem. Procrustes, personagem da mitologia grega, sequestrava as pessoas e as colocava em sua cama de ferro. Quando sua vítima era menor que a cama, esticava-a até ficar do tamanho da cama. Porém, quando a vítima era maior, suas pernas eram cortadas. Inspirado nesse mito, Durand pensa que a antropologia não pode ser considerada uma cama de ferro que serve de modelo rígido para enquadrar o ser humano de maneira idealista. Sua antropologia é elaborada com base nas estruturas simbólicas das narrativas mitológicas.

Estamos num cenário em que o homem não se reduz à leitura eurocêntrica da antropologia tradicional. O discurso claro e distinto da racionalidade cartesiana é substituído pelas imagens simbólicas dos mitos.

O Cristianismo é marcado pela racionalidade ocidental quando estabelece uma aliança com a cultura greco-romana, por outro lado, tem suas raízes na cultura judaica do Oriente Médio, possui uma série de elementos novos, traz, portanto, uma nova mensagem. Todavia não se desvincula dos laços estritos com o judaísmo, um exemplo disso é a crença num Deus único.

A proposta durandiana é fazer ciência a partir dos mitos cuja base não é a racionalidade tradicional. Vai resgatar a imagem do homem e vai confrontar à civilização europeia. Escreve-se nessa tradição de teóricos que apesar de terem as noções diferentes fazem a mesma pergunta: o que é o homem?

O homem é considerado a partir de estruturas comuns que não se alteram ao longo do tempo. Essa posição revela arcaísmos de desejos e afetos, que estão presentes na vida humana independentemente da sua cultura (em toda a humanidade).

Durand (2008) vai resgatar a *philosophia perennis* do homem por considerá-la a base para suas reflexões antropológicas. No lugar de adotar a *antropology* (modelo norte americano), que pensa o homem por meios de estudos empíricos com base na paleontologia, sociologia e psicologia, Durand acredita que a antropologia filosófica pode lhe oferecer reflexões capazes de colaborar com suas perspectivas de estudos simbólicos e míticos acerca do humano.

Gilbert Durand expõe sua teoria nos dá elementos que definem o imaginário. É o conjunto de imagens e de relação de imagens que está no pensamento do homo-*'sapiens'* sendo o grande denominador que arruma os procedimentos do espírito humano. (PITTA, 1995, p.2)

Durand segue os passos de Bachelard (1884-1962), que fez um estudo sistemático e interdisciplinar dos símbolos partindo de diversas disciplinas e campos de pesquisa. Também observa os passos de dois filósofos alemães, W. Dilthey (1833-1911) e E. Husserl (1869 -1938), que estabeleceram a oposição existente entre o método explicativo e um método compreensivo. Pelo método compreensivo Durand busca analisar o sentido da realidade do ser humano.

Outros pilares da teoria durandiana são Cassirer (1874-1945), que mostra a importância do homem como animal simbólico; e Mircea Eliade (1907-1987), estudioso do pensamento mítico e autor do “Tratado da História das Religiões,” que

fala do mito como a experiência existencial da humanidade que permite encontrar-se e compreender a si mesmo.

Durand trata do mito, do tempo mítico e diz que toda cultura é possuidora de potência diretiva que é perpassada pelos diversos meios de comunicação como a mídia, as artes, a literatura e outros. Faz-se aí uma integração pelo diálogo entre as culturas. Ele afirma que o imaginário se manifesta por meio do símbolo, que está presente em todas as relações sociais, sejam estas políticas, religiosas ou outras.

Esse sentido da realidade está no mito diretivo que toda cultura possui com suas imagens universais (arquetipais) estão em constelações, presentes em narrações, sob as ações transformadoras da situação social, o que implica em uma unidade entre o indivíduo, a espécie e o cosmos (PITTA, 1995, p.3).

Para Durand, o Imaginário em uma cultura, ou em um indivíduo é construído da mesma maneira. “o símbolo é concebido como uma síntese equilibradora através da qual a alma individual se une a psique da espécie e oferece soluções apaziguadoras aos problemas apresentado pela inteligência da espécie” (DURAND, 1998, p.102).

A teoria durandiana nos propõe alguns métodos de análise, selecionamos o método da convergência simbólica, o qual é uma demonstração de como os símbolos se organizam em uma cultura desvelando seu imaginário cultural. Seu método propõe algumas etapas para esta formação e organização: O schème são os gestos naturais do corpo humano como a verticalidade de sua postura; o gesto de engolir e o aconchego na intimidade; denominado por Durand como responsável pelos gestos inconscientes e que leva em conta emoções e afetos. Em seguida ele fala de arquétipos, e segue o caminho proposto por Jung (1875-1961) que fala do inconsciente coletivo, considerando-se tudo que é inato, e primeira imagem coletiva de onde nascem as ideias.

Os símbolos são concretamente visíveis no cotidiano dos indivíduos e das culturas em seus rituais, mitos, literatura, artes plásticas, etc. No mito estão expressos os símbolos, arquétipos e schèmes, os quais promovem a racionalização e organização social. As imagens universais, que transformam, formam e organizam o social, são organizadas em relatos míticos e regem o mundo: “São os mitos que

harmonizam a vida dos sujeitos sociais com a realidade em que vivem, Porque são arquétipos que lidam com os magnos problemas humanos” (GOMES, 2009, p.77).

Durand (2001) percebe, ao fazer um levantamento de imagens em diversas culturas, que a consciência diante da morte se desdobra para alcançar os dois regimes do imaginário. Algumas culturas valorizam mais uns schèmes que outros correspondendo à condição do ser humano. Desta feita uma cultura pode perceber o universo a partir de duas perspectivas: uma dividindo o universo, e outra harmonizando-o, respectivamente, como, por exemplo: alto/baixo, bem/mal etc. E assim valoriza a individualidade, o arquétipo do herói, o exercício do poder, a ação. Já para as culturas que percebem o universo pelo schème da harmonia valoriza mais a coletividade, o arquétipo de mãe, e tudo que se refere a ela. Não se deve classificar uma cultura em uma única estrutura, diurna ou noturna, mas se pode perceber qual o polo predominante em uma dada cultura e assim temos condições de compreendê-la. As culturas possuem a maneira própria para estabelecer a relação que existe entre a sua sensibilidade e o meio.

Os regimes de imagens são estruturados pelos símbolos. “[...] tanto o regime diurno como o noturno da imaginação organizam os símbolos em tarefas que sempre reconduzem a uma infinita transcendência que se coloca como valor supremo.” (DURAND, 1998, p.108).

Nos símbolos estão as representações do meio cultural, com seus diversos sentidos para serem descobertos. “Além de possuírem um duplo sentido, também ocorrem em regimes antagônicos” (GOMES, 2009, p.77). Apesar dessa ordem e organização, os elementos do método de convergência não precisam estar necessariamente nessa ordem. Nossa atenção deve estar voltada para a imagem da árvore na Torá. Assim como diz o poeta:

O rio que fazia uma volta atrás de nossa casa era a imagem de um vidro mole que fazia uma volta atrás de casa. Passou um homem depois e disse: Essa volta que o rio faz por trás de sua casa se chama enseada. Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que fazia atrás de casa. Era uma enseada. Acho que o nome empobreceu a imagem. (BARROS, 2000, p.25).

É a imagem que dá asas à imaginação, e o símbolo possui uma parte indivisível e indizível; na imaginação simbólica, o símbolo consegue transbordar seu

universo sensível, manifestando e repetindo de forma incansável o ato epifânico, com seu caráter comum de redundância.

Por possuir ambiguidade na interpretação, o símbolo mostrará uma coisa e esconderá outra, ou seja, ao ser interpretado, sempre existirá uma explicação tácita, permanecendo sempre um mistério, um enigma. As leis que o destacam são as bipolaridades, dois opostos, duas partes que se opõem; e possuem também polivalência, versatilidade e diversidade. O símbolo escapa da lógica binária, pois a sua realidade é a pluralidade. Essa foi a percepção das antigas tradições e sabedorias orientais e ocidentais. De acordo com Durand as estruturas do imaginário humano são plurais.

todo imaginário humano articula-se por meio de estruturas plurais e irreduzíveis, limitadas a três classes que gravitam ao redor dos processos matriciais do 'separar' (heróico), 'incluir' (místico) e 'dramatizar' (disseminador), ou pela distribuição das imagens de uma narrativa ao longo do tempo. (DURAND,2004, p.40)

O caráter simbólico engloba os contrários em diversas realidades e desvela aspectos contraditórios que pertencem igualmente a ele, todavia nem sempre se revela.

Aqui a partícula 'siin' significa sentido e a partícula 'bilde' significa forma. Todo símbolo teria essa dupla injunção de uma forma, isto é, de uma casca superficial de seu aspecto mais visual icônico que comporta e conduz um determinado sentido[...] e esse sentido nem sempre é explícito, nem sempre é dizível...(FERREIRA-SANTOS,2005, p.70)

Assim o símbolo se empenha em unir os opostos, seu princípio não é de igualdade ou de diferença, é de uma terceira via que faz jus ao '*mysterium tremendus*'. Existe um dinamismo no símbolo, com poder próprio de indagar, mergulhar no desconhecido indo além do limitado conhecimento da razão. Substitui a relação do ego revelando o homem a si mesmo através de uma experiência cosmológica. O símbolo possui função mediadora, estende pontes e reúne elementos que estão separados estabelecendo relação entre o real e o sonho, o inconsciente e a consciente. Assim o símbolo tem função unificadora, e situa o homem em uma rede única de relações sintetizando a unidade entre o inferior terrestre e celeste.

Presumivelmente, na natureza, de um modo geral, a árvore é o objeto de observação mais interessante. Na verdade esse símbolo produz um encantamento.

O que ocorre é que vivemos em um mundo onde o tempo é tomado pelas muitas ocupações que constituem a vida adulta atual.

Para Bachelard (2001), a árvore está entre um dos temas que pela vida imaginária demandaria um livro. Visto que o mundo vegetal se liga a um mundo de devaneios, pois em plena vegetação revivemos nossos primeiros momentos da infância, nesse poder do ciclo da natureza que nos faz reviver a cada primavera.

#### **2.4 A alma se enraíza no mito**

Conforme as raízes mais arcaicas das Tradições religiosas e culturais, na árvore coexistem três mundos que a torna agente de comunicação entre eles: subterrâneos, também conhecido como metafísico; o da superfície, conhecido como mundo humano; e o dos céus que é o mundo do divino. Isto para as culturas que acreditam na existência dessas três regiões simbólicas. Além disso, temos na árvore cósmica a maior veneração, pois ela se encontra no centro do mundo. Esta possui um antepassado longínquo que se perde nos tempos míticos.

São muitos os fenômenos que marcam a vida da árvore e o seu desenvolvimento: a floração, a frutificação, os ciclos sazonais; elas em suas espécies variadas impressionam. Cada árvore com sua beleza e grandeza próprias possuem alguns fatores comuns a todas elas, mas com suas especificidades. Por exemplo, as sequóias e eucaliptos podem chegar a 100 metros; estas e a oliveira podem viver 2.500 anos.

A árvore fornece ao homem sua madeira e doa sua vida na construção de casas, ornando-as com objetos talhados pela inteligência humana; além de infinitas outras utilidades como em navios, barcos. Ou seja, a árvore está em todos os momentos da história da humanidade quando viva fornecendo alimento e depois de morta produzindo bem estar a essa humanidade e por fim vai morta junto com o homem ao túmulo.

Visto que os objetos de madeira não conseguiram apagar a imagem da árvore viva, que tem neles conservada a lembrança da sua verticalidade, vigor, firmeza e imponência; sempre alimentando a energia do poeta. “Mas em meio a essa designação implica o trabalho da madeira; e, é a nosso ver, um devaneio do *homo Faber*” (BACHELARD, 2001, p.210).

Segundo Girard (1997), nas locuções metafóricas, a madeira muitas vezes representa o homem, como numa disposição psicológica: “ser de madeira”, “ter a

face de madeira”, representam um temperamento duro e fechado, e podem indicar a personalidade em geral como “ser de boa madeira”, “julgar a árvore por seus frutos”. Existem casos em que a imaginação entra pelas vias das propriedades da madeira, como você é um “verdadeiro carvalho” que indica a força do carvalho. Ou um estado de embriaguez, quando se diz , “você está nas videiras”. Assim percebemos a imagem vegetal traduzindo uma qualidade negativa ou positiva. A analogia à árvore se aplica a vários campos como anatomia, genealogia, álgebra, filosofia, didática, linguística, etc.

Simmons (2010) escreveu sobre a árvore na Torá conforme os parágrafos que se seguem, ele diz que esta é comparada a uma pessoa. Por que a comparação? A árvore precisa de quatro elementos básicos para sobreviver como o solo, a água, o ar e o fogo. Está associada à água fertilizante, é símbolo de vida pelas suas transformações sucessivas, pela sua humanização. Em se tratando do fogo, a árvore precisa do calor da luz do sol para sobreviver, pois ativa o processo de fotossíntese. Os seres humanos também precisam do fogo e de calor para sobreviver. Como o calor da amizade, da comunidade. As pessoas absorvem as forças, a energia dos amigos, da família, dos parceiros o que direcionam suas vidas, ações e as identificam.

Ainda conforme Simmons (2010), no Talmude os ensinamentos têm como base a família e a comunidade. O poder da comunidade é ilustrado no Talmude:

Um homem idoso estava plantando uma árvore. Um jovem passa e pergunta o que você está plantando? Uma árvore de alfarroba, responde o velho homem. Ora seu tolo, disse o jovem. Você não sabe que levam 70 anos para uma árvore de alfarrobas dar frutos? Não há problema, disse o velho homem. Assim como outros plantaram para mim, eu planto para as futuras gerações. O povo judeu vela não só pela geração atual, mas pelas outras que virão. Eles pensam no ser humano que não deve desaparecer da terra, mas deve continuar aqui. Esse é o mundo que Deus fez para que todos vivam, porém o cuidar da terra é dever das pessoas que devem fazer a sua parte. (SIMMONS,2010)

Existem muitas imagens, nos textos de nossa análise, e algumas delas apontam para o simbolismo da árvore. Estas podem ser de árvore/arca, árvore/mesa, árvore/bastão. O desejo/objeto de nosso estudo é a árvore viva ou morta para uso da humanidade, bem como a imagem dela na cultura judaico-cristã.

Parecem-nos importantes todas as imagens que prefiguram a árvore viva; que possivelmente traz em si um conhecimento, que ultrapassa o consciente individual e perpassa o inconsciente individual e coletivo de toda humanidade. Indica o homem que faz uso do material transformado sem esquecer a imagem viva de onde ele foi retirado ainda que inconscientemente.

Segundo Geertz (1989), os padrões culturais são conjuntos de imagens, cujas relações entre si modelam e possuem os dois sentidos “de” e “para”. Com a preposição “de” é enfatizada a manipulação das estruturas simbólicas que as coloca mais ou menos próximas, num paralelo com um sistema não simbólico preestabelecido é um modelo de realidade. Já o “para”, o que se enfatiza é a manipulação dos sistemas no símbolo.

## 2.5 As raízes do jardim

E apascentava Moisés o rebanho de Jetro, seu sogro sacerdote em Midiã e levou o rebanho atrás do deserto e veio ao monte de Deus, a Horebe. E apareceu-lhe o anjo do Senhor, em uma chama de fogo, no meio de uma sarça; e olhou, e eis que a sarça não se consumia. E Moisés disse: Agora me virarei para lá e verei esta grande visão, porque a sarça se não queima. E, vendo o Senhor que se virava a para lá a ver, bradou Deus a ele no meio da sarça e disse: Moisés! Moisés! E ele disse: Eis-me aqui. E disse: Não te aproximes daqui, disse o Senhor a Moisés; tira a sandália de teus pés, porque o lugar que te encontras é uma terra santa (ÊXODO 3.1-.5) .

A verticalização das imagens conforme Girard (1997) é a mais valorizada pelo psiquismo ligada à moralidade e à metafísica, isso explica o texto quando Moisés sobe ao monte de Deus. Um esquema simbólico que implica alcançar o céu, o divino. Isso explica os templos altos, as pirâmides, os obeliscos, as torres, os altares elevados, as flechas das igrejas. Indica um isomorfismo das imagens solares, macho e celeste. Da estrutura simbólica sairá os pensamentos racionais.

“Seja como for, nos dois casos, como coluna ou como chama, a árvore tem tendência a sublimar-se, a verticalizar a sua mensagem simbólica” (DURAND, 2001, p. 340). Moisés viu o fogo na sarça, lá no monte. No entanto, observemos que a hierofania acontece na própria árvore. Ali, no monte de Deus, em Horebe, onde Moisés apascentava as ovelhas. Sendo árvore vai sempre trazer à mente a já conhecida árvore do jardim, ou seja, nas raízes do pensamento estão as primeiras

imagens apresentadas. Mais uma vez de pé, em cima de um monte remonta toda sua verticalidade e ascensionalidade do símbolo.

“Os gregos atribuíram ao fogo, o primeiro apoio de toda cultura humana.” (CAMPBELL, 2007, p.207). A tocha olímpica nos remete a esse sentido, tendo o fogo como sinal dos vencedores, além do heroísmo vinculado aos esportes. A simbologia do fogo ainda nos traz diferentes aspectos, como lembranças de experiências humanas individuais e determinantes que não perecem.

Quem não se lembra dos tempos de criança? Quando brincávamos com fogo e pela vela passávamos o dedo e não nos queimávamos; e dos fogos das festas juninas; festas religiosas, que ocorrem em algumas culturas durante a celebração das colheitas. E das fogueiras que alguns amigos insistiam em pular; e que acender o fogão era proibido e víamos na cozinha o fogo que nos chamava a atenção. Espaços sagrados da nossa infância, verdadeiras evidências do sagrado que nos causavam medo e ao mesmo tempo nós o desejávamos.

Segundo Bachelard (1989), a desobediência da criança representa a tendência de o homem ser senhor da sua própria lareira e admirar a chama que o seduz, provocando nele o desejo de desvelar algo mais além do já foi visto, uma vez que essa admiração pelo fogo é inata e estar presente no homem desde os primórdios. “A árvore é muitas vezes imaginada como o ‘pai do fogo’: loureiros e buchos que crepitam, sarmento que se torce nas chamas, resinas, matérias de fogo e de luz cujo aroma já por si arde num verão escaldante” (DURAND, 2001 p. 331).

O espaço sagrado está ligado à experiência religiosa primária precedendo assim a reflexão do ser no mundo. É uma rotura em um espaço que constitui o mundo e descortina o “ponto fixo” eixo central de toda orientação para a existência futura; portanto é a hierofania que revela o centro de tudo e todas as orientações parte desse espaço.

Sidarta Galtama saiu do palácio de seu pai, enfrentou muitas dificuldades, como um rio com águas profundas para atravessar, padeceu necessidades, levando a alteridade ao extremo, mas, em certo dia, após receber comida de uma jovem e jogar a tigela de ouro no rio, e ela que flutuava, acreditou ser um sinal de que logo teria a vitória e buscou a grande árvore da iluminação, a árvore BO debaixo da qual

iria redimir o universo. Nesse caminho a natureza o homenageou, todavia sob a árvore BO o deus do amor e da morte surgiu montado em um elefante com armas e exército para destruí-lo e tudo que foi forjado contra ele foi transformado em flores. E até o elefante se ajoelhou diante dele, o exército foi dissipado e recebeu a iluminação na alvorada. E debaixo da árvore recebeu os ensinamentos do nirvana conforme Costa (2007).

Eliade (1972) compreende hierofania etimologicamente como algo sagrado que se revela para nós, pode ser em uma pedra, árvore ou outro objeto qualquer. Até mesmo hierofania suprema, que para o cristão é a encarnação de Deus em Jesus Cristo. São manifestações que acontecem no mundo natural e faz o natural ser transformado pela hierofania em uma realidade sobrenatural, portanto especiais, mas continua sendo ele mesmo. “Em outras palavras, para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. O cosmos, na sua totalidade, pode tornar-se uma hierofania” (ELIADE, 1972, p.13).

Assim, esse sagrado vivenciado pelo homem tem relação com as suas conquistas no cosmos. O *homo religiosus* possui em geral um comportamento com todas as suas dimensões existenciais condicionadas muitas vezes pela cultura e pela história. Já o homem que recusa a sacralidade e assume uma existência sem religião não consegue abolir completamente o comportamento religioso, pois, inconscientemente, conserva e valoriza traços do religioso da sua cultura. Esse homem se move forçado pelas obrigações de sua existência e imposições da cultura em que está inserido.

Em sua memória e cotidiano sempre intervêm valores que lembram a experiência religiosa do espaço. As paisagens da terra natal, lugares onde teve os encontros e viveu seus primeiros momentos são locais únicos e sagrados de um universo, como se nesses espaços o ser não religioso participasse de outra realidade. Assim é a igreja para o cristão, um local diferente e é lá no recinto sagrado onde, segundo Otto (2007), o homem se comunica com o *mysterium tremendum*, pois lá existe uma porta para o céu.

Na compreensão de Eliade (1972), O homem deseja sempre voltar a casa, lembrar-se das primeiras experiências e assim buscar a origem de tudo o que existe e isso não é característica apenas das sociedades arcaicas. Nos séculos XVIII e

XIX, as pesquisas buscavam a origem do universo, da vida, das espécies, inclusive do homem, das sociedades, das Instituições, do casamento, de todas as coisas de um modo geral. O retorno à origem é específico da mente arcaica, é algo que também é da mentalidade do homem contemporâneo, através da rememoração há uma libertação da obra do tempo.

“Conhecer a origem é poder dominá-la” (ELIADE, 1972,83), tendo em vista que o conhecimento mítico produz uma consciência que liberta de temores e dar respostas às questões da existência. “E disse: Produza a terra relva, ervas que deem semente e árvores frutíferas que deem frutos segundo a sua espécie, cuja semente esteja nele, sobre a terra e assim se fez...” (GÊNESIS 1.11).

O texto fala de frutos e de vários tipos de árvores que davam frutos conforme a espécie. Traz em si a imagem do schème dominante: o da deglutição, que traz o afetivo dos pais à memória, pois deles provém a alimentação. A primeira a prover é a mãe, que como as árvores, carrega o ser no ventre e a ele dá vida, alimentando-o antes mesmo de nascer. Já o pai se faz presente pela possibilidade de tirar a mãe de perto, tirar, portanto, o alimento; talvez por isso muitos falem de construir casas em árvores para ficar no alto, quem sabe mais perto de seu provedor, Deus!

Aqui se faz presente o mito da criação: um ser superior criou tudo para o bem da humanidade. A árvore frutífera mostra o ciclo da natureza bem como seu poder regenerador do cosmos com seus ciclos sazonais. Pois, por suas sementes, as árvores se perpetuam e passam a existir em outras árvores.

Não existe tempo exato para o mito, mas é na estrutura mítica que teremos conhecimento dos acontecimentos, ações e eventos divinos e humanos que mostram todo o desenrolar da vida do homem; suas escolhas, modo de vida, vestir, conviver, decidir caminhos que o tornam feliz. “A principal função do mito consiste em revelar os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas” (ELIADE, 1972, p.13).

Na narrativa mítica, o tempo sagrado é reestruturado. O passado e o futuro misturam-se ao sobrenatural e juntos as ideias humanas rompem com qualquer momento individual, humano ou histórico.

Segundo Pitta (1995), o homem não é mais apenas um objeto a ser estudado, mas este e os fatos que o cercam são observados com sensibilidade para sua compreensão. Assim entramos no plano simbólico, pois simbolizar faz parte da natureza do homem; essa realidade nos leva a perceber de forma mais ampla a vida cultural dos símbolos para compreendermos melhor o mito em questão.

Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosos, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal áurea de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 1989, p.67).

Compreendemos que as raízes podem indicar uma comunicação com outras árvores pela terra que a todas alimenta e de onde as árvores tiram seu sustento. Isso repercute na necessidade de o ser humano relacionar-se com o outro; das suas necessidades e destas de uns para com outros.

O símbolo produz força e harmonia de sentido acima das dissonâncias, sentido além das angústias, da solidão e da morte; é o olhar do coração que encanta e faz o homem, pelas vias do simbólico, encontrar respostas para suas inquietudes existenciais. Segundo Cassirer (1994), o ser humano é compulsivamente simbólico, portanto, essa é sua condição de ser e existir.

Consideramos então como o símbolo une as pessoas e através da cultura dá sentido as suas angústias de ser finito; ameniza a tensão antropológica que permeia o ser e o fazer do homem em sua relação social e temporal. Ao atravessar o umbral do pensamento simbólico, a possibilidade comunicativa é elevada para momento transcendental.

O contato com a árvore é a possibilidade de interpretar e compreender o símbolo, isso exige a tranquilidade que o símbolo revela. É um processo de degustação lenta que, após engolir ainda há algo a ser desvendado; exige assim uma recuperação contínua do que já foi compreendido. Entendemos que o símbolo suscita várias interpretações. “O símbolo se apresenta como fonte inesgotável de sugestões. O pensamento simbólico tem que estar continuamente à espreita para percorrer o caminho infinito, sem fim, [...]” (MARDONES, 2006, p.95).

As raízes de uma árvore, que é plantada, nos remonta à imagem da criança raiz do ser humano, pois, na árvore pode-se observar uma relação metafórica árvore-homem. Afinal, qual criança não se alegra por estar embaixo de árvores, quando, ao mesmo tempo em que brinca, aprende lições para a vida? Voltemos a

pensar em crianças, de como é mais fácil, ou mais prático, ser humano no sentido real da palavra. “As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis: elas desejam ser olhadas de azul – Que nem uma criança que você olha de ave. Poesia é voar fora da asa.” (BARROS, 2000, p. 21). As crianças vivem à busca de significados e de compreensão para tudo que está a sua volta, procuram com os outros iguais viverem uma realidade própria que se mistura com fantasia.

Assim como as raízes de uma árvore plantada em solo fértil também é a religião, em que a humanidade busca conceber significado para o seu mundo e a sua realidade, uma realidade que o homem mesmo cria. Desta feita a religião, os símbolos, as estruturas sociais são criações humanas. “Os símbolos sintetizam o *ethos* de um povo dinamizando e orientando a vida cultural” (GEERTZ, 1989, p. 66), ou seja, o ser humano é regido pelas significações simbólicas que permeiam sua existência e são expressões do ser cultural.

## **2.6 Constituintes femininas da árvore**

Entender a árvore como símbolo matricial é identificar o seu arquétipo feminino bem como a sua universalidade, o que lhe garante maior abrangência. Segundo Durand (2001) os arquétipos determinam gêneros estruturais e coerentes que manifestam uma realidade de que podemos descobrir o sentido completo.

Em quase todas as culturas do mundo, conforme Pontes (1998), a árvore é um símbolo feminino por excelência, e representam os instintos da maternidade, da gestação, da fecundidade, pois cria a vida, alimenta e protege. Portanto, é um símbolo que conta com as emoções mais profundas do ser humano. A associação da natureza com a mulher é imediata, a copa da árvore, por exemplo, lembra a cabeleira da mulher, e de dentro da árvore sai a seiva que tira o alimento da terra, faz a ligação com o céu; mediando os dois reinos, da terra e o celeste, além de servir de abrigo. De forma geral encontramos nas religiões mais tradicionais ritos, mitos e cultos consagrados à árvore, pois são tidas como sagradas.

“E disse Deus ainda: Eis que vos tenho dado Todas às ervas que dão semente e se acham na superfície de toda a terra e todas as árvores em que há fruto que dê semente; isso vos será para mantimento” (GÊNESIS 1.29) Assim a árvore representa a mulher que tem o poder para alimentar a humanidade. Ela cuida

do ser humano e supre as suas necessidades básicas. A mãe, antes de comer pensa nos filhos, ela muitas vezes se esquece de si mesma, mas, jamais se esquece dos que dela dependem. A árvore é a imagem da mulher, antropomorficamente falando.

As imagens que corresponde ao *schème* do aconchego na intimidade; sendo relacionado ao arquétipo da mãe como base para tudo, como a que cuida do lar, da nação, a que tem o domínio desde a psique à cultura. Essa imagem é sinônima de pátria, de santa, de lei, de mãe, de avó; a ela se deve respeito e obediência acima de tudo, pois ela é a razão do existir. Assim, o mito da grande mãe atravessa pelo imaginário dos umbrais simbólicos e se torna vida na existência do mundo judaico-cristão.

As árvores protetoras, nos diz Girard (1997), desempenharam papéis na vida dos primeiros homens, nos seus mitos e universo onírico e davam respostas a quase todas as suas necessidades. Sendo consideradas manifestações da presença de deuses na terra, além de cada árvore com sua essência particular que levava o homem a intuir que a natureza e o divino se interpenetravam.

Ao relacionarmos a árvore ao arquétipo feminino, temos, segundo Ottermann (2005), imagens de deusas que viviam e vivem no Oriente Médio e Mediterrâneo, região vasta na qual foi formada a religião cristã; possui também ramificações no judaísmo e em outras religiões do Antigo Oriente. Um exemplo disso é a tamareira e sua ligação a uma deusa que teve suas primeiras representações na Suméria e no Egito, são do terceiro ou segundo milênio a.C. Nas pinturas egípcias o tronco da palmeira se confunde com o da deusa. O tipo de deusa não é individualizado, pois nelas estão alguns nomes diferentes como Hator e Nut principalmente em sepulturas, que as mostram buscando renovação e ressurreição.

Ainda conforme Ottermann (2005), a maior elaboração desse imaginário foi na Suméria a primeira cultura alta da Mesopotâmia desenvolvida em cidades que ficavam em torno dos rios Eufrates e Tigres, atual Iraque. O que se observa são um vínculo das condições de vida e os segmentos sociais que permeavam o imaginário religioso. No Egito, o tronco da palmeira confunde-se com uma deusa cujos braços serviam comida e bebida para os que a adoravam. Sua imagem possui diferentes

nomes. Era a tamareira que tornava presente um tipo ou representações dessa deusa.

É possível que na imagem surja um modelo de autoconstrução da psique. Pois, a humanidade, as sociedades e os grupos constroem sua psique através das imagens. O homem, na sua eterna procura por respostas aos seus dilemas existenciais contra as faces do tempo e da morte, faz uso dos símbolos vivenciados pelos seus antepassados, como também os cria e os recria.

Ottermann diz (2005) que na região onde foram formadas Canaã e Israel, na Bíblia hebraica, na idade do bronze, ao longo do segundo milênio o divino era representado pela deusa-árvore que também tinha sua representação em objetos domésticos do cotidiano, e estavam localizadas em palácios e templos.

No Oriente Médio articula Ottermann (2005), a deusa-árvore possuía orelhas grandes que expressavam sua disposição de ouvir os seres humanos. Quando ela estava em objetos, localizava-se centralizada entre ramos o que desvelava seu elo com a vegetação sinônimo de fertilidade e crescimento; essa ligação era tão forte que a “Deusa nua” de Canaã e do Israel primitivo personificava o poder da terra em frutificar, sendo chamada de “Deusa-árvore” com os seus poderes femininos de doar e alimentar a humanidade. Além disso, as frutas e folhas que saíam do seu corpo tinham o poder da longevidade.

Profere Ottermann (2005) que Aserá era na maior parte do tempo venerada como uma árvore, cujo culto ocorria diante de uma árvore natural, ao ar livre, no topo de uma colina, ou sob a forma de um poste, ao lado de um altar ou de outra divindade. Todavia provêm do Egito e da Suméria as primeiras imagens de uma deusa ligada à tamareira.

Nas religiões do Oriente Médio e do Mediterrâneo, a tamareira tem sido, desde primórdios, uma das principais representações da presença divina, e nela, o corpo da deusa que faz nascer a vida e a alimenta confundiu-se, ao longo dos séculos, com o imaginário da árvore da vida (OTTERMANN, 2005, p.42).

A árvore mãe, mulher, amada, deusa são imagens correlatas em que o ser humano busca compreender seu mundo. Essa figura está ainda hoje forte na imagem de Maria que, em certos contextos do mundo judaico-cristão, é uma mulher

escolhida para ser a mãe do salvador, e, em outro contexto, é conhecida como a mãe de Deus. No imaginário, ela é a figura da deusa.

## 2.7 As imagens femininas da árvore na Torá

Podemos observar a simbólica matricial bem como a árvore arquétipo universal nos utensílios do tabernáculo. Vamos, pois, aos relatos dessas imagens:

Também farás uma mesa de madeira de cetim; o seu comprimento será de dois côvados, e a sua largura, de um côvado, e a sua altura, de um côvado e meio, cobri-la-ás com ouro puro; também lhe farás uma coroa de ouro ao redor. Também lhe farás uma moldura de ouro ao redor, da largura de uma mão, e lhe farás uma coroa de ouro ao redor da moldura. Também lhe farás quatro argolas de ouro; e porás as argolas nos quatro cantos, que estão nos seus quatro pés. Defronte da moldura estarão às argolas como lugares para as varas, para se levar as mesas. (ÊXODO, 25.27- 28)

A construção do tabernáculo foi ordenada pelo Deus de Israel para que no deserto houvesse um lugar para o culto. Observamos, na sua estrutura, a presença constante da árvore viva: na mesa onde era colocado o pão da proposição, a comida sagrada, essa simbologia remete à mulher, desvela sentido, nos lembra da mulher servindo; na construção das tábuas do tabernáculo: “Farás também as tábuas de madeira de cetim, que estarão levantadas [...] e cobrirás de ouro as tábuas e fará de ouro as suas argolas [...] Então levantarás o tabernáculo conforme o modelo que te foi mostrado no monte” (ÊXODO 26.15-30); no altar de holocausto: “Farás também o altar de madeira de cetim [...] Oco, de tábuas, o farás: como se te mostrou no monte assim o farão” (ÊXODO 27.1-8); no altar para queimar incenso: “E farás um altar para queimar o incenso de madeira de cetim o farás [...] E com ouro puro o forrarás, [...]” (EXÔDO 27).

Conforme o relato bíblico, o altar era coberto de ouro bem como as tábuas para que o tabernáculo fosse levantado, faz jus ao lugar da árvore na adoração. O ouro cobria, ainda, o altar dos sacrifícios para perdão da congregação, e apaziguar a relação entre ela e Deus. Também o altar de incenso para oferecer cheiro suave a Deus sinal da gratidão por todos os seus feitos. Essa passagem remete à simbólica matricial da árvore bem como o arquétipo de verticalidade. Nos mostra muito mais quando a ordem para colocar uma coroa na mesa que fora coberta de ouro, uma disposição de realza para com a mesa/madeira.

Nessas passagens a árvore perpassa os dois regimes em que é estruturado o imaginário. Na expressão de verticalidade, a árvore é diurna, guerreira e firme, todavia também pertence ao regime noturno símbolo de inversão. Imagem antídoto do tempo, o tempo não tomou o poder do símbolo da árvore, continua presente mostrando seu potencial de expressão de longevidade na natureza e na vida das pessoas e assim pelo imaginário humano pode apaziguar seu ser que luta contra o tempo e a morte que não podem ser detidos.

O Arquétipo da grande mãe pode ser percebido, pois o *schème* da deglutição está na imagem no tabernáculo. A árvore é honrada quando é revestida de ouro na presença de Deus e dos homens. A grande mãe que aparece nas culturas em suas diversas formas. O Cristianismo não se desvinculou dessa simbologia.

Através do mítico podemos compreender as formas de conduta em uma determinada cultura ou sociedade, e conferir seu valor religioso. Somente na perspectiva histórico-religiosa, as ações culturais serão vistas também como fenômenos culturais. Assim qualquer coisa ainda que monstruosa perde o caráter de pavor, pois o bem e o mal possuem significado mítico, estruturante da sociedade e é uma questão religiosa.

Como a música que transpõe barreiras, o símbolo fala todas as línguas, sendo ele um discurso do que não é dito com palavras; visto que o símbolo ultrapassa o racional, revelando um inconsciente. E aqui cabe bem pensar em Jung que defende a teoria de um “inconsciente coletivo, memória da experiência da humanidade, estruturado por arquétipos, que são as disposições hereditárias para reagir” (PITTA, 1995. p.3). Ou seja, um inconsciente com lembranças diferentes e pessoais e um inconsciente comum a um determinado grupo de pessoas.

Consideramos, neste capítulo, que o símbolo da árvore na Torá, expresso no imaginário da cultura judaico-cristã, está possivelmente presente nos dois regimes do imaginário. Desvela a figura do arquétipo de mãe, que deu vida, serve à mesa, cuida dos filhos e os protege. Na imagem da divisão, existem o sagrado e o profano, concomitantemente, todavia o desejado são os eventos, os momentos, que têm sua base no sagrado. Na cultura judaico-cristã está presente o mito de origem criadora, da vida, do sagrado; o feminino é considerado nesta cultura e tem seu espaço

conquistado de forma consciente e inconsciente. O sagrado, portanto, é o condutor da vida, valorizado e vivenciado desde as raízes familiares e da coletividade.

### 3. O TRONCO DA ÁRVORE NA TORÁ

Este capítulo foi construído a partir da visão da árvore na Torá como símbolo cíclico. Para tanto, iniciamos apresentando a árvore pastoral, considerando a sua ligação com as primeiras relações entre o homem e Deus.

No segundo momento, a árvore caminha do cajado ao cetro, quando no Sinai a lei foi colocada e o imaginário heróico se sobressai, e os mitos são contados numa relação com o meio em que viviam os habitantes da região. Mostramos, com a árvore-cajado, as experiências que o pastor teve com o sagrado, e depois desta se transformar em cetro, o pastor trocou o cajado pelo cetro, tornando-se o herói e a lei.

No terceiro momento, fizemos referência a *axis mundi* na Torá que antes de ser cósmica é árvore sagrada, encontrada em diversas culturas. A árvore Cósmica é símbolo do universo sendo encontrado em diversas mitologias e em Gênesis tem seu sentido matricial e fundante para a cultura judaico-cristã. No jardim do éden, podem ser vistos os mitos da criação, que trazem à mente as lembranças infantis, onde tudo começa, e a do pecado original. Referimo-nos à árvore Totem eleita pelos povos desde tempos imemoráveis.

Já no quarto momento, a *axis mundi* na Torá é arquétipo de verticalidade cósmica. Fizemos uma relação entre ela e o ser humano, trazendo à memória do leitor aspectos da humanidade, que se referem à infância para que se compreenda melhor esse arquétipo.

A árvore na Torá símbolo de ascensionalidade é o quinto momento quando entramos no mundo onírico, das raízes e lembranças presentes em nossos sonhos. Observamos os aspectos da árvore em relação ao ser humano e seus dramas.

Fizemos uma breve reflexão do regime de imagens crepuscular, que trata dos dramas vivenciados e enfrentados pelas culturas, os quais mostram as diversas preocupações da vida cotidiana. Nesse espaço, também, fizemos referência aos episódios da humanidade com relação ao futuro em uma fábula que trata dos desejos e sonhos de árvore, uma raiz antropológica.

No decorrer do capítulo, descrevemos as imagens simbólicas nos livros da Torá, tendo como base a hermenêutica durandiana. Fizemos a análise buscando desvelar as constelações de imagens, que evidenciam os mitos e nos possibilitam compreender um pouco mais o imaginário judaico-cristão.

### **3.1 A origem pastoral da Torá**

Conforme Ottermann (2005), na região da Suméria, viviam os pastores quando Israel ainda era apenas um rebanho, cuja região geográfica era dividida em quatro partes: ao sul, no baixo Eufrates, ficavam os pântanos, pomares, estepes e pastoreio; já ao norte, era a agricultura o meio de subsistência. As divindades representavam as condições de vida da região. Moisés ainda apascentava o rebanho de seu sogro Jetro (ÊXODO 3.1-5).

Pela imaginação simbólica a árvore na Torá cumpre seu papel indizível, sua função transcendental indo além do objetivo para recriar formas que encham a alma de sentido e significado. A árvore vivenciou a época em que Israel não era nação, e antes de chegar ao Egito sua função era pastoral. Era usada para cuidar das ovelhas, assim como linguagem metafórica era uma Torá que não havia passado pelo Egito ainda quando pastoral, mas ao sair do Egito era o príncipe Moisés que conduzia o povo e a imagem da árvore ficou associada ao cetro. Passa a ser símbolo de ordem do universo judaico-cristão por suas rememorações, representação simbólica e imaginária de sentidos e significados para a cultura judaico-cristã.

O mundo dos primeiros ancestrais de Israel era formado por ricos e poderosos. Nas terras entre eles existiam fortalezas as quais protegiam os lavradores que a cultivavam, isso tudo nos vales fluviais do Egito e da Mesopotâmia. Nessa região, também havia lavradores nômades que buscavam um bom pasto para o rebanho (ENCICLOPÉDIA DA BÍBLIA, 2009).

Quando a seca e a fome eram grandes e toda Canaã sofria, foi José do Egito que garantiu a sobrevivência do povo a partir dos grãos que armazenou. Os

descendentes de Jacó viveram por mais de quatrocentos e cinquenta anos no Egito devido à grande fome, todavia cresceram muito e ali formaram uma nação (GÊNESIS 42.1-38).

Consideramos a história de José, no livro Gênesis, um dos relatos mais belos que lemos na Torá. No entanto, delimitamos nossa análise para o desejo de nosso estudo: o símbolo da árvore na Torá contemplando o mundo vegetativo.

Então lhe respondeu José: O sonho de faraó é apenas um; Deus manifestou o Faraó o que há de fazer. As sete vacas boas são sete anos; as sete espigas boas também sete anos; o sonho é um só. As sete vacas magras e feias, que subiram após as primeiras, serão sete anos, bem como as sete espigas mirradas e crestadas do vento oriental serão sete anos de fome (GÊNESIS 41. 25-27).

O que nos remete simbolicamente a árvore que cresce verticalmente e ascende; o trigo também cresce de forma vertical e ascendente. José ascendeu e cresceu. Em uma compreensão durandiana, podemos ver presentes os schèmes da deglutição e o da divisão; observamos ainda os aspectos diurnos e noturnos do imaginário nos arquétipos de mãe que provê e do herói que se sobressai salvando a sua linhagem.

### 3.2 Do cajado ao cetro

No terceiro mês da saída dos filhos de Israel da terra do Egito, no primeiro dia desse mês, vieram ao deserto do Sinai[...] Subiu Moisés a Deus, e do monte o Senhor o chamou e lhe disse: assim falarás à casa de Jacó e anunciarás aos filhos de Israel: [...] Então o povo respondeu à uma: Tudo o que o Senhor falou faremos (ÊXODO 19. 1- 8 a).

Segundo relatos bíblicos, a palavra de Moisés após a saída do Egito tinha credibilidade, pois ele representava o próprio Deus. Uma conquista da árvore-bastão, antes de sair do Egito, ao longo da sua caminhada, foi a de cuidar do povo e libertá-lo da escravidão.

Consideramos a árvore-cetro diurna, na estrutura heróica, pois aponta para a cultura judaico-cristã, cuja atenção é voltada para seus líderes, os quais conquistaram seu espaço em suas diversas formas de enfrentar as adversidades da vida.

O ser humano aprende vivenciando o que a imagem da árvore. Há constelação de imagens de ascencionalidade presente no espírito dos seres

humanos; como a busca do alto, da luz. Essa prática de ascencionalidade está em diversas religiões como ir ao monte sagrado, subir escadas de joelhos.

Nesse simbolismo, o rei é soberano, encontra-se no alto, no céu, sinônimo de pai, poderoso, viril, sendo o poder que julga e executa. Observamos na cultura o líder e o rei sinônimos de poder. “A arma de que o herói se encontra munido é assim símbolo de potência e de pureza. O combate se cerca mitologicamente de um caráter espiritual, ou mesmo intelectual, porque as armas simbolizam a força de espiritualização e de sublimação” (DURAND, 2001, p.161).

Além de Moisés, o povo também teve experiência com o Deus a quem ele conhecia. Observamos isso em um fato muito interessante quando a árvore é vista por Faraó e líderes do povo hebreu:

E o Senhor falou a Moisés e a Arão dizendo: Quando faraó vos falar, dizendo fazei por vós algum milagre; dirás a Arão: Toma a tua vara e lança-a diante de Faraó; e se tornará em serpente [...] lançou Arão a sua vara diante de Faraó e diante de seus servos, e tornou-se serpente. Faraó também chamou os sábios e encantadores; e os magos do Egito também fizeram o mesmo com os seus encantamentos. Porque cada um lançou a sua vara e tornara-se serpente; mas a vara de Arão tragou as varas deles (ÊXODO, 7.8-12).

Percebemos um simbolismo ofidiano quando a árvore é transformada em serpente, essa serpente engole as outras tem relação com o cíclico que passa por transformação constante e deixa sua antiga forma.

A imagem da serpente não passa de um desenvolvimento das potências de perenidade e regeneração contidas no esquema de retorno. A serpente é, com efeito, símbolo de fecundidade. Fecundidade total e híbrida uma vez que é ao mesmo tempo animal feminino, dado que lunar, e também masculino, [...] (DURAND, 2010, p. 318).

Podemos considerar que a árvore/bastão transformada em cobra remete ao regime noturno do imaginário, e busca fundir e harmonizar. Pois a árvore foi colocada ao chão, desceu de sua estrutura ontológica natural que é a verticalidade; além de ser cortada, transformada em bastão foi colocada ao chão para que sofresse transformação. A queda aqui é muito mais ascender em poder e conhecimento. Cair por terra, deixa de ser a árvore em toda sua possibilidade de enfrentar ventos, estações, e por fim ser usada pelo homem. A árvore pode ser explicada a partir de um provérbio popular: “Quem não vive para servir, não serve para viver”. Aqui a árvore caminha pelas faces do tempo no imaginário.

Essa imagem da árvore na Torá encontra-se dentro da estrutura sintética do imaginário em que o tempo é positivo, e a criação pode ser repetida pelo homem. O destino aqui é consequência das ações humanas. “Podemos dizer que essa segunda fase do Regime Noturno do Imaginário, que agrupa as imagens em torno do ‘denário’ e do ‘pau’ [...] inaugura a estrutura progressista e instala na consciência o complexo de Jessé” (DURAND, 2001, p.354-355).

Assim a árvore foi recriada num movimento cíclico da natureza; ao que remotam tradições que sustentem esse ciclo incluindo a vida humana em transformação constante junto à natureza vegetal e animal. Nessa imagem, a árvore símbolo passa pela morte, que não é começo nem fim, e sim transformação.

Nas mitologias ocidentais, várias festas são rituais de regeneração do ato criador, o que possibilita um recomeço, uma nova oportunidade; é aí onde ocorre o equilíbrio de vida e morte, de tempo presente e tempo futuro.

Nos mitos presentes na análise do símbolo, procura-se o equilíbrio dos contrários, pois na memória está presente a árvore do éden, possuidora da vida como a serpente que continha o mal, e mostra um imaginário dinâmico pela busca do apaziguamento, um exemplo disso são:

Os índios Fulni-ô (Estado de Pernambuco), por exemplo, o mundo foi criado por dois irmãos rivais, Falêdato (o calor) e Walêdato (o frio), que devastavam tudo nas suas passagens, um queimando e o outro gelando; é do acordo entre os dois, em ficarem juntos, que nasce o equilíbrio dando origem à vida. (PITTA, 1995, p.10)

A árvore bastão é utilizada no universo, segundo Girard (1997), existe uma variedade de bastões simbólicos: o dos mestres celestes do taoísmo (pertence à árvore da ciência, à árvore ascensional e à árvore axial); a vara, enquanto aspecto de poder, e conhecimento, também assegura a subida dos xamãs ao céu de seu êxtase simbolizando a superioridade do homem como chefe; o caduceu (um bastão de madeira com serpentes entrelaçadas); emblema de Hermes e Asclépio, e, depois da Medicina demonstra além da matricialidade do símbolo, o poder pelo conhecimento e eixo de ascensionalidade. Ou seja, um cetro real. Símbolo que abrange o aspecto antropológico da madeira. Além de simbolizar o homem simboliza a superioridade

desse homem, todavia o bastão pode exprimir a ideia de opressão ou de castigo para os que comungam da liderança do que o carrega.

“Então Moisés clamou ao Senhor, e o Senhor lhe mostrou uma árvore, lançou-a Moisés nas águas e as águas se tornaram doces” (ÊXODO 20.17). Essa árvore remete ao regime noturno das imagens, a harmonia. Quando a árvore cajado foi lançada na água salgada para se tornar em água doce, desceu para buscar poder, lá na origem, tudo começou na água, de onde se podia extrair vida e fazer os hebreus saciar a sede.

Na estrutura mística do imaginário o cajado é símbolo de inversão, pois foi levado às profundezas da água para purificá-la, ou torná-la capaz de matar a sede. Aqui é árvore-mãe, salva a vida dos filhos ao se jogar nas águas, o que se evidencia a valorização da figura feminina na árvore.

A água reflete os mistérios do mundo. “Não posso sentar perto de um riacho sem cair num devaneio profundo, sem rever a minha ventura [...] Não é preciso que seja o riacho da nossa casa, a água da nossa casa. A água anônima sabe todos os segredos” (BACHELARD, 1998, p.9)

Do que não sei o nome eu guardo as semelhanças.

Não assento aparelhos para escuta

E nem levanto ventos com alavanca.

(Minha boca se derrama?)

Desculpem- me a falta de ignoranças.

Não tenho competências para morrer.

O alheamento do luar na água é a maior do que o meu.

O céu tem mais inseto do que eu (BARROS, 2000, p.45).

Mais uma vez a árvore está junto à água. Moisés fere a rocha em busca de água e novamente usa a árvore cajado “[...] Toma na tua mão a vara com que feriste o rio: vai. Eis que eu estarei ali diante de ti sobre a rocha, em Horebe [...] E Moisés assim o fez, diante dos olhos dos anciãos de Israel [...]” (ÊXODO 17. 6). Imagem do regime noturno da estrutura mística do imaginário e símbolo de inversão que busca no sentido a construção de harmonia.

Associada a uma pedra onde as substâncias se entrelaçam e têm intimidades, e exercem assim unidas seu poder de fecundidade, remete à busca pela origem, e nos lembra de outra árvore e de outra pedra, na qual a igreja foi fundada. “Eu sou a videira verdadeira e o meu pai é o agricultor” (JOÃO 15.1). Jesus, a videira verdadeira e pedra fundante da igreja, “Tu és Pedro e sobre essa pedra edificarei a minha igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (MATEUS 16.18) Árvore e pedra juntas no imaginário da cultura judaico-cristã.

A seguir, veremos um texto em que podemos contemplar a árvore que se posiciona na imagem de verticalidade e ascensionalidade mesmo após ser transformada pelo homem. A árvore prefigura o cetro e o bastão de poder.

E fez Josué como Moisés lhe dissera: escolhe-nos homens, e sai, peleja contra Amaleque: eu estarei sobre o cume do outeiro, e a vara de Deus estará na minha mão. E fez Josué como Moisés lhe dissera, pelejando contra Amaleque: Moisés, mas, Aarão e Hur subiram ao cume do outeiro. E acontecia que, quando Moisés levantava a sua mão, Israel prevalecia: mas quanto ele abaixava a sua mão, Amaleque prevalecia [ ...]. (ÊXODO, 17. 10-11)

Esse texto é fabuloso, expressa uma transposição simbólica. A árvore na Torá unida ao homem cuja palavra transformou-se em cetro; mostra o poder da palavra de Moisés. Ele falava e todos lhe obedeciam. Quando a árvore/cetro era levantada o povo tinha a vitória, ou seja, a vitória estava no cetro. Moisés tinha a potência em suas mãos. Árvore que vai à luta e enfrenta a batalha, se reveste de arma e vai à busca da vitória. Segundo Pitta (2005), um poder que ao aumentar traduz o significado ao culto universal dos crânios, o centro e princípio de vida. Moisés representa a conquista de rei e juiz. Uma dualidade funcional da soberania. Representava o poder executivo e o judiciário.

Então falou o Senhor a Moisés, dizendo: fala aos filhos de Israel e toma dele uma vara para cada casa paterna, de todos os seus príncipes, segundo as casa de seus pais, doze varas e escreverás o nome de cada um sobre a sua vara, porém os nomes de Arão escreverão sobre a vara de Levi; porque cada cabeça da casa de seus pais terá uma vara. E as porá na tenda da congregação sobre o testemunho, aonde eu virei a vós. E será que a vara do homem que eu estiver escolhido florescerá, assim como eu farei cessar as murmurações do meio de Israel contra mim com que murmuram contra vós. [...] Moisés pôs estas varas perante o Senhor na tenda do Testemunho. Sucedeu, pois, que no dia seguinte Moisés entrou na tenda do Testemunho e eis que a vara de Arão florescia pela vara de Levi. (NÚMEROS 17.1-11)

Através desta passagem, percebemos que o símbolo passa de seu momento cíclico para o progressista: o bordão de Arão floresce. O que é proposto pela estrutura sintética do imaginário, isto é, um caminho histórico e progressista. Fora separada uma vara para cada casa paterna, ou seja, doze varas com o nome de cada um sobre a sua vara, e a vara de Arão fora sobreposta a de Levi (enxerto).

Arão vence, pois sua vara floresceu. Ele não pertencia às tribos de Israel, fora enxertado e agora estava em elevação aos outros. (enxertei aqui o que estava embaixo) Irmão de Moisés, ele teve seu destino mudado quando sua vara ficou sobre a de Levi, enxerto figurativo, e Arão passou a ser sacerdote, e, quando o povo hebreu saiu do Egito e caminhou pelo deserto, seu nome entrou na relação dos nomes dos sacerdotes. (NÚMEROS, 18. 1-8). A árvore transformada em vara representa a verticalidade humana. Com a floração, a árvore vivencia sua natural característica cíclica mostrando o poder de vida presente no símbolo.

A floração nos traz à memória um dos fatos marcantes na jornada para a construção da pesquisa, foi o período da análise em São Paulo<sup>1</sup>, ainda nos primeiros dias caminhamos até encontrarmos próximo à residência dos estudantes em São Bernardo do Campo uma diversidade de fruteiras, o que despertou em nós a atenção, poderíamos colher ameixas, pitangas e outras tantas. Como seria maravilhoso se nas cidades de nosso país, com tanta diversidade, fossem plantadas árvores frutíferas para que pudessem matar a fome daqueles que se encontram nas alamedas de nossas cidades. É um sonho bom de ser sonhado. Naquele mesmo dia, na volta para casa, a amoreira estava repleta. Segundo a nossa professora Eunice, que estava conosco, a amoreira serve para memória recente. Não resistimos e comemos ali mesmo degustando a ponto de colher as amoras e ainda levarmos para casa para fazer geleia. A árvore é grande amiga da humanidade, pois dela se colhem frutos para sobrevivência.

Os continentes, segundo Cavalheiro (1974), são resultados de constante marcha e procura por frutos, sementes, gomos ou bagos alimentícios. As primeiras casas foram construídas pelos troncos, estrias, palmas, tábuas. Também da madeira surge à construção de embarcações. São companheiras milenares da humanidade, que só percebe seu real valor quando dela necessita, como quando um viajante cansado a procura, para recompor as forças ou matar a sede ou a fome.

Segundo Girard (1997), apesar dos avanços no estudo dos símbolos, há muito ao buscar compreender um símbolo. Assim, por sua natureza, o símbolo não pode ser encerrado em categorias, não é homogêneo; é polivalente; qualquer classificação é um risco, de preferência subjetiva, redução do sentido. Colocar o símbolo em uma forma é limitar seu poder de evocação.

### 3.3 A *axis mundi*

No simbolismo, iremos perceber melhor a realidade do mito em questão e

---

1 PROCAD-UFPB-UMESP - Parte do processo da pesquisa, onde a autora na Universidade Metodista de São Paulo ampliou e concluiu sua pesquisa.

muitos aspectos da realidade serão conhecidos. Nesse momento, tencionamos trazer as imagens da Torá, que contemplam a imagem da *axis mundi*.

O simbolismo universal da árvore cósmica e o da árvore da vida são um e também eixo do mundo. O *Axis mundi* que se alimenta do Transcendente. Sua seiva é o orvalho dos céus e seus frutos são para conceder a imortalidade. Conduz ao centro, estado primordial e edênico. A manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo. Na extensão homogênea e infinita onde não é possível nenhum ponto de referência, e onde, portanto, nenhuma orientação pode efetuar-se, a hierofania revela um “ponto fixo” absoluto, um “Centro” (ELIADE, 1992 p.17)..

A árvore cósmica é um dos mitos mais poderosos e mais universais, uma vez que, pode explicar a formação e a constituição do Cosmos, visto ser um pilar central. Há mais de meio século, os eruditos ocidentais passaram a estudar o mito como uma perspectiva das sociedades arcaicas, “eliádica”. Os estudiosos das tradições sagradas, etnólogos, sociólogos, historiadores de religiões, mitólogos e cientistas das religiões estudam o mito como uma revelação primordial e modelo para a conduta humana.

[...] o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento; uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma intuição [...] (ELIADE, 1972, p. 11)

No centro é onde tudo começa, os pilares e as árvores são sagrados, pois desvendam as estruturas do mundo. Assim, a maioria, das árvores sagradas e dos

troncos são réplicas do arquétipo da árvore do centro. Ao observarmos o símbolo da árvore expresso nas diversas culturas, percebemos traços da árvore cósmica nas mitologias de um modo geral; isso vai se repetir em um sistema complexo de crenças universais.

Exemplificando, temos a árvore Totem, como a árvore da vida. O totem é o coração do povoado, e ao redor se organizam as festas, reuniões, danças e cerimônias. Entre os índios Crow o mastro é atravessado por três aros pequenos pintados na madeira e fica no centro da aldeia, onde se realiza a dança do sol, é também o eixo do mundo. O círculo inferior representa a terra; o intermediário, o horizonte, os quatro pontos cardeais, a alma; a superfície e o círculo celeste, o espírito, a pureza. No dizer de Abella (2001).

Muitos povos elegem sua árvore totem desde tempos imemoráveis, realizam seus rituais em torno dela como uma forma de estar no centro sagrado. Consideramos que o desejo de estar perto do sagrado, ponte da natureza humana, é comum em todas as culturas. Quando, por exemplo, uma casa é construída perto de uma árvore totem ela tem algo de templo; no coração dos habitantes da casa germina de alguma maneira a semente sagrada. “Atraímos assim as bênçãos do grande espírito sobre a terra, sobre nosso povo e até nossa casa; encontramos um lugar para elevar nossa voz” (ABELLA, 1996, p 33).

Conforme Aparício (1941), muitas civilizações antigas estabeleciam sua árvore central, que era tida como portal do mundo: o carvalho dos celtas; o tilo dos alemães; o fresno dos escandinavos; a oliveira dos árabes; a bananeira dos hindus; o abedul dos siberianos e outras. Assim constatamos afinidades de mitos entre uma e outra cultura o que nos possibilita observar se o mito é universal, ou se pertence à história e ideologia da cultura judaico-cristã.

O homem carece desse espaço sagrado devido à sua eterna necessidade de se relacionar com o Sagrado. Quando, em Haran, Jacó viu em sonhos a escada que tocava os céus e pela qual os anjos subiam e desciam, e ouviu o Senhor, que dizia, no cimo: “Eu sou o Eterno, o Deus de Abraão!”, acordou tomado de temor e gritou: “Quão terrível é este lugar! Em verdade é aqui a casa de Deus: é aqui a Porta dos Céus!”. (GÊNESIS 28:10-17). A porta estava aberta para Jacó ter uma experiência com o Sagrado, e isto tomou conta da existência de Jacó. “Há outra perspectiva teórica, para além da linguagem, em compreender e emoldurar o social

realizado pelo mito porque este oferece aos sujeitos sociais uma imagem arquetípica sobre a qual se constrói a vida em sociedade” (GOMES, 2009. p.75).

Observamos o mito como meio, ou ponte para que o homem se encontre e se compreenda. Etimologicamente, a palavra Mito provém do grego, *mythós* do verbo *mytheo* e significa: conversar, contar, anunciar, nomear, ou designar. O mito não consiste em lenda ou ficção, e sim em relatos de uma cultura que expressa através dele a vida da cultura e todo desenrolar de seus dramas pela narração. “Daí que ao simbolismo universal da árvore cósmica se junte o da árvore da vida que se torne, por sua vez, paralelamente à árvore que é o eixo do mundo, Axis Mundi, um arquétipo do universo que recebe seu alimento do transcendente” (PONTES, 1998, 203).

Conforme Cassirer (1994), toda a relação do homem com o mundo se dá pelas vias do símbolo. Esta dimensão está presente na humanidade desde seus primeiros dias e a imagem da árvore está na imaginação humana desde os tenros dias da sua existência.

Ainda segundo Cassirer (1994), no mundo, podemos encontrar características que é marca que distingue o ser humano de outros animais; observa-se no homem um elo que pode ser descrito como sistema simbólico: a linguagem. Ou seja, o homem vive em outra realidade da vida, e esta não é só física; seu universo é simbólico.

Quanto ao nosso objeto de análise, entendemos que a árvore vive no tempo sagrado e por meio de sua inspiração e companhia pode-se entrar na experiência mítica. A sucessão dos ciclos da árvore aponta à roda da vida e da morte, vigília e sono, inspiração e expiração. Representa o tempo profano e o tempo sagrado, vivenciado pela humanidade. O começo e o fim, a origem de si mesmo e seu próprio fim. Independentemente, do nome sejam umbuzeiros, amoreiras, macieiras, parreiras, etc., a árvore é símbolo de tempo e de espaço, em sua diversidade que ocupa lugares diferentes, vivendo em lugares de solo próprios, mas também em solos distintos de sua ontologia. Os celtas se inspiraram nelas para seu calendário e alfabeto.

“É na imaginação simbólica que o símbolo consegue transbordar em todo universo sensível e se manifesta repetindo de forma incansável o ato epifânico, com seu caráter comum de redundância” (DURAND, 1988, p.16). O símbolo se apresenta

no humano como fontes, cujas águas jorram sem se esgotar em uma interpretação. Procurar encerrar um símbolo em um único sentido é a tentativa conjunta de secar a fonte. O caminho do símbolo é infinito. “Em nossa primeira categoria de *symbola*, pode-se, pois, falar de uma dualidade de tipo concreto-concreto: um concreto simples e apreensível evoca um concreto complexo e inapreensível” (GIRAD, 1997, p.32).

Na sociedade, aprendemos como devemos viver e nos comportar de acordo com uma ordem hierárquica, e como a relação com os símbolos consiste em espelho da sociedade na qual estamos inseridos, assim entendemos que o comportamento religioso também é social e vice-versa. Na maioria das vezes, cumprimos as observâncias religiosas e não queremos nos opor à ancestralidade e evitamos mudanças, pois não queremos desafiar o espaço que fora constituído sagrado.

Ferreira-Santos (2011) descreve um exemplo de ancestralidade em uma imagem que remete ao universo arquetipal do ventre materno: a imagem da vasilha de barro na região andina entre os quéchuas e aymaras, quando uma pessoa morria era mumificada com técnicas muito semelhantes as que os egípcios faziam. Retornar ao corpo do barro, da terra úmida e cozida, ao ventre escuro e fresco.

Segundo a Enciclopédia da Bíblia (2009), existem textos antigos do Oriente no Egito em que se reconhece a madeira da vida. Em meados do II milênio a.C, era alimento dos deuses imortais que foi dado a Faraó glorificado, era dessa madeira da vida que eles viviam.

Consideramos o símbolo porta de resposta que o humano descobriu para responder às angústias da sua finitude, pois esse ser não desiste e vai além; busca por acalmar e pôr em ordem sua existência. Ao abrir caminhos para o simbólico a vida inteira é enriquecida, tanto a visão de mundo, como a relação com si mesmo e com o outro.

Na Mesopotâmia, parece conhecer duas árvores ligadas à aquisição de sabedoria do futuro e dos destinos: a árvore sagrada e o dragão que podiam revelar o futuro a quem tivesse ansioso e curioso. As árvores sagradas são numerosas na arte da Mesopotâmia, também simbolizavam o alimento dos animais, todavia não eram chamadas árvore da vida. Por isso é preferível o termo árvore sagrada. Mas há textos que reconhecem a “planta de vida”, da qual o herói Gilgames esperava a

imortalidade e que a serpente que havia se apropriado da juventude iria devolvê-la, conforme nos diz Girard (1997).

### 3.4 A *axis mundi* da Torá

O início de tudo é a árvore sagrada até chegar ao simbolismo do centro, no nosso caso na árvore cósmica, em que temos o nosso paradigma. Além de símbolo do centro, é ainda de imortalidade e de rejuvenescimento na história das religiões e com sua longevidade surpreendente desafia o tempo, pois é sequência permanente do nascimento e mortes do cosmos. “A manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo. Na extensão homogênea e infinita onde não é possível nenhum ponto de referência, e onde, portanto, nenhuma orientação pode efetuar-se, a hierofania revela um ‘ponto fixo’ absoluto, um ‘Centro’” (ELIADE, 1992, p.18).

E o Senhor Deus lhe deu esta ordem: de toda árvore do jardim comerás livremente. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás. [...] Mas a serpente, mais sagaz que todos os animais selváticos que o Senhor Deus tinha feito, disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim? [...] Disse o Senhor Deus à mulher: Que é isso que fizeste? Respondeu a mulher: A serpente me enganou, e eu comi [...] E a Adão disse: visto que atendeste a voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses, maldita é a terra por tua causa; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida. Ela produzirá também cardos e abrolhos, e tu comerás a erva do campo. No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes a terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás. E deu o homem o nome de Eva a sua mulher, por ser a mãe de todos os seres humanos (GÊNESIS 1.6-17; 3.1; 3.13; 3.17-20).

Podemos consideramos, segundo Eliade (1962), Gênesis um livro mítico por constituir-se numa revelação da atividade criadora, em que há a irrupção do sagrado, fundamentando o mundo e o comportamento humano. Ao catalogar as passagens bíblicas em que aparece o símbolo da árvore na Torá, buscamos associar a compreensão de Durand (1988) que a imagem se organiza igualmente tanto na cultura, como nos indivíduos dessa cultura, e em torno de um núcleo forma constelações de imagens onde existe uma relação sensível do subjetivo e do meio físico, histórico e cultural. “Imaginário não como um simples conjunto de imagens que vagueiam livremente na memória e na imaginação, mas numa rede de imagens na qual o sentido é dado na relação entre elas” (GOMES, 2009, p.82).

Encontramos, nessa narrativa bíblica, um jardim, com a ação do homem em busca do conhecimento e para isso fazendo uso da árvore. O conhecimento sempre foi a busca maior da Humanidade, e no texto aqui é desvelada na cultura a ação do homem que o busca. Lembra-nos a infância, a curiosidade infantil que buscava as respostas que somente a mãe podia dar.

O conhecimento atrai, chama à atenção, o novo, o poder, faz os membros interiores guerrearem entre a busca interior e as imposições externas. É árvore da revelação teofânica, transcendental, que vai além do visível e real e segue viajando no imaginário do mundo judaico-cristão.

No jardim de Gênesis, descreve Eliade (1972), é onde está o drama que orienta a vida do *Homo religiosus*.

Para o *homo religiosus*, o essencial precede a existência. Isso é verdadeiro tanto para o homem das sociedades 'primitivas' e orientais como para o mundo judeu, cristão e o muçulmano. O homem é como é hoje porque uma série de eventos teve lugar *aborigene* (ELIADE, 1972, p 85).

Compreendemos que no mundo judaico-cristão o drama essencial é o do éden/Paraíso, assim foi instituída a atual condição humana. Já para os australianos, no dizer de Eliade (1972) o “essencial” se reduz a uma série de ações que os Entes Sobrenaturais realizaram no tempo do sonho.

Nas narrativas mitológicas, contam-se como as sociedades foram estabelecidas, como fomos e viemos a existir; e nestas mesmas mitologias buscamos respostas às nossas maiores indagações, assim o ser humano consciente busca respostas. Cada tribo ou sociedade tem sua história própria de origens, que explica seu mundo e sua cultura. “O que importa no mito não é exclusivamente o encadeamento da narrativa, mas também o sentido simbólico dos termos” (DURAND, 2001, p.356). As mitologias têm tudo de linhagens e de ancestralidade.

Os relatos das origens possuem uma linguagem peculiar, eivada de símbolos, em virtude da multiplicidade e polimorfia de sentidos que ela sugere. Para compreender essa linguagem, convém primeiro esclarecer que o mito é um modo de produção da consciência, [...] (GOMES, 2009, p. 59).

Na perspectiva de Durand (2001), a árvore do jardim é símbolo das faces do tempo. Deste modo, consideramos que produz angústia, mas observando a própria imagem na sua verticalidade, sugere a posição de luta por vencer essas angústias.

É possível que a postura ereta da árvore ligue o imaginário da cultura judaico-cristã aos processos racionais.

No contexto judaico-cristão, temos o mito do pecado original e há a feminização desse pecado. A morte e o tempo serão combatidos em nome do desejo de eternidade, a carne será temida e reprovada como aliada secreta da temporalidade e da morte. A árvore está em um regime que exagera os aspectos maléficos do *Kronos*, portanto desenvolve armas de defesa.

Na concepção judaico-cristã, a mulher passa por um processo e é inferiorizada e hostilizada pelos padrões sociais, pois no jardim do Paraíso ela experimentou o fruto e ainda induziu o marido a experimentá-lo também, por isso ambos foram expulsos do jardim e, como punição, a mulher recebeu o sofrimento, as dores de parto: “[...] multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua concepção; com dores terás filhos; [...]” (GÊNESIS 3.16).

Assim na imagem simbólica feminina da árvore na Torá, podemos perceber a presença de um matriarcado presente e fundante, todavia com o sistema patriarcal, a mulher fica à sombra do poder do homem, pois, inconscientemente, ele sabe o poder da mulher. O homem não dá o lugar devido à mulher e justifica com a frase: “por trás de um grande homem, há uma grande mulher”.

Mas essa mesma sociedade a adora, pois quem não se recorda de quando ia à escola e alguns alunos e alunas para zombarem com os outros colegas diziam a frase: “é a tua mãe”. Isso era motivo para briga. Podia-se zombar de tudo, menos da mãe. São aspectos que se mesclam na sociedade. No jardim de gênesis a mulher/árvore está também no regime noturno que sugere o aconchego materno, na busca por conciliação, quando relacionada à maternidade e, portanto símbolo de vida.

Remetemos à imagem do jardim que se alude geralmente ao campo da experiência humana. É lá o lugar onde os amantes se encontram, se conhecem e se amam. Dos relacionamentos vêm as possibilidades de nascerem os filhos. A árvore, portanto, faz jus ao significado de símbolo que, segundo Girard (1997), implica em uma dualidade seguida de uma unificação. É a união de duas coisas formando uma só.

Assim com o símbolo da aliança no casamento, dois seres diferentes se unem se tornando um sem perder a individualidade das partes. Ocorre uma fusão de ambas as partes e não uma redução de alguma parte. *Symbolon* designava um objeto partido em dois pedaços para uma determinada finalidade direcionada, precisa. Nesse acordo, os parceiros não perdem a individualidade, porém os pedaços são feitos para estarem juntos. As árvores, cada uma, possuem sua individualidade, mas no jardim estão juntas, e na imaginação humana aponta sentidos fazendo o homem se conhecer e compreender seu mundo.

Contemplando o símbolo da árvore, numa linguagem antropomórfica, podemos assim articular que a vida da árvore no jardim, apesar de muitas espécies conviverem harmoniosamente em um mesmo lugar mostra caminhos que apontam para o benefício da humanidade.

Podemos ponderar e perceber um mundo onde homens e mulheres não precisam subjugar um ao outro, e sim, se amarem e se respeitarem. A cada árvore, do jardim conforme a espécie era atribuída um valor particular de forma que também homem e mulher mesmo sem consegue exprimir, mas simbolicamente podem intuir que a natureza visível e o mundo invisível são explicados se interpenetrando. Queremos dizer que ambos os homem e mulher podem da natureza intuir para sua existência.

A árvore no jardim sugere uma multiplicidade vegetal, por isso pressupõe o mundo da diversidade feminina já que as árvores são muitas; as mulheres também possuem diversidade de pensar a realização feminina. Um exemplo disso é com relação ao casamento, nem todas as mulheres tem posta no matrimônio toda sua esperança de felicidade. Muito embora ao que nos parece às mulheres de um modo geral sentem o desejo da maternidade. Falar de jardim é falar de amor, de beleza no viver nas diferenças de ser.

Esse jardim, onde as árvores comungam, faz-nos lembrar de filósofos da antiguidade: Epicuro (2008) escreveu a Carta sobre a felicidade. Este comprou uma casa ampla em Atenas e lá instalou sua escola conhecida como “O jardim de Epicuro” onde reunia seus alunos amados, e, embaixo das árvores, buscavam conhecimento.

Através da comunicação simbólica é possível que o afetivo aconteça partindo de um fundo comum do inconsciente coletivo que é enriquecido e diversificado

através das culturas e experiências pessoais. O símbolo, conseqüentemente, é eficaz para se compreender uma pessoa, um grupo, e a interação entre estes. “o universo humano é simbólico e só é ‘humano’ na medida em que o homem atribui sentido as coisas do mundo” (TEIXEIRA, 2006 p.218).

Compreendemos que, quando o homem abre caminhos para o simbólico, a sua existência é enriquecida, tanto a sua visão de mundo, como a sua relação com ele mesmo e com o outro, uma vez que as tradições religiosas fazem uso de símbolos desde primórdios, e estes pressupõem mudanças para o bem do ser humano em sua totalidade. O contato com os símbolos e especialmente os que se tratam do religioso, do numinoso, do absoluto, do transcendente podem proporcionar uma nova compreensão e sentido à vida.

Portanto, o símbolo, com seu conhecimento, pode traduzir ao homem sentido que é difícil de ser expresso pela linguagem falada. É uma linguagem que transcende o humano limitado. O símbolo se apresenta no humano como uma fonte, cujas águas jorram sem se esgotar, em uma única interpretação. Procurar encerrar um símbolo em uma única interpretação é como se tentasse secar a fonte.

O caminho do símbolo é infinito e o símbolo religioso pode desencadear na tarefa de apontar os mistérios do absoluto. Não desvendá-lo, mas aprofundá-lo conforme Berdyev, (1936, apud FERREIRA-SANTOS, 2010, p.24).

O dinamismo simbólico, que aceita tanto a carência de certezas e esclarecimentos definitivos como a não-validez da validade interpretativa, conduz a um pensamento dinâmico e vigilante, sempre preparado para a surpresa do inacessível (MARDONES, 2006, p.96).

Conforme Girard (1997), o símbolo pressupõe mudanças para o bem do ser humano em sua totalidade. Visto ensinar a viver, pois o contato com ele e especialmente aquele que trata do religioso, do numinoso, do absoluto, do transcendente traz um novo significado a existência.

Percebemos a relevância desse símbolo pelas culturas, tradições e mitos. Assim contemplamos a árvore como *axi mundi*, que, na Torá, é uma articuladora de sentidos bem como as árvores em geral podem levar à humanidade a compreensão de si mesma ao contemplar sua existência.

É possível que nas mentes da cultura judaico-cristã estejam as figuras de árvores como as do Velho Testamento. Podemos constatar isso em (GÊNESIS 2.3) e

(Ezequiel 31: 3 -8), o cedro do Líbano, árvore maior que as demais revelando uma verticalidade imponente da natureza e de profunda significação mítica “A árvore ereta é uma força evidente que conduz uma vida terrestre ao céu azul” (BACHELARD, 2001, p.11).

### 3.5 Arquétipo de verticalidade cósmica

Eliade (1972) explica que as cidades do Oriente tinham sua localização no centro do mundo; pois era ali o local onde os deuses desciam. Em alguns mitos a árvore nos transporta à origem dos deuses e da humanidade; como em textos egípcios diz que *atom*, o criador, saiu da flor de lótus. Os babilônicos em sua mitologia falam de duas árvores na entrada do céu, a árvore da vida e a da verdade. Ocasionalmente a árvore do conhecimento assume a dimensão teofânica sendo lugar de revelação e oráculo; lugar de uma divindade ou espírito. Em Babilônia se fazia a junção entre a terra e as regiões inferiores, pois a cidade fora construída sobre as portas de *apsû*, as águas do caos que houve antes da criação; e esta mesma tradição está entre os hebreus.

Existem culturas, segundo Costa (2007), em que as árvores simbolizam as forças terrestres que o homem pode assimilar para possuir uma vida feliz dando-lhes esperanças de dominar a morte como os deuses. Entre os Eddas, a árvore cósmica é identificada como um carvalho, no Egito é o sicômoro sagrado, em cujos ramos pousavam as almas dos defuntos em forma de pássaros. Assim retornavam pela sacralidade da árvore os espíritos dos mortos ao seio eterno.

Conforme Costa (2007), a árvore Serifótica e a árvore da Cabala apresentam várias semelhanças com a árvore da vida Assíria; assume uma dimensão cósmica, parece derivar da árvore mesopotâmica.

A árvore influencia a imaginação e a criação de metáforas como imagem do homem e de sua experiência enquanto eixo. É a intuição dos símbolos que faz a ligação da árvore à madeira ou a uma experiência humana.

Ao observarmos o símbolo da árvore expresso nas diversas culturas, percebemos traços da árvore cósmica nas mitologias de um modo geral; isso vai se repetir em um sistema complexo de crenças universais um arquétipo e símbolo

universal. São muitas as árvores em várias culturas de revelação mítica. Observemos um texto da mitologia escandinava:

Lembro-me dos gigantes nascidos na aurora dos Tempos, daqueles que outrora me geraram. Conheço nove mundos, nove domínios cobertos pela árvore do mundo, Essa árvore sabiamente plantada cujas raízes afundam no âmago da Terra...

Sei que existe um freixo que se chama Yggdrasil. A copa da árvore está envolta em brancos vapores de água, donde se desprendem gotas de orvalho que caem no vale. Ele ergue eternamente verde por cima da fonte de Urá (PONTES, 1998, 201).

No dizer de Costa (2007), a árvore dos povos Baltas tem o nome de “árvore do sol”. Na Escandinava a árvore cósmica dos poemas de Voluspá e Grimnismál. No Grimnismál, é uma árvore que aparece com três lados diferentes, em um dos lados mora a deusa subterrânea *Hel*, em outro os gigantes, e em outro lado os homens. Árvores míticas norteiam toda cultura indo-europeia; como em outros poemas Vóluspá, a Yggdrassil sobre a terra elevando-se a majestade com seus nove galhos, interpretados como nove mundos. Com seus profundos significados para o mundo nórdico representando o mundo dos homens, o mundo dos deuses da guerra, o mundo dos deuses benevolentes, o mundo dos mortos, o mundo dos anões ou elfos escuros, o mundo dos gigantes, o mundo do gelo eterno e o mundo do fogo. “A mitologia nórdica, assim como outras religiões politeístas, não apresenta o característico dualismo entre o bem e o mal da tradição do oriente médio” (MIELE; MIELE, 2011, p.21).

A *axis mundi* é também símbolo de verticalidade do cosmo compreendido pelo espaço que se constitui sagrado e é reconhecido facilmente pelo grupo, pela cultura, nele estão contidos os valores comuns e inerentes à coletividade. Assim como em symbolon é sinal de identidade e de reconhecimento das partes do grupo. “Existe, assim, no homem uma constante ortogonal que ordena a percepção puramente visual. É o que implica a reação ‘dominante’ do recém-nascido, que responde à passagem brusca da vertical a horizontal” (DURAND, 2001, p.126).

Nascer, crescer, morrer é fato para nós seres humanos, mortais. A vida inteira os limites da nossa existência são impostos, fora os que nós criamos e que muitas vezes aprisionam nossa alma. Mas assim como crescem as árvores, nelas como em um espelho vemos nossa imagem. Também crescemos para cima, para o alto. A verticalidade é a posição da humanidade.

O ser humano para crescer, precisa viver todas as fases de sua existência. A verticalidade é percebida no homem-criança, antes mesmo da cognição a verticalidade se sobressai. Geralmente, ainda no colo, os bebês já se esticam, e não querem que as mães fiquem sentadas, mas que fiquem de pé com eles, colocando-os na posição que nos parece já estar no interior desse ser. Para Durand são “arquétipos genotípicos funcionam como potencializadores das representações ligadas à constituição anatomo-psicológica de cada espécie” (TEIXEIRA;ARAÚJO, 2011, p. 48).

### **3.6 Simbolismo da ascensionalidade**

Insistimos em crescer, pois é o natural, mas o que nos parece é que nossa alma deseja mesmo é ser criança. Há um tempo, dissemos para alguém: perguntem às crianças o que elas vão ser quando crescer, então elas pensam, e respondem conforme alguma coisa que conheçam e admiram. Eu responderia: gostaria de voltar a ser criança outra vez.

Segundo Bachelard (2006), na infância começa tudo para nós, metáfora da árvore *axis mundi* que para o religioso começa a existência. Assim como na alma humana permanece um núcleo da infância, imagem viva, escondida para os outros, mas é real em suas histórias. Como também nas imagens dos poetas a infância é bela. O religioso copia a idéia e carrega dentro de si o começo e direção no pensar inculcado pela religião; tornando-se centro da sua existência.

Abordamos pela imaginação simbólica o significado quando o mesmo não é mais absolutamente apresentável; e na dimensão poética fazemos uso da linguagem que pode ser mais impetuosa, mais concreta. Assim o imaginário viaja, contemplando o todo do humano nas suas necessidades existenciais; como na necessidade de se apropriar da parte da humanidade representada pelo cosmos; bem como a necessidade do espírito humano, no qual percebemos o fenômeno religioso e o poético que nos revela a constante necessidade do ser humano de contemplar o mundo que vive com a alma de criança.

A reflexologia do recém-nascido parece-nos evidenciar a trama metodológica sobre a qual a experiência da vida, os traumatismos fisiológicos, a adaptação positiva ou negativa ao meio virão inscrever os

seus motivos e especificar o 'poliformismo' tanto pulsional como social da infância (DURAND, 2001, p.47).

Quando falamos de ascensão, falamos sobre significados tanto do crescimento como na realização de objetivos, no desejo de gerar, e dar frutos. A árvore possui aspectos do simbolismo antropológico. Nas mitologias e história das religiões o homem é descrito como uma árvore. Assim podemos dizer que quando seu tronco aparece, a árvore cresce e já não está mais nas raízes da infância ela está amadurecendo. O amadurecer seria estar preparado para o serviço? Poderia também representar que o tempo toma conta de nossos dias e que eles passam? Assim podem vir junto os temores da morte e sua ascensão representa o desejo do que está acima de nossa compreensão? "O esquema da elevação e os símbolos verticalizante são por excelência 'metáforas axiomáticas', são as que mais que qualquer outra, 'obrigam', diz Bachelard, o psiquismo inteiro. A valorização, qualquer que seja não é verticalização?" (DURAND, 2001, p.125)

Podemos observar que o tronco das árvores está no espaço humano, aquele que é mais visível, que faz a ligação com o céu e embaixo da terra. A humanidade na procura por sentido de vida e também por querer respostas para as perguntas ante as faces do tempo e da morte busca o transcendente. As árvores convivem, mesmo com sua diversidade, com as raízes na terra, os troncos entre nós e as folhas, galhos, frutos nos ares, acima de nós. Não importa a geografia, ou seja, onde está localizada a imagem desse símbolo, ecoa em nós um sentimento de grandeza de ser.

O tronco da árvore retrata a vida pulsante da humanidade e sua resistência a despeito de seus limites. Parece-nos o momento de postura, posição, que o ser humano tem diante das lutas que mais atormentam o ser. Geralmente é na fase da maturidade onde se pensa que já encontrou as respostas para os questionamentos; todavia há muitos que prosseguem até a maturidade e ainda buscam respostas de como apaziguar as inquietudes do ser. Assim pela linguagem simbólica ouçamos o que a árvore pode nos dizer pela contemplação da sua imagem. "Veremos que os símbolos constelam porque são desenvolvidos de um mesmo tema arquetipal, porque são variações sobre um arquétipo" (DURAND, 2001, p.43).

O tronco é onde se localiza o aqui, o mundo visível, mas com raízes embaixo e copa nas regiões celestes; cujas folhas nutridas pela terra e sua fotossíntese capacita a árvore para dar frutos e sementes que germinam.

Então tomou Jacó varas verdes de álamo, e a aveleira, e de castanheiro, e descascou nelas listras brancas, descobrindo a brancura que nas varas havia. E, pois, estas varas, que tinham descascado, em frente dos rebanhos nos canos e nas pias de água, aonde o rebanho vinha beber, e conceberam vindos a beber E concebia o rebanho diante das varas e as ovelhas davam crias listradas, salpicadas, e malhadas [...]. E cresceu o varão em grande maneira, e teve muitos rebanhos, e servos e servas e camelos e jumentos( GÊNESIS 30.37-43).

Considerando que esta passagem bíblica apresenta de forma mística Jacó deslocado sem ter sua própria vida, no sentido de depender do cunhado e estar preso a ele para sobreviver, e sempre que tenta se desvencilhar dessa situação fica mais e mais preso a ele, mas com o símbolo árvore ele se coloca em outra posição, vejamos: ele coloca varas de álamo, aveleira, castanheiro, e as descasca fazendo riscas brancas e coloca em frente dos rebanhos e nas pias de água, onde os rebanhos iam beber a água e ao conceber as ovelhas davam crias listradas, salpicadas e malhadas.

A vara, imagem da verticalidade do ser dentro da estrutura heróica do imaginário pertence ao símbolo de ascensão se coloca como reconquista do que se perdeu. Pois na história quando observamos seu contexto, Jacó fazia acordos com o seu cunhado e esse o enganava e ele perdia assim Jacó corre para reconquistar o que perdeu. A questão é a posição das varas e a sua transformação, agora Jacó vai ascender para reconquistar. “Encontramos, de novo esse caráter de semantividade que está na base de todo símbolo, sobretudo na materialidade de elementos semelhantes mais do que numa simples sintaxe” (DURAND, 2001, p.43).

Quanto à imagem simbólica do portal, descrevemos que é o lugar onde o ser humano entra para responder às angústias da finitude. O ser humano não desiste indo além na busca por acalmar e pôr em ordem sua existência. Não é isso que as tradições religiosas procuram facilitar desde primórdios? O símbolo pressupõe mudanças para o bem do ser humano em sua totalidade, passaporte para que se descubram possibilidades de contato com o outro em especialmente os que se tratam do religioso, do numinoso, do absoluto, do transcendente, traz um novo significado a existência.

O imaginário e o pensamento simbólico mostram sua função na estrutura cognitiva do homem. No texto a seguir conheceremos um sonhador, que traz em sua memória schèmes que emergem em seus sonhos.

Os schèmes fazem, portanto, a junção entre os gestos inconscientes da sensoriomotricidade, entre os reflexos dominantes, e as representações: os reflexos verticais que regem a postura vertical [...]. É, pois, na linguagem do corpo que Durand identifica a primeira linguagem do sapiens, ou seja, o 'verbo', que é, antes de tudo, expressão corporal (TEIXEIRA;ARAÚJO, 2011,p48).

A imagem sobre a árvore no texto abaixo, consiste em imagens de feixes que remetem à imagem sobre família compreendida por José no sonho. Assim a árvore intervém nas interpretações antropomórficas: transformação do homem em árvore e da árvore em homem, segundo Girard (1997). Isso pode ser visto nas crenças dos povos altaicos e turco-mongóis da Sibéria. A árvore também simboliza o crescimento de uma família, de uma cidade, de um povo, de uma nação, e do poder do rei.

Teve José um sonho e o relatou a seus irmãos; por isso, o odiaram ainda mais. Atávamos feixes no campo, e eis que o meu feixe se levantou e ficou em pé; e os vossos feixes o rodeavam e se inclinavam perante o meu. Então, lhe disseram seus irmãos: Reinarás, com efeito, sobre nós? E sobre dominarás realmente? E com isso tanto mais o odiavam, por causa dos seus sonhos e de suas palavras (GÊNESIS 37, 5-8).

José era odiado pelos irmãos porque seu pai demonstrava maior amor por ele, e após José contar um sonho a seus irmãos, eles se indignaram. Temos o símbolo que nos interessa: os oníricos, que possuem revelações míticas. Aqui está uma cultura que valoriza o schème da verticalidade cósmica, da postura vertical, dos que vão à luta, dos heróis. José estava falando de chefiar a família, coisa que não era para ele visto que ele não era o primogênito; todavia podem-se ler as imagens míticas presentes nos feixes de trigo aí representadas. Aqui temos segundo Durand (2001) uma equivalência estrutural. "Incluimos aquilo que Ricoeur chama aspecto onírico. Um símbolo, por menos universal que seja só pode brotar das camadas mais profundas do ser humano, nas quais se acumulam e se enraízam as recordações e os gestos, mais marcantes que misturam a massa mais concreta de nossa biografia interior" (GIRARD, 1997, p.38).

A árvore conduz a um devaneio, pois sua verticalidade nos eleva como modelo de heroísmo, a despeito das noites frias, ou dias quentes, ou até dos vendavais que trazem angústia levando-nos ao drama da morte e da vida. Isso nos lembra de outro regime, proposto por Ferreira-Santos (1998) o crepusculario.

Com Neruda, eu recebi a herança do crepúsculo [...] sensibilidade que reafirma a importância das diferentes estruturas de ser de cada um de nossos vários sentidos (visual, tátil, auditivo, olfativo, gustativo, vibração, intuição). Bem como o intercâmbio das intercomunicações que se estabelecem entre os canais de sentido para a compreensão de nós mesmos e o outro e do mundo (FERREIRA-SANTOS, 2005, p.208).

É o crepúsculo das imagens do entardecer, dos dramas enfrentados pelas culturas e indivíduos, das preocupações da noite que virá; da vida que se vai; dos frutos que gostaria de dar, mas o tempo passa como no dia que se finda. Todavia, outro dia chega e com ele novas possibilidades; o renovo chega a cada manhã e nesse ciclo percebe-se no ar um cheiro de eternidade. “O pensamento simbólico faz “explodir” a realidade imediata, mas sem diminuí-la ou desvalorizá-la; na sua perspectiva, o universo não é fechado, nenhum objeto é isolado em sua própria existencialidade: tudo permanece junto, através de um sistema preciso de correspondências e assimilações” (ELIADE, 1997, p.178).

Passaremos a descrever sobre uma fábula que retrata bem os desejos dos seres humanos representado no desejo de algumas árvores, o que remete aos sonhos e dramas humanos.

#### O chamado das três árvores

Imaginemos três pequenas árvores que sonhavam o que seriam depois de grandes. A primeira queria ser o baú mais precioso do mundo, cheio de tesouros; a segunda queria ser um grande navio para transportar reis e rainhas. A terceira queria ficar no alto da montanha e crescer tanto que as pessoas quando olhassem para ela, levantassem seus olhos e pensassem em Deus. Mas, a primeira árvore acabou sendo transformada num cocho de animais coberto de feno; a segunda virou um simples barco de pesca carregando pessoas e peixes todos os dias, e a terceira árvore, mesmo sonhando em ficar no alto de uma montanha, acabou cortada em grossas vigas e colocada de lado num depósito. Mas numa certa noite, uma jovem mulher colocou seu neném nascido naquele cocho de animais e de repente a primeira árvore percebeu que continha o maior tesouro do mundo. A segunda árvore anos mais tarde acabou transportando um homem que acabou dormindo no barco, mas quando a tempestade quase afundou o pequeno barco o homem levantou-se e disse ao mar revolto: “Sossega”; e entendeu que estava carregando o Rei dos Céus e da terra. Tempos mais tarde, numa sexta-feira, a terceira árvore espantou-se quando suas vigas foram unidas em forma de cruz e um homem foi pregado nela, pois fora condenado à morte mesmo sendo inocente. Logo se sentiu horrível e cruel, mas no Domingo o mundo vibrou de alegria e a terceira árvore entendeu que nela havia sido pregado um homem para salvação da humanidade e que as pessoas se lembrariam de Deus e de seu filho Jesus Cristo ao olharem para ela.

Dorothy Maclean ( 2011 )

Com os símbolos podemos ler através da árvore toda uma antropologia guardada na natureza; por meio de sua raiz antropológica. A árvore pode revelar em seu arquétipo um ser humano crescendo. Voltar à árvore é um aspecto positivo para um renascimento psicológico. “Parece que a madeira onírica pode até ligar a experiência contemporânea de uma pessoa às origens mais recuadas da vida humana” (GIRARD, 1997, p.438).

No decorrer desse capítulo, podemos contemplar o quanto a imagem da árvore na Torá é símbolo de centro na representação do simbolismo do cosmos, que orienta por sua significação mítica a vida da cultura judaico-cristã. O símbolo da árvore na Torá, viajando no tempo mítico torna a vida compreensível e estrutura a cultura. “Dessa forma, o mito, por ser símbolo, tem uma função mediadora. Além de contribuir para se perceber uma dimensão da realidade humana inexplicável, o mito traz à tona uma função da imaginação” (GOMES, 2009, p73). Ou seja, no mítico fundamenta-se vida.

#### **4. DOS GALHOS E FOLHAS**

Iniciamos este capítulo falando das folhas das árvores que buscam voar, portanto, dos galhos das folhas da Torá, que por se distanciar do tronco pode-se imaginar metaforicamente o desejo expresso nos galhos e folhas da árvore de voar. Nosso objetivo foi assinalar na própria Torá a árvore que voa por cima das águas; pelas faces do tempo cíclico e do vegetal e sua realidade nas estações bem como a árvore da cruz onde estão intrínsecos mitos do mundo judaico-cristão.

Fizemos uso do texto da Torá que se refere ao relato da história de Noé e da história de Moisés, e as tábuas da lei que foram guardadas na arca. A base metodológica foi à hermenêutica simbólica de Durand, por meio da qual analisamos os textos bíblicos, buscando a sua compreensão, além disso, optamos por trabalhar numa perspectiva poética de Bachelard, fundamentando também com textos e autores que tratam sobre essa temática.

Do desejo de voar, descrevemos em poesia, uma imaginação que se permite sair da realidade; no segundo momento apresentamos a árvore aérea e suas necessidades naturais para um bom desenvolvimento, como exemplo, trazemos o texto de Noé, no qual há a descrição de uma arca/árvore, que voa para o monte, e

suscita ressonâncias míticas, ou ainda outras mitologias, cujo assunto é o mesmo e envolve o mundo do *homo religiosus*. Percebemos a evocação dos mitos do novo nascimento e do regresso ao útero bem como sua relação com o maternal da mulher. Também tratamos da árvore e a imaginação vegetal, sua ontologia e história.

Portanto, descrevemos as árvores que voam, lembrando-nos de Moisés, que recebe a ordem da parte de Deus para guardá-la na arca da aliança, memorial da ação divina. Do desejo da terra prometida traduzindo o amor ao lar e do mito do lar paraíso; a bipolaridade do símbolo que atravessa o regime noturno e vai para o diurno, evidenciando o bem e o mal nos caminhos do imaginário judaico-cristão até a cruz de Jesus Cristo no centro da terra.

Em seguida evidenciamos, segundo Girard (1997), que no ato criador o ser humano voa para a liberdade. A nossa análise perpassa sobre o desejo de voar, o mito de Ícaro e a linguagem simbólica que possibilita a liberdade, assim vejamos com Rubem Alves nos ninhos que fazem os galhos das árvores voarem e pousarem em outras árvores. É um voo para a libertação interior, cuja simbólica se enraíza no voo onírico.

Refletimos sobre a necessidade de se obter raízes para que aconteça a ascensão do símbolo e, em Bachelard (2006), meditamos sobre a relevância da solidão na infância, quando Rubem Alves trata de sua importância, raiz do nosso ser.

Em seguida, descrevemos a árvore no tempo real e mítico. Dos voos dos Baobás ao voo da arca/árvore, arca da aliança que carrega a palavra de Deus, bem como pela adaptação as árvores voam.

Em Deuterônômio, observamos um dinamismo e ressonância do símbolo da árvore, unida à pedra, fica embaixo, pois a arca guardava as tábuas de pedra e só ascendia através das mãos do homem. Sobre o simbolismo da pedra “[...] compreende-se um pouco que bom número de sistemas de pensamento e de religiões tenha feito desse simbolismo um princípio de explicação dramática existencial do homem e também da origem da vida” (GIRARD, 1997, p. 390). Considerando que leituras do símbolo da árvore na Torá são releituras para o mundo judaico-cristão, percebemos que tanto a árvore como a pedra são símbolos que compreendem a dimensão da religião, pois nelas estão o drama evidenciado pela junção dos símbolos.

Chegamos à árvore da cruz que trata de um voo das árvores pelo imaginário. Segundo Girard (1997), a árvore é um receptáculo de uma divindade ou de um espírito, quando nos situamos na bacia do simbolismo religioso.

Prosseguindo em nossa análise, refletimos sobre a atual situação da mulher. Assim como as árvores passam pelas estações, a mulher hoje vive no outono em que caem as folhas para a chegada dos frutos bem como em *symbolom* pode viver em unidade com o homem se complementando.

Finalizamos com a árvore nas estações; vistas atreladas à poesia; e em seus mitos fundantes. Convidamos o leitor para um passeio nesse jardim arbóreo.

#### **4.1Do desejo de voar**

“A narrativa mítica expressa a necessidade humana existencial, de temporalizar algo que ocorreu fora do tempo. Fora do tempo não quer dizer a-histórico fabuloso ou idílico, [...]” (GOMES, 2010, p.133).

O desejo de voar se expressa por meio de uma linguagem metafórica, que traduz sonhos a serem buscados e conquistados, para tanto há que ter posição de humano, de ascensão e verticalidade.

A imagem, onde quer que se manifeste, é uma espécie de intermediária entre um inconsciente inconfessável e uma tomada de consciência confessada. Ela tem, portanto, o estatuto de um símbolo, o próprio tipo de pensamento indireto, onde um significante confessável remete a um significado obscuro (DURAND, 2001, p.10).

Sejamos humanos que sonham e desejam e que buscam realizar seus sonhos tornando-os realidade, pois, sem isso, não somos humanos.

Tu eras também uma pequena folha  
Que tremia no meu peito  
O vento da vida pôs-te ali  
A principio não te vi: Não soube que ias comigo  
Até que as tuas raízes  
Atravessaram o meu peito,  
Se uniram aos fios do meu sangue,  
Falaram pela minha boca,  
Floresceram comigo.

(2011)

Conforme informa Girard (1997), mitos e religiões atribuem às asas uma provocação essencial à elevação espiritual. Em Papua-Nova Guiné, homens tribais chegam a escalar, sem nenhuma segurança, árvores de quarenta metros para alcançarem colmeias cujo mel adocicará a boca da esposa e dos filhos. Disse a esposa: meu marido é bom para mim, ele me traz mel. Assim o esposo adquiriu a admiração da família e lugar de respeito no grupo.

No alto das árvores as abelhas constroem suas casas, e toda doçura do mel se encontra no lar. Lugar tão alto e sublime cujo desejo é a proteção do alto, ali é o lugar desejado e cobiçado, pois é onde se encontra o mel.

#### **4.2 A árvore aérea voa no ato criador do homem**

Consideramos que os galhos da árvore na Torá, quando crescem, ascendem a ponto de subir aos céus. Ascensão é o natural das árvores. Para crescer, uma árvore necessita de minerais essenciais que estão na natureza à disposição das plantas.

É na terra que estão quase todos os elementos constantes da tabela periódica são necessários ao crescimento saudável das plantas. A ausência deles faz as plantas não completarem seu ciclo de vida, nem se desenvolverem, ou mesmo se reproduzirem. Quanto à quantidade dos elementos são variáveis, todavia todos são igualmente importantes.

Os macronutrientes básicos que suprem a necessidade das plantas, o carbônio, oxigênio, hidrogênio, retirados do ar e da água. Os micronutrientes são requeridos em pequenas quantidades de miligramas, um milionésimo do grama. Esses nutrientes são a seiva, a vida, que corre nas “veias” da árvore como sangue e faz ascender, crescer e voar! “O homem, como a árvore, é um ser em quem forças confusas vêm ficar de pé. A imaginação dinâmica não exige mais para começar seus sonhos aéreos” (BACHELARD, 2001, p.213)

Percebemos que nas árvores as folhas se proliferam na fase adulta quando aumentam a produção de alimento. Uma macieira chega a ter 100.000 maçãs. Em geral as árvores tropicais têm folhas o ano inteiro. Já espécies de zonas temperadas, como o carvalho e o castanheiro, chamadas de caducas, perdem as

folhas no inverno para combater a escassez de água. Assim a planta transpira menos e retém mais o líquido.

Lembra-nos a humanidade que se adapta ao meio para sobreviver e da terra retira todo seu sustento. Assim se relaciona com todos os elementos que as árvores necessitam. Todavia, existe um elemento que o ser humano precisa para viver que só o mundo vegetal pode produzir: o oxigênio. Desta maneira a árvore e a humanidade estão ligadas até as entranhas, além do mundo físico, ou seja, das necessidades básicas, o homem nas árvores obtém o mítico assim como o ser humano necessita do oxigênio o mito é a realidade vivenciada pela humanidade e orienta sua existência, portanto, sem o mito o homem não vive.

Na experiência da necessidade do transcendente, pela aproximação dele e pela luta resultante da necessidade de superar a separação com ele, o ser humano coloca-se na postura de luta e guerra, uma vez que aspira à verticalidade. Busca as alturas como as árvores, são imitadores de árvores. Talvez isso explique o avanço tão magnífico do ser humano em conhecimento, movido pelo desejo de voar, construiu asas de aço e inventou o avião. Uma elevação que o faz chegar às nuvens, e mesmo assim o homem se frustra, pois não consegue alcançar o transcendente pelo voo das asas de aço.

Considerando que as imagens não estão soltas na imaginação, mas estão na origem da humanidade fazendo-a agir, pensar, fazer, ser o que no seu imaginário se constitui relação com outras imagens.

O imaginário não é um simples conjunto de imagens que vagueia livremente na memória e na imaginação, ele é uma rede de imagens na qual o sentido é dado na relação entre elas; as imagens organizam-se de acordo com uma certa lógica, uma certa estruturação (GOMES-DA-SILVA; GOMES, 2010, pg.100).

Todavia o criar, construir e fazer coisas provêm do homem, e proporciona o sentido para sua existência. A árvore fornece ao homem sua madeira e doa sua vida na construção de casas, ornando-as com objetos talhados pela inteligência humana; além de infinitas outras utilidades como em navios, barcos. Ou seja, a árvore encontra-se em todos os momentos da vida da humanidade quando viva, fornecendo alimento e depois de morta produzindo bem estar a essa humanidade e por fim vai morta junto com o homem ao túmulo. Visto que os objetos de madeira não conseguiram apagar a imagem da árvore viva, conservarão a lembrança da sua

verticalidade, vigor, firmeza e imponência, sempre alimentando a energia do poeta. “Mas em meio a essa designação implica o trabalho da madeira; e, é a nosso ver, um devaneio do homo Faber” (BACHELARD, 2001, p.210).

A terra estava corrompida à vista de Deus e cheia de violência. Viu Deus a terra, e eis que estava corrompida; porque todo ser vivente havia corrompido o seu caminho na terra. Então disse Deus a Noé: Resolvi dar cabo de toda carne, porque a terra estava cheia de violência dos homens; eis os farei perecer juntamente com a terra. Faze uma arca de tábuas de cipreste; nela farás compartimentos e o calafetarás com betume por dentro e por fora. Deste modo a farás: de trezentos côvados será o comprimento; de cinquenta, a largura; e a altura, de trinta. Farás ao seu redor uma abertura de um côvado de altura; a porta da arca colocará lateralmente; farás pavimentos na arca: um embaixo, um segundo e um terceiro. Porque estou para derramar águas em dilúvio sobre a terra para consumir toda carne em que há fôlego de vida debaixo dos céus; tudo o que há na terra perecerá. Contigo, porém, estaberecerei a minha aliança; entrarás na arca, tu e teus filhos, e tua mulher, e as mulheres de teus filhos. De tudo o que vive, de toda carne, dois de todas as espécies [...] Assim fez Noé, consoante a tudo o que Deus lhe ordenara. (GÊNESIS 6.11-22)

A madeira, símbolo da presença divina e de sua proteção, é um simbolismo que se liga ao cofre da aliança feito com madeira de acácia e no apocalipse está o cofre sagrado (*kibotos*) simbolizando a presença divina e a aliança eterna. “Fez também Bezalel a arca de madeira de cetim; [...] E cobriu-a de ouro puro por dentro e por fora; e lhe fez uma coroa de ouro ao redor [...]” (ÊXODO 37.1-5).

Em outra tradição, uma idéia quase universal, de que o umbigo é o símbolo do centro a partir do qual se dá a criação do mundo, e uma árvore que está no centro do mundo, e comunica-o com a terra e o mundo infernal, ou dos mortos, e não foi coberto pelas águas. Isso denota que a arca é uma representação ritual; que precede significados míticos ou típicos de cultos à montanha, aos lugares altos e ao centro do mundo, também universal.

A arca da aliança, onde eram guardadas as tábuas da Lei, também era chamada de arca do testemunho. Era usada no rito solene anual da festa da expiação quando o sacerdote entrava no santo dos santos e aspergia sobre ela o sangue das vítimas, e havia ali um querubim de ouro para a sua proteção.

Compreendemos que o inconsciente coletivo é estruturado por arquétipos e reagem por disposições hereditárias, os quais se expressam em imagens simbólicas coletivas. Assim podemos compreender que a imagem da mãe, símbolo do

maternal, arquétipo que estrutura o inconsciente, recebe essa idéia hereditária para exercer influência na existência da humanidade.

Conforme a Enciclopédia bíblica (1990) a arca na Bíblia equivale a um barco de 20.000 toneladas. Através dos tempos alguns estudiosos têm o desejo de encontrar a arca. Em outras tradições a arca varia, mas às vezes se mantém como a tradição, hebreu-mesopotâmica. Na tradição hindu existe uma balsa no Himalaia, construída pelos profetas, coberta como o cofre bíblico.

Esclarecemos de acordo com a Enciclopédia Bíblica (2009), que em Papua-Nova Guiné foram realizadas inúmeras vezes expedições infrutíferas ao Ararat para localizar os restos. No entanto a arca na Mesopotâmia está descrita nos poemas de Gilgames, bem como os demais são fragmentos. O herói a constrói sob as orientações de Deus. Todavia o episódio dos pássaros parece vestígio de um período mais arcaico. A arca descansa no monte Nisir, do Kurdistão.

A madeira enquanto fonte de energia psíquica está presente nas mitologias e história das religiões no mesmo aspecto; bem como falar sobre a vida consiste no tema principal das religiões. Girard (1997) diz que não é possível chegar a uma verdadeira metafísica da árvore. Consideramos que aqui entramos na estrutura mística do imaginário do regime noturno, onde se busca a harmonia entre o humano e o divino, “entra na arca tu e teus filhos [...]” Noé e sua família estavam na arca, que é a mãe protetora. Aqui Noé na árvore/arca e membro da raça humana representa a intimidade possível entre homem e transcendente.

Após o dilúvio a arca permaneceu em posição vertical, no lugar mais alto da terra. A arca representa a morada, lugar onde a intimidade se concentra, percebe-se o *schème* da intimidade. A árvore/arca testemunha que o relacionamento homem e transcendente continua. “[...] o drama temporal é desarmado de seus poderes maléficos pela busca de um fator de constância e fluidez do tempo, pela promessa da aurora. Nela simulam-se os arquétipos e símbolos messiânicos e os mitos históricos” (GOMES, 2010, p.19).

Percebemos aqui nesse momento o símbolo da árvore trazendo a nossa memória seus mitos primervos. Outrora a humanidade caiu por comer do fruto de uma árvore sagrada, agora seria salva por uma árvore/arca e o próprio homem a construiria na pessoa de Noé. A arca localizada no regime noturno das imagens

busca respostas para a mortalidade; presente na estrutura mística do imaginário onde é símbolo de inversão, a figura feminina da árvore/arca encontra-se com água por todos os lados. Recorda o começo em Gênesis 1 em que só havia água. Já nesse texto a semente está guardada na arca/mãe e sobrevive. Agora a grande *materies* se une a água mãe de todos os seres; a árvore arquétipo feminino.

A madeira morta é chamada também de matéria prima e dela muitas coisas podem ser formadas. O vocábulo matéria tem sua origem no latim: *materies*, e significa “dela se pode sair tudo”, ou também formas vivas. Assim saímos das origens do cosmos observável para o domínio do simbolismo.

A madeira, diz Girard (1997), enquanto símbolo de pós-vida remete a árvore que pode ser considerada também como simbolismo da eterna juventude, regeneração, sabedoria e imortalidade. Não é porque ela foi cortada que deixa de ser árvore, é morta, mas serve para vida. Assim como uma mãe que morre para salvar a vida de um filho. Aqui o inconsciente cultural que é modelado cedo pelo social.

“É por ser eterno recomeço de uma cosmogonia, e com isso remédio contra o tempo” (DURAND, 2010, p.361), nossa análise perpassa sobre várias árvores sendo transformadas pelo homem e usadas para salvar a vida deles, sugere o *schème* do aconchego e dos cuidados maternos, evocando naturalmente um sentido simbólico do poder feminino. Assim os mitos que são incorporados à realidade vivida e transformados em crenças como a mãe que vela mesmo depois de morta. A mãe que jamais abandona. O retorno ao lar é imagem simbólica do recomeço.

As experiências da necessidade de incubação no útero e a necessidade de elevação e autossuperação coloca o ser humano numa relação consigo mesmo, numa busca de sentido. Portanto, é interessante a experiência da necessidade de deixar o útero que o prende e o impede de ter liberdade, coisa tão desejada; unida à necessidade de continuar nele. Que o protege, o guarda de todos os males que possam vir em sua direção. Toda essa experiência faz o indivíduo viver em constante tensão.

Ao partimos da experiência, como diz Pitta (1995) do ser humano de incubação no útero atrelada à experiência de ser atacado por forças obscuras, faz o ser humano querer voltar à proteção do útero que o protege contra essas forças, é o único lugar que pode proteger, pois só o útero possui esse poder, e não existe em

nenhum outro lugar essa proteção. “É irracional, ou seja, não pode ser explicitado em conceitos, somente poderá ser indicado pela reação de sentimento desencadeado na psique [...] sentimentos afins correspondentes ou contrastantes, bem como mediante expressões simbólicas” (OTTO, 2007, p.44).

Consideramos que a humanidade se angustia em face da morte e por fim cria harmonia com base no aconchego dos filhos/sementes na arca/mãe; é possível compreender assim uma reatualização mítica da cosmogonia do mundo judaico-cristão.

Entendemos que a primeira experiência do ser humano consiste em entrar nesse mundo, e desde cedo em sua cultura, o homem recebe as noções do sagrado patrimônio da própria ancestralidade. O que para ele, se liga a sua existência e encarna no seu ser, fazendo sua cultura e tudo o que diz respeito a ela sentido de vida, motivação para continuar a história dos seus antepassados. Assim a sacralidade vai se apresentar em todo seu mundo, e ao contemplar o mundo o homem religioso vai descobrindo, apreendendo e reverenciado o sagrado. Portanto, o homem que nasceu, entrou nesse mundo e recebeu nele a noção do sagrado, vai desejar profundamente esse sagrado na sua existência.

Os mitos orientam as atividades do *homo religiosus* envolvendo seu cotidiano dando sentido, emoção, vida real a sua existência.

O mito seria como o inconsciente onde se formulam e tentam resolver-se em imagens as grandes questões as quais o consciente nunca consegue dar respostas lógicas sem antinomias, as grandes questões da condição humana: Donde viemos? Quem somos nós? Para onde vamos? O que nos espera depois da morte? O que é que nos identifica e fundamenta o nosso consenso social? Donde vem o mundo e o homem? (DURAND 1996, p.133-134) apud (GOMES,2009, p.80)

Segundo Gomes (2009), para se compreender o mito na visão desse teórico, faz-se necessário compreender que para ele há uma psique coletiva que guarda muita semelhança com a psique individual. Essa psique coletiva é profunda e pela via da individuação o sujeito produz imagens mentais, diurna e noturna, e assim se produz os mitos que são propostas imagens arquetípicas.

Partindo do pressuposto que no Cristianismo o apóstolo Paulo possuía filhos espirituais “Tito, meu verdadeiro filho na fé que nos é comum” (TITO, 1:4). Há outro texto em (JOÃO 3.6-7) “[...] O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do

Espírito é espírito. Não te maravilhes de ter te dito: Necessário vos é nascer de novo [...]”. É o que fala a Religião Cristã de um segundo nascimento que é tratado como um grande mistério, onde ser nascido do Espírito é ser nascido de Deus. E esse novo nascimento não é físico é espiritual e possível de acontecer.

Os mitos e ritos iniciatórios de **regressus ad uterum** colocam em evidência o seguinte fato: o “retorno à origem” prepara um novo nascimento, mas este não repete o primeiro, o físico. Especificamente, há uma renascença mística, de ordem espiritual [...] A idéia fundamental é que, para se ter acesso a um modo superior de existência, é preciso repetir a gestação e o nascimento. ( ELIADE, 1972, p.76)

Portanto, o segundo nascimento, diz Eliade (1972), é um tema imemorial que percorre de uma religião a outra. Como no Budismo, que vivencia o novo nascimento e diz que quando o homem nasce para a consciência de si mesmo através das palavras ditas por Buda, um novo homem era gerado, abandonava seu nome de família passando a ser filho de Buda. Assim foi conservado no Budismo o segundo nascimento. No Hinduísmo há também a cerimônia hiranya-garbha que significa embrião de ouro; nessa cerimônia, o jovem é colocado em um recipiente dentro de um vaso de ouro em forma de vaca e quando o tira, ele é simbolicamente considerado um recém-nascido.

Existe, porém, um elemento comum que está presente nesse segundo nascimento, é preciso morrer para o profano para ter a vida espiritual, para nascer de novo. Esse homem passa para uma nova situação do ser, pois acredita na transcendência de mundo, e seu mundo real é santificado.

Os mitos ajudam a viver porque sua mensagem é sabedoria de vida, porém a sua captação não é intelectualizada, mas vivencial. É quando vivemos as mesmas experiências que nossos ancestrais que as mensagens míticas são captadas. Essas vivências têm a ver com as passagens que fazemos tanto ao longo da vida corporal, quanto ao longo das relações que estabelecemos com o outro. (GOMES, 2009, p. 76)

Nesse sentido, consideramos que a relação do ser humano com a árvore envolve o arquétipo que é traduzido tanto pela árvore quanto pela mulher. Segundo Jung (2008), é um arquétipo que possui os mesmos atributos do maternal.

Simplesmente a mágica autoridade do feminino; a sabedoria e a elevação espiritual além da razão; o bondoso, o que cuida, o que sustenta, o que proporciona as condições de crescimento, fertilidade e alimento; o lugar de transformação mágica, do renascimento; o instinto e o impulso favoráveis; o

secreto, o oculto, o obscuro, o abissal, o mundo dos mortos, o devorador, sedutor e venenoso, o apavorante e fatal. (JUNG, 2008, p.92)

A arca do texto descrito remete ao arquétipo da mãe. Aquela que deu a vida livrando da morte, acolhendo, e no meio das águas do dilúvio a humanidade sobreviveu. Tiveram uma segunda oportunidade, um recomeço. Isso ocorre todos os finais de ano, em que outro ano começa e possibilita nas mentes o novo. Eis um mito na mente humana, da possibilidade de renascer, recomeçar. O mito:

Procura do tempo perdido, e, sobretudo esforço compreensivo de reconciliação com o tempo eufemizado e a morte vencida ou transmutada em aventura paradisíaca, tal aparece de fato o sentido indutor último de todos os grandes mitos (DURAND, 2010, p.374)

### 4.3 A árvore na Torá voando

Nesse momento, queremos trazer à memória a imagem da arca no livro de Gênesis citada acima em que a arca voa pelas águas do dilúvio e vai pousar em um monte. Coisas de quem tem asas. Buscando associar esse voo da árvore/arca ao da arca da aliança que voava pelas mãos do homem.

E subiu Moisés a Deus, e o senhor o chamou do monte, dizendo: Assim falarás a casa de Jacó e anunciarás aos filhos de Israel: [...] Então Moisés desceu ao povo e disse-lhes isto Então falou Deus todas estas palavras dizendo [...]” (ÊXODO, 19.3; ...25 ; 20.10) Fez Bezaleel a arca de madeira de acácia [...] De ouro puro a cobriu; por dentro e por fora a cobriu e fez uma bordadura de ouro ao seu redor. Fundiu para ela quatro argolas de ouro e as pôs nos quatro cantos da arca: duas argolas num lado dela e duas argolas noutro lado. Fez também varas de madeira de acácia e os cobriu com ouro; meteu os varais nas argolas aos lados da arca, para se levar por meio deles a arca. ( ÊXODO, 36. 53-38)

Segundo o relato bíblico, Moisés anunciou todas as leis, estatuto e juízos dizendo foi Deus e esta palavra seria guardada na arca “Também farão uma arca de madeira de cetim; [...] Depois, porás na arca o testemunho, que eu te darei.” (ÊXODO 25 10-16)

É importante compreender que essa pesquisa contempla o mítico e o simbólico. Assim o que buscamos descrever não é o que é verdade ou não, camparamos sim contemplar o símbolo da árvore na Torá conforme o texto que para a cultura judaico-cristã é sagrado.

Segundo Pitta (2005), às vezes o cofre é um recipiente de madeira, como em uma tradição da Índia. Outras um simples tronco como na tradição mexicana ou uma canoa que usavam os índios da América e da Oceania, e a dos Macusi da Guiana Inglesa em que um rato é mensageiro que anuncia o fim do dilúvio.

A árvore, arquétipo do feminino, que dar forma à intenção e fundamenta o *schème* do aconchego, da mãe, do colo, do alimento e se mostra com toda emoção que a árvore oferece, está presente no regime diurno dividindo o universo entre o bem e o mal como unindo os opostos.

O ouro que cobre a arca, matéria luminosa ligada a temores, portanto, símbolo catamorfo. Embora a madeira represente a verticalidade do ser e é símbolo de poder, é valorizada pela luminosidade do ouro, todavia de forma negativa é símbolo simétrico de fuga, visto a arca representar a presença de Deus que causava assombro e ao mesmo tempo corresponde a sua proteção. Dentro da arca também estava tudo que lembrava o tempo de sofrimento no Egito e a fuga desses momentos angustiantes vivenciados pelos hebreus. “É que o mito é um ser híbrido tendo simultaneamente a ver com o discurso e com o símbolo, Ele é a introdução da linearidade da narrativa do universo não linear e pluridimensional do semantismo” (DURAND, 2010, p.371).

Consideramos que a árvore/arca presente no regime noturno se empenha em fundir e desce para crescer, trabalhada pelo homem não é mais a mesma, morre para servir. Na estrutura mística do imaginário, em que ocorre aconchego entre a árvore/arca e entre a arca e os israelitas, simboliza intimidade e fortaleza. O povo íntimo a árvore/arca fica íntimo de Deus e fica fortalecido, uma vez que é perto do transcendente que o humano sente-se forte.

Nesse sentido, o sagrado, o divino, o transcendental é que move o povo pelo deserto em busca da terra prometida. A arca era portadora da palavra de Deus, da promessa de um lugar para o povo, de um lar. A própria arca e as promessas nelas contidas bem como a lei eram o alimento que movia os Israelitas para a conquista, para a ascensão; levava o povo a voar nas asas do imaginário. A terra prometida era amada antes mesmo de ser alcançada. A arca protegeria, guardaria como a mãe guarda no ventre a vida de seu filho.

Lembramo-nos de uma entrevista em que Clarice Lispector entrevistou Pablo Neruda quando este esteve no Brasil em 1969; ela lhe fez a seguinte pergunta: \_ Em

que lugar gostaria de viver, se não vivesse no Chile? O que Pablo Neruda respondeu: \_ Acredite-me tolo ou patriótico, mas eu escrevi há algum tempo um poema:

Se tivesse que nascer mil vezes ali quero nascer

Se tivesse que morrer mil vezes ali quero morrer.

O lar, lugar de repouso, o descanso, o paraíso que se encontra no imaginário humano. Entretanto sobre a vida da árvore poderá acontecer as mais diversas imaginações, assim como sua diversidade vegetal. Na nossa divagação imaginária da terra, percebemos que para nosso crescimento nossas raízes precisam ser como as do cedro que nos seus primeiros anos crescem devagar e chegam a atingir até mais de quarenta metros e seus galhos são como braços levantados a orar. Todavia, até os três primeiros anos de vida, sua raiz cresce um metro e meio enquanto a planta cinco centímetros.

Quando do cedro, suas raízes e seu valor entre os povos nos recorda a infância, o mais primitivo ou o mais próximo na qual estamos arraigados, nosso lar está nas entranhas do nosso ser do qual sentimos saudades na distância geográfica ou distância temporal que, mesmo sem podermos voltar no tempo, ficam na nossa memória todas as informações que constroem nossa existência.

Relembra o tempo e espaço sagrados, míticos dos quais não nos desprendemos apenas os renomeamos; recolocamos os momentos de outrora tão preciosos. Essas informações resistem às adversidades da existência e demonstram o prazer e a alegria de viver e crescer a ponto de os nossos galhos cheguem aos céus, queremos a imortalidade que pode ser encontrada no transcendente. Através da rememoração há uma libertação da obra do tempo. “Conhecer a origem é poder dominá-la” (ELIADE, 1972,83).

Outra observação e compreensão interessante é o fato de árvore/arca buscar a ascensionalidade. O que segundo Pitta, (1995) o símbolo diairético nesse caso é símbolo de distinção pela separação, uma arma de combate espiritual. Percebemos aqui uma bipolaridade do símbolo. O símbolo é transportado para o regime diurno das imagens onde o *schème* que divide se evidencia e bem e mal guerreiam entre si pelo mito do renascer; de uma vida cíclica a árvore voa no imaginário da cultura judaico-cristã, pois ascende na cruz de Jesus Cristo, e reconquista a potência

simbólica no voo para além do tempo em que se dividem e unem ao mesmo tempo o passado e o presente de um povo.

Voar é desejo dos seres humanos desde tempos míticos e imemoráveis da humanidade. Consideremos no desejo de voar o mito grego de Ícaro, cujo desejo de voar era o desejo por liberdade.

Dédalo era um inventor que criava um sobrinho e era, portanto, responsável por sua educação. Talo seu sobrinho criou a serra e Dédalo enciumado procurou matá-lo empurrando-o do alto em um precipício, mas os deuses transformaram Talo em uma perdiz que voou. Por esse feito Dédalo foi se refugiar na ilha de Creta onde o rei Mino o mandou construir um labirinto onde no futuro o minotauro seria preso. Dédalo foi impedido de sair da ilha e criou sua maior invenção asas para voar. Ao colocarem as asas seu filho Ícaro não ouviu seus conselhos para não voar tão alto e se aproximar do sol, pois as ceras das asas derreteriam e Ícaro caiu, mas Dédalo escapou e foi viver na ilha da Sicília.

(MITO DE ÍCARO, 2011)

Busquemos a contemplação, quando o ser intervém na matéria e age como demiurgo e é um artesão, que manipula seu mundo provocando e ativando suas mãos, mãos de artista e alquimista que habilita a matéria para servir as forças da felicidade. Dos elementos da obra bachelardiana que são como sentimentos primitivos; realidades do ser humano em um saber racional na imaginação criadora que se encontra com a criação poética. É a ontogênese da criação. A árvore – arquétipo e símbolo femininos – pode nos levar a devaneios em seus brotos e numa ontologia simultaneamente árvore e humano, nos leva a pensar nos filhos que querem voar como os galhos de uma árvore e assim se estendem para todos os lados.

O devaneio vegetal se liga a devaneios particulares e estes na mente estão entrelaçados, um inconsciente com lembranças diferentes e pessoais e um inconsciente comum a um determinado grupo de pessoas.

Na linguagem do devaneio consideram-se as muitas necessidades de conhecimento despertando a capacidade para o homem desenvolver a imaginação criadora e o sentido individual; pelo fato de o símbolo comunicar o homem com o meio, leva este homem a se socializar; assim em cada época, cada grupo produz seus símbolos, visto que sem os símbolos a civilização morre.

Segundo Bachelard (2006), no devaneio somos livres e nada nos prende, assim como os pássaros ao crescer constroem seus ninhos, os filhos precisam crescer, pois a verticalidade é característica do ser humano assim como as árvores crescem. O humano quando possui excesso de infância possui germe de poeta. E como criança pode pedir ao pai que pegue a lua para ele. E o que parece é que se nós recorrermos às imagens dos poetas a infância se revela bela; visto que a liberdade de sonhar é a liberdade psicológica, através da qual podemos sonhar tudo.

As árvores contemplam a vida num devaneio da calma, da perseverança, em viver e crescer.

O ser do devaneio atravessa sem envelhecer todas as idades dos homens, da infância a velhice. Eis porque no outono da vida, experimentamos uma espécie de recrudescimento do devaneio quando tentamos fazer reviver os devaneios da infância. (BACHELARD, 2006, p.96).

Para voltarmos a esses devaneios é preciso que nossa alma se torne árvore mãe, onde os filhos devem voar e voarão um dia. A natureza entrelaçada em tudo que possui, leva os pássaros a construírem seus ninhos nas árvores, e esses ninhos são construídos de galhinhos de árvores voadoras.

Segundo Alves (2001), no ninho o pássaro não precisa ter medo e ali está seu universo. Muito embora os ninhos estejam destinados ao abandono ele nos leva de volta a infância, aos braços do pai. Uma casa na árvore é extensão do ovo, pois o pássaro ao nascer não possui pena e o ninho o cobre e o protege até que nasça a penugem; por isso o ninho para os pássaros é uma doce morada.

Na cena da criança, diz Alves (2001), que adormece nos braços do pai nos remete à cena da criancinha que dormia na estrebaria de Belém, tudo é paz! Que bom se a cena do aconchego, do ninho não terminasse nunca. É um movimento cíclico da natureza, da árvore e da vida humana.

Assim como os pássaros ao crescer constroem seus ninhos, os filhos precisam crescer, pois a verticalidade é característica do ser humano assim como as árvores crescem. Os adolescentes estão crescendo e não querem ninhos, querem voar e sua vida não está mais no ninho e sim no voo, todavia voltarão mesmo com vontade de continuar voando, pois os espaços não são um lugar seguro. Só se desprenderão do ninho materno quando estiverem grandes, para construírem seu próprio ninho.

#### **4.4 A árvore que voa tem raízes seguras**

A árvore ligada às profundezas da terra, que pela raiz suga os elementos para seu bom desenvolvimento, cresce sozinha faz-nos pensar a importância da solidão para o ser poder crescer. Noé ficou praticamente sozinho nos seus devaneios. Para Bachelard (2006), na solidão sonhamos mais longe, descemos dentro de nós mesmos e nos libertamos de nossa história e nomes que outrora nos foram colocados; pois absorvemos o que nos contam e o que é o nosso nome. Mas a solidão da infância acalma os sofrimentos, e deixa a infelicidade ouvida pelos adultos. Sozinha a criança pode conhecer a prazer de sonhar, e pode criar, é dona de seu mundo.

Assim, na tranquilidade do devaneio, a nossa solidão é restituída e voltamos a ser crianças. “Está aberta a uma, poético – analise uma tarefa que nos ajudará a reconstituir em nós o ser de solidões libertadoras. A poética-análise deve devolver-nos todos os privilégios da imaginação” (BACHELARD, 2006. p94). Na memória temos muitas recordações, um campo de ruínas psicológicas.

Todavia, percebemos como a infância reimaginada possibilita o reencontro da vida dos devaneios de uma criança, cuja alma em seu núcleo de infância imóvel e viva fora da história que aos outros é oculta, é disfarçada em história. Quando contamos, o ser real aparece nos instantes da existência poética. “Quando sonhava em sua solidão, a criança conhece uma existência sem limites. Seu devaneio não era simplesmente um devaneio de fugas. Era um devaneio de alçar voo” (BACHELARD, 1996, p94).

Portanto, na experiência da necessidade pelo transcendente, e pela luta resultante dessa necessidade de superar esta separação, o homem aspira sempre à verticalidade. Talvez isso explique o avanço tão magnífico do ser humano em conhecimento, que movido pelo desejo de voar, construiu asas de aço e inventou o avião. Uma elevação que o faz chegar às nuvens. Todavia, o homem se frustra, pois, com toda essa sabedoria não consegue alcançar o transcendente.

#### **4.5 Voando na experiência mítica**

Considerando que, por viver no tempo sagrado, a árvore possibilita através de sua inspiração e companhia a entrada na experiência mítica. A incessante sucessão dos ciclos da árvore aponta para a roda da vida e da morte, vigília/sono, inspiração e expiração. Representa o tempo profano e o tempo sagrado, vivenciado pela humanidade. O começo e o fim, a origem de si mesmo e seu próprio fim.

Independente do nome sejam umbuzeiros, amoreiras, macieiras, parreiras, videiras, oliveiras, ou outras, a árvore é símbolo de tempo e de espaço, em sua diversidade ocupa lugares diferentes, vivendo em lugares de solo próprios, mas também em solos distintos de sua ontologia. Os celtas se inspiraram nelas para seu calendário e alfabeto.

Os baobás consistem em um gênero de árvore com oito espécies nativas do continente africano, Madagascar. São árvores de troncos grossos, onde guardavam os corpos e os espíritos dos antepassados. É símbolo de resistência dos povos negros e oprimidos. Os baobás são árvores imagens de descanso, aconchego e repouso embaixo das quais algumas tribos se reúnem para resolverem os problemas do grupo, e juntos escolhem a melhor solução para a vida da coletividade.

Na tradição indiana mais antiga, nos Upanishades, o universo é representado por uma árvore gigante. Bem como o cosmos é representado por uma árvore invertida, cujas raízes vão até o céu e seus ramos se espalham sobre a terra. Suas raízes estão no mundo superior, ou seja, no mundo de cima, ao contrário das demais árvores cujas raízes são fincadas na terra. “[...] é a lembrança do simbolismo cíclico no seio das aspirações verticalizantes [...] esta árvore verticalizada representa a manifestação de Brahma no cosmo, quer dizer a criação imaginada como procissão descendente” (DURAND, 2010, p. 344).

Para Durand (2001) a figuração dessa árvore é muito curiosa e lembra o simbolismo cíclico quando essa árvore mergulha as suas raízes no céu e estende os seus ramos sobre a terra; é uma árvore que dialetiza e representaria a manifestação de Bhaman no cosmo, quer dizer a criação imaginada de forma descendente.

Conforme Durand (2010), esta árvore é encontrada na tradição sabeísta, no esoterismo sefirótico, no Islã, em Dante, em certos rituais lapões, australianos e islandeses. É uma árvore que choca nosso verticalismo ascendente; é parente da árvore próxima do mito messiânico das três árvores em que a última inverte o

sentido da primeira refazendo assim a criação tendo em vista a descida da queda cosmogônica.

Pensamos que talvez as respostas dos questionamentos da humanidade estejam postas diante dela, e quem sabe essa humanidade possa voar quando ficar quieta e muito mais calada a serviço dos seus semelhantes, e se encontrem transcendendo com sua copa na terra, ou mesmo as raízes. As raízes ou galhos estando em qualquer região serão alimentados pela capacidade de adaptação inerente aos seres humanos.

#### **4.6 A árvore que voa se adaptando**

Quando Moisés quebrou as tábuas (de pedra) da lei segundo a passagem “Logo que se aproximou do arraial, viu ele o bezerro e as danças; então, ascendendo-se- lhe a ira, arrojou das mãos as tábuas e quebrou ao pé do monte” (ÊXODO, 32, 19). Essas tábuas eram o testemunho que deveria ser guardado na arca da aliança. “E porás na arca o Testemunho, que eu te darei” (ÊXODO 25.16) Ou seja era na árvore/arca onde seriam guardadas as tábuas da lei. Consideramos aqui que a árvore/arca cresceu em valor e não perdeu seu sentido de árvore quando mesmo depois de madeira transformada pelas mãos do homem iria ser transporte da palavra de Deus. Como uma mãe que possui os ensinamentos, o alimento para seus filhos.

Nesse sentido, é homologia da árvore de cedro que perto da pedra suas raízes se enroscam nela e continua a crescer. Todavia com as pedras quebradas como voaria a arca? Voaria vazia. Vazia da palavra de Deus, do transcendente e assim onde estaria descrito o caminho para se percorrer, e agradar ao Senhor? Entretanto, a árvore/arca continuava lá no meio do povo, não abandonou os filhos.

Esquadrinhemos o valor da compreensão do momento que o símbolo da árvore vivencia para a cultura judaico-cristã; portando, sentidos que podem permear profundas indagações humanas. Tendo em vista que numa compreensão durandiana a árvore noturna busca fundir-se, ou derreter-se, e acomodar-se, a árvore/arca desceu aos homens, mas isso não foi uma queda foi à busca por conhecimento.

Apreciamos aqui uma possível compreensão no fundir-se ou derreter-se da árvore crescer no imaginário, uma construção simbólica que se desenvolve para uma imagem futura.

A cruz cristã, enquanto madeira erguida, árvore artificial, apenas drena as acepções simbólicas próprias a todo simbolismo vegetal. Com efeito, a cruz é muitas vezes identificada a uma árvore, tanto pela iconografia como pela lenda, tornando-se como escada de ascensão, porque a árvore, como veremos, é contaminada pelos arquétipos ascensionais. Na lenda da cruz enxerta-se igualmente o simbolismo da bebida de eternidade, do fruto da árvore ou da rosa que floresce na madeira morta (DURAND, 2001, p.328-329).

“Naquele mesmo tempo, me disse o Senhor: alisa duas tábuas de pedra, como as primeiras, e sobe a mim a este monte, e faze uma arca de madeira. E, naquelas tábuas escreverei as palavras que estavam nas primeiras tábuas que quebraste e as porás na arca” (DEUTERONÔMIO 10.1-2).

Lembramos que madeira/árvore e arca/árvore compreendem o mesmo sentido simbólico, portanto, não perdem sua essência simbólica, e constroem um simbolismo amplo estruturado em torno da árvore na Torá. O que importa é o dinamismo polarizante e predominante da imagem e símbolo.

Aqui ocorre um isomorfismo de *schèmes* na imagem desse símbolo, a árvore aqui protege e guarda o que deve ser lembrado pelo povo e jamais esquecido por ele. Quando Moisés pela segunda vez desce do monte Sinai, traz as segundas tábuas da lei onde estavam os dez mandamentos escritos pelo dedo de Deus. “E deu a Moisés (quando acabou de falar com ele no monte Sinai) as duas tábuas do Testemunho, tábuas de pedra, escritas pelo dedo de Deus” (ÊXODO 31.18). A arca ascendia seu potencial e crescia perante a congregação de Israel por guardar o bem de maior valor, as ordens de Deus. Aqui os opostos se unem. A árvore que é ascensional e vertical se une à pedra que fica para baixo, na terra. Assim a intenção aqui é de fundir, unir, no regime noturno do imaginário.

A árvore/arca unida à pedra fica embaixo e só pode ter ascensão quando levantada pelos homens. Assim se enquadra “caracterizado por uma lógica da antítese (de oposições), onde prevalecem as intenções de distinção e análise.” (PITTA, 1995, p.7) Símbolo catamorfo relacionado à queda moral. A árvore ficava no chão e só era levantada quando os homens a levantavam. Todavia nesse regime a imagem pode passar por um tempo negativo e outro positivo. No tempo negativo a

árvore está embaixo, pode significar vergonha, as soluções seriam: pegar as armas e lutar, criar um universo harmonioso ou entrar numa visão do tempo em que morrer é renascimento. A árvore/arca aqui opta diante da imagem negativa da morte pelo enfrentamento da morte como renascimento, visto que sobrevive no meio do povo sendo carregada junto com esse povo, como se aspirasse a alguma coisa e esperasse algo que viria. Uma interpretação que não se esgota aqui o imaginário.

De tal modo o cedro do Líbano é conhecido pela resistência a altas temperaturas, umidade e longevidade. O tamanho médio dos cedros é de mais de 28m a 33m. Madeira usada em 978 a. C. para a construção do primeiro templo em Jerusalém, e com ela os egípcios construíam navios e sarcófagos e ainda com ela o azeite era extraído para a mumificação<sup>2</sup>.

Remete ao ser humano análogo à árvore que também resiste com firmeza às dúvidas e questionamentos que queimam sua alma, buscando suas saídas para aliviar suas dores no mítico. No texto bíblico temos um exemplo: “O justo florescerá como a palmeira, crescerá como o cedro do Líbano” (SALMOS 92.12).

Partimos do pressuposto de que os mitos existem para organizar e estruturar a vida; envolve problemas existenciais que o ser humano não consegue resolver.

---

<sup>2</sup> (ENCICLOPÉDIA BÍBLICA, 2010).

“Uma sociedade é um sistema de ordem, cujo oposto é o caos. Manter essa ordem se torna uma de suas mais importantes funções. É por isso que, até certo ponto, tememos o caos e a violação da ordem mais do que tememos os deuses” (PADEN, 2001, p.66).

#### **4.7 O imaginário da árvore na cruz, um voo de árvore**

Segundo Durand (2001), a cruz é símbolo que é contexto do cosmo, portanto símbolo de totalização espacial. Simbolizar é próprio do ser humano, e por meio dos símbolos a humanidade dirige seu comportamento. É uma herança que sofre influências culturais e sociais que compreende uma construção pelas experiências pessoais e coletivas, formando um conjunto de desejos e sonhos. Em todas as religiões, mesmo nas mais arcaicas, há uma rede de imagens simbólicas

coligidas em mitos e ritos que revelam uma trans-história por detrás de todas as manifestações da religiosidade na história (DURAND, 2004, p.73).

Com a imaginação, o ser humano elabora um significado para o real por meio da experiência sensível dos fatos. Entendendo que para os povos do oriente a localização de suas cidades era o centro do mundo, onde os deuses desciam. Segundo Girard (1997), o símbolo situado no centro do mundo seja ele montanha, pilar, árvore é bem difundido.

Deste simbolismo e do símbolo da árvore na Torá foram realizadas leituras da religião dentro do Antigo Testamento e sobrevieram para dentro do cristianismo. É possível considerar que a árvore cruz miticamente foi colocada no centro do mundo.

Tendo em vista esclarecermos que os símbolos mesmo com o passar dos anos, séculos, milênios, não desaparecem; podem até mudar um pouco sua forma, mas eles possuem o mesmo sentido arquetipal, o mito se reatualiza.

Considerando os relatos em “Eu sou a videira verdadeira [...]” (JOÃO 15.1); “Porque eu desci dos céus [...]” (JOÃO 8,38). O próprio Cristo diz que desceu do céu e diz também que é uma árvore. Na árvore da cruz, Deus em seu filho desceu a terra miticamente falando e associando ao simbolismo do centro.

“Com efeito, a árvore da cruz, metáfora ascensional, cósmica e paradisíaca, anuncia e inaugura, pela morte de Cristo e pela conseguinte ressurreição, uma segunda Criação” (PONTES, 1998, p.207).

Girard (1997) diz que a árvore nas Histórias das religiões são superiores às árvores cósmicas, da vida, da juventude eterna e a da sabedoria. Para os homens que vivem miticamente a sacralidade das árvores era um modo fiel de encontrar, ou entrar no religioso.

O símbolo possibilita a experiência com o divino e o sagrado; o que não tinha significado, através da experiência, se torna sagrado.

Pitta (1995) nos esclarece que é reconquistada a potência simbólica no voo para além do tempo, na imagem da árvore que vivencia o símbolo cíclico e em que se dividem e unem ao mesmo tempo o passado e o presente da cultura judaico-cristã. Do *schème* rítmico ao mito do progresso, o ritmo da natureza ensina que é preciso haver morte para que haja ressurreição.

#### **4.8 As mulheres, árvores voadoras**

A árvore vivencia o movimento cíclico nas estações e passa sua existência vivenciando experiências. Estas estações nos permitem pensar em devaneios constantes. A poesia ultrapassa o pensamento e através de metáforas pode-se fascinar entrando em realidades reveladoras, que com dinamismo produz alegria, alívio e a leveza do ar em ação.

Hoje estamos em um momento em que as mulheres atuam de forma especial no mundo, além de todo seu potencial de maternidade e gestação, têm seus sentidos aguçados justamente por sua função maternal; elas conseguem se relacionar sem agredir, além da disponibilidade para ouvir, são todos atributos femininos. Apesar de a mulher só começar a votar em 1940 teve que lutar e ainda luta para ficar na mesma posição que os homens, mas essas lutas são tão intensas que as afastam do homem. “Porque se você tem duas metades que podem se complementar, elas se complementam em função das diferenças e acabam constituindo uma unidade, mas se você tem duas metades iguais, resultam em choque” (FERREIRA-SANTOS, 2007, p.6). Como em *Symbolé* que também é outro substantivo usado no grego com o significado de “junção, reunião, contrato” no concreto possui o significado da articulação do cotovelo ou do joelho, ossos que se unem e se ajustam um ao outro e um não pode ser considerado sem o outro; assim ambos necessitam um do outro e se complementam homem e mulher.

Segundo Girard (1997), existe o mito de androginia vegetal, com sua origem na Frigia, porém difundido em todo mundo greco-romano. No mito de Átis e Cibele, a deusa-mãe se enamora do jovem pastor, que lhe faz voto de castidade, porém atrai a expectativa dela. Furiosa ela o fere de loucura. Átis se castra sobre o pinheiro. Ele é metamorfoseado em pinheiro. Cortada a árvore a deusa a leva para sua gruta e chora o amante, ressuscita-o e o torna divino. O rito que é celebrado todos os anos e está ligado à morte e ressurreição da natureza. Na estação própria ela coroa um pinheiro e pendura Átis nele em forma de imagem ou estátua. Unidos estão agora como deuses a deusa-mãe e o deus no pinheiro. É um mito síntese das polaridades femininas e masculinas.

É sempre sob o duplo aspecto de resumo cósmico e de cosmo verticalizado que se apresenta a imagem da árvore. É assim que a árvore será o próprio tipo de hermafrodita, ao mesmo tempo Osíris morto e a deusa Ísis, o Ashera é simultaneamente Deus pai e deusa mãe. Facilmente representará o

produto do casamento, a síntese dos dois sexos: o filho (DURAND, 2001, p.341).

Na Espanha, os esportes são brutais, neles se empenham cortar árvores, arrastar pedras, etc. Em uma sociedade machista, entretanto, toda a estrutura social “depende do que eles chamam etxcoandre que significa a senhora da casa (etxe=casa; coandre=senhora). Nessa sociedade a palavra final é sempre da mulher. A principal deusa da mitologia basca chama-se Mari, que é a terá mãe natureza” (FERREIRA-SANTOS, 1997, p.5). Desta feita os esportes praticados no país nos fazem entender que era para demonstrar a deusa que seria protegida, mas tanto a racionalização como o tempo origem anterior dos esportes se perdeu, assim o esporte é feito pelo esporte.

O que chamamos a atenção é para esses galhos que nossa árvore possui e se arrisca que luta e transcende adversidades; nisso experimentam fortes emoções, pois muitas vezes as árvores são podadas, mas quanto mais são podadas mais insistem em crescer. Assim são as mulheres, lutam por seu próprio espaço e enfrentam as adversidades. Querem crescer como pessoa, buscando seus espaços. “Para a imaginação, viver na grande árvore, sob a enorme folhagem, é sempre ser um pássaro. A árvore é uma reserva de voo. O pássaro é apenas a mais alta folha da árvore” (BACHELARD, 2001, p.218).

Compreendemos a imaginação aérea aqui tendo a realização na vida real. Deve ser o que ocorre nesse momento em que uma sonhadora recebe benefícios de uma imaginação verticalizante. Na imagem da árvore a morrer, imagem correlata atrai para si homologias. Esses são alguns exemplos de árvore/mulher onde elas podem voar em seus devaneios e sonhar e desses sonhos realizarem o indizível. “Assim, a árvore atormentada, a árvore agitada, a árvore apaixonada pode proporcionar imagens a todas as paixões humanas” (BACHELARD, 2010, p. 221).

#### **4.9 As árvores nas estações**

O símbolo da árvore reclama silenciosamente caminhos seguros na contemplação imaginária do símbolo. Um destes ensinamentos é a arte de sobreviver aos vendavais da vida. A árvore passa pelas estações verão, outono, inverno e primavera e esclarece na contemplação simbólica como pode ser uma fortaleza em um dos maiores desafios que toda humanidade enfrenta, as tragédias que

acometem a todos. A árvore enfrenta a vida com firmeza e as estações são para as árvores uma inspiração, seus ciclos seguem a natureza. O verão nos faz lembrar o calor do fogo em sua beleza estonteante, por um lado por remeter à chama ardente, lembra o útero que aquece e acolhe.

Diante das faces do tempo, desenha-se, assim, uma outra atitude imaginativa, considerando em captar as forças vitais do devir, em exorcizar os ídolos mortíferos de Cronos, em transmutá-los em talismãs benéficos e, por fim, em incorporar na inelutável mobilidade do tempo as seguras figuras de constantes, de ciclos que no próprio seio do devir parecem cumprir um desígnio eterno” (DURAND, 2010, p. 194).

O antídoto do tempo é procurado na segura e quente intimidade da substância. E numa linguagem metafórica como a árvore no verão e calor causticante, precisa de muita água para continuar a viver. Já nos seres humanos o fogo pode consumir o ser. O fogo de uma paixão seja qual for o tipo; o fogo simbólico do inferno; o fogo da incerteza e outros. Assim o ser humano busca saídas que acalmem sua alma igual ao sedento quando encontra um oásis.

As árvores no verão sonham com a primavera. Existe uma ligação primitiva entre a árvore e o fogo. Queimar madeira é um provável mito de regeneração vegetativa e da renovação do ano. No calor as árvores transportam energia e pela fotossíntese as sementes e frutos aparecem. Tanto a árvore como o fogo são imagem de verticalidade.

A imaginação da árvore sob determinada pelos esquemas verticalizantes rompe por seu lado progressivamente a mitologia cíclica na qual se fechava a imaginação sazonal do vegetal. Pode-se dizer que pela fenomenologia do fogo e pela da árvore aprendemos a passagem de arquétipos sintéticos que vão instaurar os mitos tão eficazes do progresso e os messianismos históricos e revolucionários (DURAND, 2001, p 338).

No outono as folhas caem, e as árvores ficam nuas, as árvores caducas parecem apresentar um inconsciente vegetal; caem as folhas e mostram seu tronco sem muita beleza, contudo no seu interior, a beleza é fortalecida um preparo para que na primavera floresça e cheguem dos frutos, que um dia será sementes que darão vida a outras árvores.

No dizer de Durand (2001), a árvore no começo é colocada ao lado de outros vegetais, associando a floração, a frutificação, e por mais ou menos caducidade das suas folhas o que parece que incita um devir dramático. Na verticalização a árvore

orienta um devir humano, uma posição de vida que se ergue quando o aproximamos da verticalidade o que é da espécie humana. Dessa maneira a imagem da árvore faz-nos passar da fantasia cíclica a progressista. Na sua folhagem há um messianismo subjacente.

Já no inverno, as árvores recebem água, e existem algumas que necessitam de mais água como a figueira cujas raízes correm a procura de água. Se uma figueira estiver em um vaso, este irá se romper pela força das raízes da figueira que esquadrinha onde existe água.

A árvore encontra-se associada às águas fertilizantes, é árvore de vida. É planta aquática, o rizoma de lótus coberto de flores, torna-se arborescente sobre a coluna de luxor ou nas representações lotiformes e gigantes da arte Gupta. Nas lendas semitas a árvore da vida está situada no mar ou perto de uma fonte (DURAND, 2001, p.339).

Na primavera a árvore floresce para a alegria dos poetas, dos enamorados, dos pintores, das crianças e dos que amam a vida e conseguem contemplar toda a beleza da natureza.

Alves (2004) escreveu sobre a complicada arte de ver, em que ele conta a história de uma mulher que cozinhou todos os dias, coisas que fizera centenas de vezes como as donas de casa em geral. Mas, um dia, pensou que estava enlouquecendo, pois as cebolas, os tomates, os pimentões eram vistos por seus olhos com outro olhar. Todavia ela estava com a perturbação ocular que os poetas possuem. Ela ganhou olhos de poeta, pois os poetas ensinam a ver. Todavia existe algo na visão que não pertence à física. E Rubem Alves cita Willian Blak “A árvore que o sábio vê não é a mesma árvore que o tolo vê”.

Alves (2004) esclarece que sabia disso por experiência própria, pois quando via os ipês floridos, se sentia como Moisés diante da sarça ardente, pois ali estava uma epifania do sagrado. Entretanto uma mulher que tinha um Ipê florido em frente de sua casa vivia a reclamar de seu trabalho para varrer, ela só via o lixo. Perdia a beleza. Há muitas pessoas de visão perfeita, outras que são cegas, mas o ato de ver não é coisa natural precisa ser aprendido, no caminho de Emaús reconheceram Jesus quando Ele partiu o pão. A diferença é onde os olhos são colocados. Se na caixa de brinquedos, se transformam em órgão de prazer e querem fazer amor com o mundo. “Eis aqui meu segredo. É muito sensível. Consiste em que só se ver bem com o coração, pois o essencial é invisível aos olhos” (EXUPÈRY, 1985, p.76).

Com as árvores podemos intuir e aprender o que devemos guardar em nossa memória, pois produzem em nós um crescimento e amadurecimento que deem frutos para o nosso benefício e de outros também. Um conhecimento e sapiência, que só com o tempo e contemplação da beleza do símbolo podem ser adquiridos. “O verticalismo facilita muito esse “circuito” entre o nível vegetal e o nível humano, porque o seu vetor vem reforçar ainda as imagens da ressurreição e do triunfo” (DURAND, 2001, p.342).

Segundo Girard (1997), muitos mitos e crenças populares falam de um retorno às árvores, em se tratando da vida humana, está se falando do contato com a fonte cósmica. Temos como exemplo entre os xamãs o costume de sepultar seus mortos em troncos de árvores. E os esquifes de madeira derivam dessas matrizes funerárias naturais; mesmo quem os faz pode não ter ideia do simbolismo profundo ligado a elas. Todavia quando falamos de escatologia, que prevalece em diversas religiões, disso pode variar o funeral ligado à madeira de acordo com a crença.

Conforme Girard (1997), na mitologia grega, Caliope mãe de Orfeu interveio quando Afrodite/Vênus e Perséfone/Proserpina rivalizavam por querer Adônis. Caliope reuniu os deuses e conseguiu que Adônis ficasse com o tempo repartido para as duas. Mas Adônis guardava certa relação com a musa Caliope. Diz-se que Adônis nasceu de Mirra filha do rei de Chipre que por engano deitou-se com seu pai e quando percebeu isso pediu perdão aos deuses, todavia foi imediatamente transformada em árvore mirra. Afrodite provocou esse incesto pelo fato de que mirra a provocava e se gabava de sua beleza, se julgando mais bela que Afrodite, a deusa do amor nos panteões gregos.

Compreendemos, neste capítulo, como são fortes as imagens desencadeadas pelo símbolo da árvore na Torá, que insiste no arquétipo feminino e nos seus atributos um modelo que sedimenta a existência. Incluímos, nessa análise nosso objetivo que foi sinalizar na própria Torá um símbolo da árvore que voa, pelas folhas, pela imaginação humana e no imaginário nos progressos do símbolo. Entendemos que, para os voos acontecerem, as raízes estavam possivelmente cravadas na infância, na imaginação criadora, no imaginário humano e cultural sendo aqui desvendado no imaginário durandiano e despertando ressonâncias míticas.

Dessa forma consideramos que foram desvendados mitos na cultura judaico-cristã pela análise simbólica da árvore na Torá onde podemos assim apreciar a relação mítica e simbólica da árvore na Torá com a cultura judaico-cristã.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: DOS FRUTOS DA ÁRVORE NA TORÁ**

Nesse momento, procuramos fazer nossas considerações finais, todavia, ao que nos parece, teríamos muito que escrever sobre árvores, árvore na Torá, sobre a ligação do símbolo com o ser humano e toda sua semelhança ontológica a dos seres humanos.

Falar sobre a temática da árvore consiste em se entregar ao devaneio poético que Bachelard inspira. Todavia tentamos realizar a concretude dos objetivos do nosso desejo de pesquisa; muito embora se possa observar do começo ao fim da pesquisa o símbolo da árvore na Torá e as considerações de análise simbólica e mítica de acordo com a teoria do Imaginário e através do método de convergência simbólica proposta por Gilbert Durand.

Nesse capítulo, em um primeiro momento, descrevemos sobre a flora e as sementes na bíblia, bem como da possibilidade da imagem da árvore na Torá expressar os *schèmes* e arquétipos do imaginário permeando os regimes, noturno e diurno. Por fim fizemos uso dos relatos bíblicos para expressar um pouco mais do imaginário da cultura judaico-cristã.

Já no segundo momento delineamos sobre o tempo de plantar e da relação das sementes com os frutos e com o homem que busca a transcendência vivenciando o sagrado. Ainda que tenham que apreender e ensinar a transcender pela relação com os outros; e através da linguagem poética mostramos que o tempo e o semear devem ser a realização do transcorrer da vida.

Das sementes e dos caroços, nosso terceiro momento, expomos acerca do processo para a frutificação de novas árvores através da semente que são plantadas de acordo com a Bíblia. Entendemos da necessidade de ensinarmos as gerações futuras um caminho de contemplação no que há de belo na força do símbolo da árvore na Torá e ao tomar a ginkobiloba como exemplo de resistência vegetal refletimos sobre o que realmente fica de frutos da existência. Portanto, devemos ensinar o voo da liberdade, semeando com o coração.

No quarto momento desses capítulos, entendemos que plantar resulta em festa, assim ilustramos com a festa dos tabernáculos a festa das primícias que eram oferecidas ao Senhor e celebrada por todos da congregação. Consideramos que devemos descansar à sombra das árvores.

### **5.10 tempo da colheita**

A flora que é descrita na Bíblia corresponde às regiões subtropicais onde sempre se alternam a aridez e o deserto. Segundo a Bíblia as regiões mais férteis da Palestina eram a planície de Saron ao largo da costa, os bosques de coníferas do Líbano e Hebron e os vales próximos a Jericó a planície de Esdremon na Galileia e certas zonas da Transjordânia<sup>3</sup>.

As ervas eram destinadas para a alimentação dos animais, contêm sementes e quase sempre são cereais e as ervas sem semente. Já os arbustos e árvores frutíferas e demais árvores serviam para a alimentação das pessoas. Enquanto as árvores que não davam frutos seriam usadas no que servisse, na construção de objetos para uso do homem.

A palavra semente<sup>4</sup> em hebraico é a palavra igual para o mundo animal e vegetal tem seu significado como o tempo da colheita, da sementeira, o campo semeado, e a descendência humana em geral e até um filho determinado. “E o Senhor teu Deus te fará abundar em toda a obra de tuas mãos, no fruto do teu ventre, e no fruto dos teus animais, e no fruto da tua terra para bem; porquanto o Senhor tornará a alegrar-se em ti para bem, com se alegrou em teus pais” (DEUTERONÔMIO 30.9).

Há perspectiva de que a árvore desde as raízes até o fruto é um símbolo na Torá, que passeia no imaginário durandiano como um arquétipo abrangente, pois encontram nos regimes, diurno e noturno do imaginário.

O *schème* que é a tendência dos gestos inconscientes e suas representações permeia toda imagem da árvore. As sementes são engolidas pela terra dividindo assim sua existência em morrer para depois viver, transformada em árvore; desce semente e sobe árvore; tornando-se alimento para a humanidade e aqui de acordo com o nosso desejo de estudo para a cultura judaico-cristã torna-se alimento pelos frutos. Compreendemos a presença do arquétipo da mãe que possui o alimento e propicia o aconchego; também o arquétipo do chefe, presente em uma

---

<sup>3</sup> ENCICLOPEDIA DA BIBLIA. DRANE. John [org]. São Paulo: Paulinas. Ed. Loyola. 2009

<sup>4</sup>ENCICLOPÉDIA DE LA BÍBLIA. Sexto volumen Ediciones Garrida, Q-Z, Distribuidor exclusivos paseo de gracia, 24 Barcelona. Ediciones GARRIGA, SA. Barcelona.1965. p.563

imaginação simbólica da verticalidade humana.

Das sementes, aos frutos, a árvore peregrina pelos *schèmes* e arquétipos do imaginário. Pelo *schème* rítmico temos na árvore o ciclo da vida, a árvore se relaciona com os elementos da natureza, água, terra, ar e fogo para que reviva em outras árvores pelos seus frutos. A imagem da árvore na Torá faz aparecer todos esses sentidos devido à trajetividade. A árvore “Também é fundamental, [...] sua seiva e o orvalho celeste, os seus frutos concedem a imortalidade [...] ao estado edêmico e primordial” (PONTES, 1998 p.203)

Na sensibilidade dos indivíduos e da cultura judaico-cristã entendemos a imagem da árvore na Torá em um isomorfismo de *schèmes*, arquétipos, símbolos e

mitos. A convergência simbólica acontece e estrutura-se nos regimes do imaginário, organizam e dinamizam a cultura judaico-cristã.

Os mitos revelam uma orientação cultural por meio da representação imaginária.

Isto me pareceu bem; de maneira que tomei, dentre vós, doze homens, de cada tribo um homem. E foram-se, e subiram à região montanhosa, e, espiando a terra, vieram até o vale de Escol, e tomaram do fruto da terra nas mãos, e no-lo trouxeram, e nos informaram, dizendo: É terra boa que nos dá o Senhor, nosso Deus (DEUTERONÔMIO, 1.23-25).

“Depois vieram até o vale de Escol, e dali cortaram um ramo de vide com um cacho de uvas, o qual trouxeram dois homens sobre uma verga: como também romãs e figos.” (NÚMEROS 13.23). O texto presente trata dos frutos colhidos pelos espias enviados por Moisés à terra prometida. Compreendemos aqui uma representação dos mitos do paraíso, do recomeço na nova terra, da cidade natal, do melhor lugar do mundo, do amor a terra, pois é dádiva divina. Como também do novo nascimento e de uma nova oportunidade de vida.

A árvore símbolo de Ascensão, nesse texto, mostra-se numa estrutura que no imaginário “Esquemas e processos de transcendência exigem um processo dialético: a intenção profunda que os guia é intenção polêmica que os põe em confronto com os seus contrários” (DURAND, 2001, p158). O povo compreendia que as vitórias nos frutos colhidos advinham da obediência ao Senhor, a sua palavra era a lei. Remete ao mito da palavra de Deus como lei para a cultura judaico-cristã. O obedecer à palavra era a arma, uma arma espiritual, de combate, de enfrentamento, de vencer a angústia do tempo e da morte. As árvores com frequência eram usadas como instrumentos de ação de Deus. Tanto para castigar quanto para presentear. “O poeta tem comunicação secreta com o sofrimento do homem” (PABLO NERUDA 1904-1973).

Lançarás muita semente ao campo; porém colherás pouco, porque o gafanhoto a consumirá. Plantarás vinhas, e não cultivarás, nem colherás as uvas; porque o bicho as colherá. Em todos os teus termos terás oliveiras, mas não te ungrás, com azeite; porque azeitona cairá da tua oliveira (DEUTERONÔMIO 28. 38-30). Levítico 26.20 ‘E debalde se gastará a vossa força; a vossa terra não darei a vossa novidade, e as árvores da terra não darão o seu fruto’ (LEVÍTICO 26.20); ‘E semeou Isaque naquela mesma terra, e colheu naquele mesmo ano cem medidas, porque o senhor o abençoava’ (GÊNESIS 26. 12).

Chamamos a atenção nos textos que fazem referência à benção, a qual dependia da obediência ao Senhor Deus da cultura. Essa era a arma usada para vencer sempre, em todos os aspectos da vida e na provisão dos frutos da terra e descendência. Como todos os povos agrícolas, a vida sempre gira em torno de plantar e colher, a sega o ponto culminante da vida humana. Há no calendário de Gézer uma importante descoberta literária datada do século X a.C. É uma das inscrições hebraicas mais antigas onde se indica os meses da colheita e a relação das sementes e os frutos (ENCICLOPEDIA DE LA BIBLIA, 1965).

## **5.2 O tempo de plantar e a transcendência**

Conforme Enciclopédia Bíblica (2009), os labores da sementeira começam no outono, quando se plantam os cereais, mas pode-se semear em janeiro e até fevereiro aproveitando a falta de chuva. Na relação das sementes com os frutos “Gilbert Durand diz que toda transcendência se acompanha de métodos de distinção e de purificação” (PITTA, 1995, p.7).

É na relação das sementes com os frutos que faz o ser humano transcender. Essa transcendência se dá nos caminhos do dia a dia do nosso viver. Consideremos que no nosso lar/espço sagrado podemos plantar um jardim; dedicando-nos o tempo necessário antes da chegada dos frutos.

Provavelmente das relações que acontecem na nossa casa, nosso primeiro espaço sagrado, construímos outros espaços sagrados como os templos. Ou seja, a forma de nos relacionarmos que temos em nossas primeiras imagens no lar, na infância será transportada para nosso viver tendo em vista o nosso desejo de nos relacionarmos com outros nos espaços sociais proporcionados pela cultura.

A religião é experiência do encontro com o sagrado. Por exemplo, quando estamos diante de um texto sagrado no sentido re-liga (re-ligare) o texto revela algo que está em nossas entranhas e mobiliza nossas memórias mais ancestrais, memória humana (FERREIRA–SANTOS, 2010).

O imaginário é um sistema organizador de imagens, cujo papel fundador é o de mediar à relação do homem com o mundo, com o outro e consigo mesmo. Essa função fantástica do imaginário acompanha os empreendimentos mais concretos da sociedade, modulando até a ação social e a obra estética. A mitologia é primeira em relação a qualquer metafísica, mas também ao pensamento objetivo (GOMES, 2010, p.10).

Compreendendo as religiões numa visão mítica, cuja relevância consiste nos relacionamentos e que na cultura judaico-cristã o ser humano pode ser identificado com o símbolo estudado, a árvore na Torá e, como toda árvore, deseja dar fruto para continuar a existência e que para isso a árvore se relaciona com o cosmos, com todos os elementos da natureza para continuar viva; além de fornecer o oxigênio para a humanidade.

Consideremos também que somos seres de relação; portanto a religião pode promover esta relação da pessoa com o transcendente, com os outros, com a família, amigos, vizinhos, colegas de trabalho, ou seja, os relacionamentos de uma maneira geral; o encontro é o começo do nosso sagrado para a transcendência. Talvez dessa maneira de perceber o mundo e nossas relações, sejamos árvores que fornecem o oxigênio para a vida dos outros.

Nossos lares transcendem nos frutos produzidos, fazem-se necessários o plantio de sementes para os frutos que se quer colher. “[...] colhem-se, porventura uvas dos espinheiros ou figo dos abrolhos?” (MATEUS 7.16)

Apreciando que, além disso, a busca pelo sagrado compreende o fenômeno religioso e na religião procura-se tanto o encontro, como a capacidade para transcender nas relações, o ser humano necessita aprender a conviver como humano, observando no humano as singularidades, bem como as diferenças e estabelecer diálogo.

Não estou dizendo que a religião é apenas imaginação, apenas fantasia. Ao contrário estou sugerindo que ela tem o poder, o amor, e a dignidade do imaginário Mas para elucidar declaração estapafúrdia, teríamos de dar um passo atrás até lá onde à cultura nasceu e continua a nascer. Por que razões os homens fizeram flautas, inventaram danças, escreveram poemas, puseram flores nos seus cabelos e colares nos seus pescoços, construíram casas, pintaram-nas de cores alegres e puseram quadros nas paredes? (ALVES, 1984, p.31).

Segundo Alves (1984), foi o ser humano que criou as danças, a arte, os poemas, a flauta, todavia se fosse apenas orientado pelos fatos onde estariam essas coisas belas acima citadas? A imaginação ficou grávida para que nascesse o mundo cultural. O que as pessoas em geral buscam é o que lhes dão esperança, é um projeto que muitas vezes não é pensado racionalmente e está no inconsciente; aspira ao desejo e ao amor para suas vidas, porém os fatos são a realidade, e a

religião surge como hipótese, apostando que o mundo tem a mesma face, a face humana. “Que ciência poderia construir tal horizonte? São necessárias as asas da imaginação para articular os símbolos da ausência”(ALVES, 1984, p.34). Acontece que o ser humano vive no cotidiano negando os imperativos imediatos do corpo. “Há situações em que se pode plantar jardins e colher flores. Há outras situações, entretanto em que os objetos do seu amor só existem através da magia da imaginação...” ( ALVES, 1984, p. 21). O que o homem busca é sentido de viver, e nessa busca se o perde e adocece, pois além do pão os homens vivem dos símbolos, pois estes possuem afetividade e poder.

Pode-se dizer que o símbolo não é do domínio da semiótica, mas daquele de uma semântica especial, o que quer dizer que possui algo mais que um sentido artificialmente dado e detém um essencial e espontâneo poder de repercussão. (DURAND, 2001, p31).

Percebemos a grandeza do caráter do símbolo, pois possui esse algo a mais que um sentido, e pode ser percebido com facilidade; o símbolo no nosso imaginário percorre o inacessível a razão e, no sensível, projeta resposta para o ser humano.

O aspecto simbólico atravessa todo o processo de construção e reconfiguração de nosso imaginário sobre a transcendência. Nós pensamos experienciamos e imaginamos o que seja o Mistério do divino sempre recorremos a uma série de representações ou imagens do divino, frequentemente marcadas pela força dos símbolos e arquétipos forjados e vividos nos tempos de nossa infância e que nunca passaram completamente pela reflexão (MARDONES, 2006, p.181).

O livro de Êxodo conforme Santos (1957), nos retrata as sementes tardias que se referem ao delta do Nilo em que o milho se enraizava em março ou abril. Consideremos a brevidade da vida e tentemos apaziguar os limites do tempo pelos frutos que podem como observamos na imagem da árvore renascer pelos frutos; os nossos frutos nos fazem renascer para a vida pulsante da humanidade, ainda que seja semente tardia, que copia da própria árvore a verticalidade, as sementes insistem em germinar, nascer, crescer.

Contei meus anos e descobri  
Que terei menos anos e descobri  
Que terei menos tempo para viver do que já tive até agora...  
Tenho muito mais passado do que futuro...  
Sinto-me como aquele menino que recebeu uma bacia de jabuticabas...  
As primeiras ele chupou displicentemente...  
Mas percebendo que faltam poucas, rói o caroço.

Já não tenho tempo para lidar com mediocridades.  
 Inquieto-me com os invejosos tentando destruir quem eles admiram.  
     Cobiçando seus lugares, talento e sorte  
 Já não tenho tempo para administrar melindres de pessoas  
 As pessoas não debatem conteúdo, apenas rótulos.  
 Meu tempo tornou-se escasso para debater rótulos  
     Quero a essência  
     Minha alma tem pressa  
     Sem muitas jabuticabas na bacia  
 Quero viver ao lado de gente humana... Muito humana...  
     Que não foge de sua mortalidade.  
 Caminhar perto de coisas e pessoas de verdade.

RUBEM ALVES (2011)

### **5.3 Sementes e caroços novas árvores**

“Então disse José ao povo: Eis que hoje vos tenho comprado a vós e a vossa terra para faraó; eis aí tendes sementes, para vós para que semeéis a terra [...]” (GÊNESIS 47.23) “Vários estudiosos do imaginário dizem que o homem não faz senão repetir o ato de criação; o calendário religioso comemora no espaço de um ano todas as fases que ocorreram desde as origens” (PITTA, 1995, p9).

Segundo Ferreira-Santos (2011), um dos maiores problemas da humanidade é preparar as novas gerações para enfrentarem os problemas que a nossa não conseguiu resolver e outros que virão. Apesar das inovações e o avanço de conhecimentos em diversas áreas, o que existe hoje já é obsoleto.

Precisamos ensinar a voar, sonhar, contemplar a beleza que existe naquilo que nos rodeia. Na resistência da árvore, consideremos que a humanidade pode resistir ao bombardeio de conhecimentos sem deixar de sonhar, respirar.

No final da segunda grande guerra fora lançada a primeira bomba atômica em Hiroshima e depois em Nagasaki (Japão) pelos EUA. Na tentativa de calcular os números de mortos estimam-se 220 mil, juntando os mortos das duas cidades. A ginkgobiloba planta de origem chinesa e símbolo de paz e longevidade sobreviveu às explosões atômicas. Essa planta surgiu há mais de quatro mil anos; todavia os paleontólogos datam duzentos mil anos. Eis o ser belo que emerge diante de uma das armas humanas destruidoras mais poderosas. Temos diante da humanidade um símbolo que emerge das cinzas, que não desiste, sem falar dos benefícios que a planta possui para o bem da humanidade logo é a imagem cósmica que se impõe que emerge. Vejamos:

Nesta articulação de imaginação e memória, a liberdade da criação atualiza sonhos e angústias na memória da humanidade. Uma invariância arquetípica confere unicidade à multiplicidade de formas culturais nos espaços geográficos e nos tempos históricos, através de um tempo primordial. Uma imagem cósmica se impõe na percepção de nossa situação existencial e de nossa finitude (FERREIRA-SANTOS, 2001, p.6).

Surge o broto, o rebento novo, que revela a persistência na vida no existir. Fruto de quem não desiste. Assim devemos despertar através do ensino aos nossos filhos, netos, alunos e discípulos, a sensibilidade ao tratar do solo; eles devem ser ensinados quanto ao manejo na terra, preço para obter resultados futuros. Todavia eles podem ser ensinados com liberdade de consciência, de desejo, de vontade de plantar para que como pardais que não servem para ficar em gaiolas possam voar livremente para a felicidade.

Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas.  
Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo.  
Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser.  
Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de serem pássaros.  
Porque a essência dos pássaros é o voo.  
Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados.  
O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar.  
Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros.  
O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.  
RUBEM ALVES (2011)

As árvores, em um simbolismo de uma participação propedêutica para a aprendizagem, deixam os pássaros fazerem seus ninhos nela e partem quando desejarem. O certo é que outros pássaros virão para o que tem a firmeza em desvelar o alto, a coragem para deixar livre, e da árvore aprende o silêncio que fala alto, mais alto que o grito. No imaginário temos um modelo que constitui “Um processo mítico que se manifesta pela redundância imitativa de um modelo arquetipo” (DURAND, 2004, p.74).

Os cereais eram semeados com a mão direita, a qual levava a semente colocada em um saco colocado ao lado esquerdo e, depois, passavam o arado para cobrir a semente. As sementes estavam do lado do coração<sup>5</sup>. Para a cultura judaico-cristã podemos através de figura retórica bíblica perceber como a família era descrita. A mãe como ‘videira frutífera’ e os filhos como ‘rebentos da oliveira’ perto da árvore paterna conforme (SALMO 128.3). Cabia aos pais à responsabilidade de

educar (DEUTERONÔMIO 11.19; 32-46), mas até os cinco anos a mãe tinha papel principal muito embora por toda vida a aprendizagem ocorresse no cotidiano.

A raiz era a família, o que se dizia em casa era a lei observada como frutos de um trabalho que não abre mão da labuta diária. A árvore na Torá é a imagem expressão de vida em sentido amplo do símbolo. Envolve a cultura judaica - cristã Mitos assim como os seres humanos necessitam do oxigênio para viver. Da árvore e seu mundo natural-real a cultura judaica - cristã colhe os frutos da aprendizagem para a existência ao ponto do próprio ser humano ser comparado à árvore. ( SALMOS 1). Assim, nesse desvelar do símbolo, transcende-se, deseja-se subir além do horizonte e das estrelas em uma contemplação em que o olhar se perde. Ao que nos parece à cultura judaica - cristã, continua a aspirar uma entrada nos céus, no paraíso, em um descanso ou lugar de paz em toda extensão dessa palavra; um lugar onde habita a transcendência.

---

<sup>5</sup>ENCICLOPÉDIA DE LA BÍBLIA. Sexto volumen Ediciones Garrida, Q-Z, Distribuidor exclusivos paseo de gracia, 24 Barcelona. Ediciones GARRIGA, SA. Barcelona.1965. p.563

Mudam-se os tempos,  
Mudam-se as vontades,  
Muda-se o ser, muda-se a confiança;  
Todo o mundo é composto de mudança,  
Tomando sempre novas qualidades.  
Continuamente vemos novidades  
Diferentes em tudo da esperança,  
Do qual ficam as mágoas na lembrança,  
E do bem, se alguém houve as saudades.

LUIZ DE CAMÕES

Contemplamos a esperança de semearmos sementes cujos frutos do entardecer sejam boas recordações, boas lembranças que deixam saudades.

#### **5.4 Plantar resultam em festa, em transcendência**

Os primeiros frutos eram oferecidos a Deus, e levado à casa do Senhor. Moisés recebeu de Deus a ordem e fez o povo saber. Quando nessa experiência com o seu Deus, ao sair do local seu rosto brilhava, todavia, ele não sabia.

As primícias dos primeiros frutos da tua terra trarão a casa do Senhor teu Deus; [...]” (ÊXODO 34.26) “Moisés havia descido do monte e o povo via o rosto de Moisés brilhar [...]”. “[...] Moisés não sabia que o seu rosto

resplandecia depois que falara com ele.” (ÊXODO 34, 29). “A festa dos tabernáculos guardarás sete dias, quando colheres da tua eira e do teu lagar. E na tua festa te alegrarás, tu, e teu filho, e tua filha, e o teu servo, e a tua serva, e o levita, e o estrangeiro, e o órfão, e a viúva, que estão nas tuas portas para dentro. Sete dias celebrarás a festa ao Senhor teu Deus [...] (DEUTERONÔMIO, 16. 13-15).

Gilbert Durand esclarece que “toda transcendência acompanha métodos de distinção e de purificação”. (DURAND(2001) apud (PITTA,1995,p7). Desta forma eram as primícias que eram oferecidas ao Senhor, ou seja, os primeiros e os melhores frutos.

Lembramos que a festa dos tabernáculos recebeu esse nome quando os israelitas celebravam esta solenidade porque viviam em tendas. Embora no começo celebrassem os frutos das colheitas. Em Deuteronômio no princípio a ordem era que nessa festividade fossem preparados banquetes em família, e que fossem convidados os levitas e os pobres; depois agradeciam no santuário, uma festa que duravam sete dias.

Esta solenidade chamada festa de *Yahweh*<sup>6</sup>. Posteriormente os israelitas a celebravam desde quinze a vinte um do sétimo mês no qual nos primeiros dias eram coletados e oferecidos os frutos melhores das árvores; assim como pomares, ramos e espessa folhagem.

Conjecturamos que por ser uma cultura agrícola, a vida agrária era ensinada de pai para filhos, do como arar a terra, preparar o solo para receber as sementes, do trabalho, da espera pelo tempo da colheita tem nos frutos seus resultados que podem ser festejados.

Ao pesquisar o símbolo da árvore na Torá resultamos em uma hipótese de que essa árvore além de caminhar nos dois regimes do imaginário também contempla todas as estruturas simbólicas dos regimes quando atreladas a terra, ao fogo, ao ar e a água, e a outros símbolos e arquétipos do cosmos. Ainda que nessa pesquisa não tivéssemos espaço nem tempo para tais reflexões.

Consideramos que conforme a calma e firmeza do símbolo da árvore na Torá se aceite a condição humana, buscando descansar em respostas apaziguadoras que traduzem respostas a existência e a sombra das árvores encontremos descanso, ali também estão à casa de pássaros de todas as cores; cigarras que chamam a atenção com seu canto e abelhas que produzem mel , que faz bem a saúde e onde também é refúgio das borboletas e abrigo para animais e homens.

---

<sup>6</sup> YAHMEH, O tetragrama, ou quatro letras, YHMH. É o nome de Deus como Deus de Israel. Enciclopedia de La Bíblia, 1965. Senhor, Deus. Disponível em <http://www.chavesdenoch.org/hotmail/hebraico.hotmal>

## Referências

ABELLA, Ignacio. **Lá magia de los árboles**. Barcelona: Oasis producciones Generalis de Comunicacion, 2001.

APARICIO, Delia Teresa Fernandes. **Antologia del arbol**. Recopilacion de conocimientos botânicos, e geográficos, económicos, históricos e instructivos referente ao arbol. Buenos Aires: Taller de impresiones oficiales. 1942

ALVES, Rubem Azevedo, **O que é religião**. São Paulo: Abril cultural, 1984

-----, **Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas**. Disponível em <http://pensador.uol.com.br>. Acesso dia 01/de setembro de 2011

-----, **Contei os meus anos e descobri que...** Disponível em <http://pensador.uol.com.br> Acesso em 25 de setembro de 2011.

-----, O pai. Disponível em: <Http://Rubemalves.locaweb.com.br>  
Acesso em: 20 de agosto de 2011.

BACHELARD, Gaston, **A chama da vela**. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil  
A.S.1989

-----, **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro.  
Contraponto. 1996

-----, **O ar e os sonhos**: ensaios sobre a imaginação do  
movimento , São Paulo: Martins Fontes, 2001.

-----, **E a imaginação material e dinâmica**. Disponível em:  
<http://abralic.org.br/cong2008/anais/simposio/pdf/044/>

-----, **A água e os sonhos**. Ensaio sobre a imaginação da  
matéria. São Paulo. Martins Fonte, 1998.

-----, **A poética do devaneio**. Martins fontes. São Paulo. 2006

BARROS, Manoel. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro- São Paulo: Editora  
Record. 2000.

BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA. São Paulo e Barueri: Cultura Cristã e  
Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BÍBLIA DE ESTUDO VIDA. Almeida Revista e Atualizada. São Paulo: Editora Vida,  
1999.

BILAC, Olavo. Velhas árvores in **Nova antologia brasileira da árvore**. Maria Tereza  
Cavalheiro. São Paulo. Itacema, Conselho Estadual de cultura:1974.

BRANDÃO Carlos Rodrigues. **O que é educação**. Coleção primeiros passos. São  
Paulo: Editora brasiliense,1985.

CAMÕES, Luiz. Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades. Disponível em:  
<http://poemasdomundo.wordpress.com> Acesso em 01 de agosto de 2011

CAMURÇA, Marcelo. **Ciências sociais e ciências da religião**: polêmicas e  
interlocuções. São Paulo: Paulinas, 2008.

CAVALHEIRO, Maria Tereza. **Nova antologia brasileira da árvore**. São Paulo: livrarias editora Iracema LTDA. 1974.

CASSIRER, Ernst. Ensaio Sobre o Homem. Uma introdução a uma filosofia da Cultura Humana. Ed. Martins Fonte, São Paulo. 1994

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito** – SP: Palas Athena, 1990

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5.ed. SP: Prentice Hall, 2002.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 2 ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2008.

COSTA, Julia Câmara da. **Árvores e pilares cósmicos nas cosmogonias indianas, na apocalíptica persa e em casos específicos indo-europeu**. UERJ – VII Jornada de História, 20-24 de agosto 2007 vida, morte e magia no mundo antigo.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. SP: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

-----, **As estruturas antropológicas do imaginário**: Introdução a arquetipologia geral. SP: Martins Fontes, 2001.

-----, **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Tradução René EveLevié. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004.

-----, **Ciência do homem e tradição**: o novo espírito antropológico. 1 ed. São Paulo: TRIOM, 2008.

EXUPÉRY, A. de Saint. **El principito**. Barcelona. Editora mexicanos Unidos. 1985.

ELIADE, Mircea. **Mito y realidade**. Chicago. Colección Labor Nueva serie. 1962

----- **Mito e realidade**. São Paulo: Editora perspectiva. 1972

----- **Imagens e símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

-----, **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ENCICLOPEDIA DA BIBLIA. DRANE. John [org]. São Paulo: Paulinas. Ed. Loyola. 2009

ENCICLOPEDIA DE LA BÍBLIA. Primer Volumen A-B Distribuidor exclusivos paseo de gracia, 24 Barcelona. Ediciones GARRIGA, SA. Barcelona.1965.

ENCICLOPÉDIA DE LA BÍBLIA. Sexto volumen Ediciones Garrida, Q-Z, Distribuidor exclusivos paseo de gracia, 24 Barcelona. Ediciones GARRIGA, SA. Barcelona.1965. p.563

EPICURO Carta sobre a felicidade (a Meneceu). São Paulo-SP Editora da UNESPE. 2002

FERREIRA-SANTOS, Marcos. **Práticas Crepusculares**: Mytho, Ciência e Educação no Instituto Butantan – Um estudo de Caso em Atropologia Filosófica. São Paulo: FEUSP, Tese de doutoramento,ilstr. 2vols.1998.

-----**A cultura das culturas**: Mytho e antropologia da educação. Caderno de educação. FaE/EFPeI, Pelotas. 2002. jan/jun.135-152.

-----**O espaço crepuscular**: Mithohermenêutica e jornadas interpretativas em cidades históricas. In: Danielle Perim Rocha Pitta. (org.). Ritmos do imaginário. Recife: Editora Universitária UFPB, 2005. p. 59-99.

----- **Práticas crepusculares**. In: PITTA, Danielle Perim Rocha (org).**Ritmos do Imaginário**. Recife: Editora Universitária. UFPE.2005. p 59-99

-----**Mitohermeneutica de la creación**: arte, processo identitário y ancestralidade.. In Marián López Fernandes-Cao. (org.) Creación y Posibilidad, Aplicacionesdel arte em laintegracion social. Madrid. Editorial Fundamentos. 2006, p. 197-242.

-----**O corpo e a identidade feminina**. FEUSP/EDA 2º seminário da mulher 3 a 8 de março de 2007. 1ª Conferência de políticas públicas para as mulheres.

-----O sagrado e a religiosidade na educação: caminhando com Nikolay Berdyaev..in-----**Educação e imaginário:** imaginários da diferença. Org. FERREIRA-SANTOS.Marcos, GOMES, Eunice Simões Lins. João Pessoa. Editora universitária. 2010. Cap 1.p 17-86

-----**Novas mentalidades e atitudes:** diálogo com a velha educação da sensibilidade. Disponível em: [WWW.NossoSãoPaulo.com.br](http://WWW.NossoSãoPaulo.com.br) 2011, acesso em 20 de setembro de 2011.

FILORAMO, Giovanni. PRANDI Carlos. **As Ciências das Religiões**. São Paulo: Paulus,1999.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro. Editora LTC.1989.

GIRARD, Marc. **Os símbolos na Bíblia:** ensaio da teologia bíblica enraizada na experiência humana universal. SP: Editora Paulus, 1997.

GOMES, Eunice Simões Lins. **A catástrofe e o imaginário dos sobreviventes:** quando a imaginação molda o social- João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

-----**As lendas nos livros didáticos**. In FERREIRA-SANTOS, Marcos e GOMES, Eunice Simões Lins (orgs). Educação e religiosidade. Editora Universitária: João Pessoa 2010. P. 119-137.

-----**A palavra de Jesus:** Uma Mitocrítica do Evangelho de Marcos. In Fabrício Possebon (org.) O Evangelho de Marcos. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2010. .p. 9-23.

GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando; GOMES, Eunice Simões Lins. **Malhação:** corpo juvenil e imaginário pós-moderno. João Pessoa: Ed.UFPB, 2010.

JUNG, Carl Gustave, **A vida simbólica**. Petrópolis: RJ: Vozes, 2008.

MARDONES, José Maria, **A vida do símbolo:** A dimensão simbólica da religião. São Paulo: Paulinas, 2006.

MIELE, Neide. AMADO, André MIELE. **Mitologia Nórdica**. João Pessoa: Editora universitária. 2011

MUNDOESTRANHO. Como nascem, crescem, vivem e morrem as árvores. Disponível em: [mundoestranho.com.br](http://mundoestranho.com.br) Acesso em : 25 de outubro 2011

NERUDA, Pablo. GRANDES ENTREVISTAS. Disponível em: [www.tirodeletra.com.br](http://www.tirodeletra.com.br) Acesso em:/setembro de 2011.

-----**Tu eras também uma pequena folha.** Disponível em [www.http://poesias depablonerudasobreaves.com.br](http://www.poesiasdepablonerudasobreaves.com.br) . Acesso em 01 de outubro de 2011.

OTTO, Rudolf, **O sagrado**: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Petrópolis: Vozes, 2007

OTTERMANN, Monika. **Vida e prazer em abundância**. In: O Imaginário Feminino da Divindade. MANDRAGORA.Org. Revista do núcleo de estudos teológicos da mulher na América Latina. UESP. Universidade Metodista de São Paulo -São Bernardo do Campo Ano XI, nº 11, p40-56. 2005.

O MITO DE ÍCARO. Disponível: [www.http://abracasobrevoar.blogspot.com](http://abracasobrevoar.blogspot.com) Acesso em 21 de outubro de 2011.

PITTA, Daniele Perin Rocha. **Iniciação á Teoria do imaginário de Gilbert Duran**. Rio de janeiro, Atlântica editora. 2005.

POSSEBON, Fabricio. **TÒ THAUMASTÓN: O MARAVILHOSO**: Introdução ao pensamento grego arcaico. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB/ Zarinha Centro de Cultura, 2008.

PONTES, Maria do Rosário. **A árvore: um arquétipo da verticalidade** (contributo para um estudo simbólico da vegetação) Revista da faculdade de Letras línguas e literaturas. Porto XV. 1998.p. 197-219

SIMMONS, Rabbi Shraga. **O Homem é uma árvore**. [HTTP//WWW.aish.com/tubshvat/tubshvatdefault/man is\\_a\\_tree.asp](http://WWW.aish.com/tubshvat/tubshvatdefault/man_is_a_tree.asp) Acesso em 25 de julho de 2010

TEIXEIRA, M<sup>a</sup> Cecília Sanches. Pedagogia da imaginação imaginante; redefinindo o sentido da educação. **Revista olhar de professor**. Ponta Grossa, UEPG, 9(2), 2006, p.215-221.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches. ARAÚJO, Alberto Filipe. **GILBERT DURAND**:Imaginário e Educação . Niterói: Intertexto. 2011.

USARSKI, Frank. **Constituintes da ciência da religião**: Cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma. São Paulo: Paulinas, 2006.